Rosinalva Neres Rocha
Ricardo Alves Benitez
Andreia Alves Costa
(Organizadores)

Antes do Próximo Passo

Escrevivências para além do código e da programação



EDITORA
SCHREIBEN

Rosinalva Neres Rocha
Ricardo Alves Benitez
Andreia Alves Costa
(Organizadores)

ANTES DO PRÓXIMO PASSO

Escrevivências para além do código e da programação

EDITORA
SCHREIBEN

2026

© Dos Organizadores – 2026
Editoração e capa: Schreiben
Diagramação: Luiz Gustavo Bourscheid Luft
Imagem da capa: Inteligência Artificial (OpenAI/DALL·E), com direção editorial
Revisão: os autores
Livro publicado em: 06/11/2026
Termo de publicação: TP0982026

Conselho Editorial (Editora Schreiben):
Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)
Dr. Cleber Duarte Coelho (UFSC)
Dr. Daniel Marcelo Loponte (CONICET – Argentina)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR – Uruguai)
Dr. Fábio Antônio Gabriel (SEED/PR)
Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)
Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)
Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)
Dra. Marciane Kessler (URI)
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)
Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência e da apresentação das tabelas, quadros, mapas, fotografias e referências é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiben
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiben@gmail.com
www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A615 Antes do próximo passo : escrevivências para além do código e da programação / Rosinalva Neres Rocha, Ricardo Alves Benitez, Andreia Alves Costa (organizadores). – Itapiranga : Schreiben, 2026.
158 p. : il. ; e-book ; 16 x 23 cm.
Inclui bibliografia
E-book no formato PDF.
ISBN: 978-65-5440-793-9 [versão impressa]
978-65-5440-794-6 [Versão digital]
DOI: 10.29327/5986252
1. Educação – Relatos de experiências. 2. Ensino médio – Ensino profissional. 3. Estudantes – Narrativas pessoais. 4. Formação técnica. 5. Informática – Estudo e ensino. I. Rocha, Rosinalva Neres. II. Benitez, Ricardo Alves. III. Costa, Andreia Alves. IV. Título
CDD 370.7

Bibliotecária responsável Juliane Steffen CRB14/1736

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....7
Rosinalva Neres Rocha

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS.....9
Rosinalva Neres Rocha

ITAOBIM: TERRITÓRIO, CULTURAS, JUVENTUDES E PERMANÊNCIA ESCOLAR.....11
Rosinalva Neres Rocha

ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA DEYS LOPES JARDIM: UMA ESCOLA EM MOVIMENTO.....19
Rosinalva Neres Rocha

FOI DIFÍCIL, MAS EU CHEGUEI.....27
Nanda Mendes Santos

AQUI EU DESCOBRI O MEU POTENCIAL.....30
Heloyse Rocha Farias

QUANDO ACREDITARAM NO MEU POTENCIAL.....33
Viktor Gabriel Costa de Brito

A VIDA NOS DÁ MUITOS SONHOS PELA FRENTE.....36
Bruna Ferreira Veiga

COISINHA.....39
Ana Luíza Mendes Batista

QUERO ESTAR FELIZ EM VEZ DE FORTE O TEMPO INTEIRO.....45
Viviane Moreira de Almeida

ENQUANTO EU ESTIVER VIVO, POSSO RECOMEÇAR.....48
Pyetro Ribeiro Santana

AOS 21 ANOS EU CHEGUEI ATÉ AQUI.....53
Kaique Gonçalves Lemes

SE EU ME FORMAR VAI SER POR ELES.....56
Raquel Gonçalves da Silva

AINDA DÁ TEMPO DE RETOMAR O SONHO.....59
João Pedro Cardoso Murta

ENTRE O TRABALHO E O SONHO.....62
Silvany Junior Lemes Gomes

TENHO ORGULHO DE MIM MESMO.....65
Vitor Manoel Rodrigues Mota

SABEDORIA PARA PROSSEGUIR.....68
Brenda Cristina Amaral Santos

EU SÓ QUERO ESTAR BEM DE VIDA.....71
Cibelle Dias Carmona

A GENTE NUNCA VOLTA A SER A MESMA PESSOA.....73
Ketllyn Vitória Alves Santos

NEM TUDO O QUE VIVI CABE NAS PALAVRAS.....76
Daniel Medina Campos

NUNCA DEIXAR DE APRENDER.....79
Gisele Rodrigues Sousa

UMA PARTE DE MIM AINDA ESTÁ LÁ.....82
Nikelli Cardoso dos Santos

A MENINA MULHER QUE NÃO TEM MAIS MEDO.....85
Vitória Fernandes da Costa

A FELICIDADE DE CONSTRUIR NOVOS CAMINHOS.....88
Lívia Pereira Fernandes

MESMO SENDO TÃO DIFÍCIL EU CONSEGUI.....91
Lívia Maria da Silva Meneses

O SONHO AINDA ESTÁ EM CAMPO.....95
Rian Barbosa Andrade

EU GOSTO DE TRANSMITIR ALEGRIA.....98
Iury Santos Martins

PERSISTIR E TER FÉ.....102
Wanderson Almeida dos Santos

POSSO IR MAIS ALÉM DO QUE EU PENSAVA.....105
George Almiro Rodrigues

QUERO SEGUIR COM A INFORMÁTICA.....108
Mateus Dutra Murta

AOS POUCOS ESTOU CONSEGUINDO.....112
Igor Cavalcanti Santos

CONQUISTAR MEU ESPAÇO.....115
Kemmily Barbosa

MINHA ESSÊNCIA.....119
Ítalo Pereira Souza

CORRER ATRÁS DO QUE EU REALMENTE QUERO.....121
Gabrielly Santos Fróis

DESCOBRI QUEM EU SOU DE VERDADE.....124
Pedro Henrique Batista Rocha

FAÇA A SUA ARTE.....127
Gustavo Souza Santos

A VIDA ADIANTE NÃO VAI SER IGUAL ANTES.....133
Pedro Henrique Fortunato Marques Souza

A ALEGRIA DELA É VIR PARA A ESCOLA.....136
Escrevivência de Sandy Teixeira Santos, pelas memórias de sua mãe, Cida.

O SONHO QUE PERMANECE.....141
Yuri Rodrigues Moreira

ENTRE SONHOS, ESCOLHAS E APRENDIZADOS.....143
José Henrique Gusmão de Avelar

ENTRE A MATERNIDADE E OS CAMINHOS QUE AINDA VIRÃO.....145
Maria Eduarda Pinheiro Ramos

O SONHO CONTINUA.....147
Alane Vitória Lima de Oliveira

POSFÁCIO.....149
DO CHÃO DA ESCOLA PÚBLICA AO HORIZONTE DO MUNDO:
CARTA A VOCÊ, ALUNA E ALUNO.....149
Ricardo Alves Benitez

À PRIMEIRA TURMA CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO
EM TEMPO INTEGRAL – TÉCNICO EM INFORMÁTICA DA
E.E. PROFA. DEYS LOPES JARDIM.....152
Rosinalva Neres Rocha

REFERÊNCIAS.....155

ORGANIZADORES.....157

PREFÁCIO

Há momentos na vida que representam apenas o fim de um ciclo, com trajetórias que abrem espaço para o limiar de novos começos e recomeços. Concluir o Ensino Médio é um deles. Entre a despedida dos corredores da escola e a incerteza dos caminhos que se abrem, existe um tempo de reflexão, de memória e de reconhecimento. É nesse tempo que nasce esta obra.

Antes do Próximo Passo: escrevivências para além do código e da programação reúne narrativas de estudantes concluintes do 3º ano do Ensino Médio em Tempo Integral – Técnico em Informática da Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim. Mais do que um livro de recordações, esta publicação constitui um registro de vidas em movimento, de histórias que se entrelaçam e de juventudes que encontraram, na escrita, uma forma de preservar um pouco das suas experiências e compartilhar seus sonhos e desafios com os que virão.

Inspirada na perspectiva das escrevivências, conceito desenvolvido por Conceição Evaristo, esta obra compreende a escrita como expressão da vida vivida. Cada relato carrega marcas da infância, da família, da comunidade, da escola, das amizades, das dificuldades, das conquistas e das escolhas que moldaram a trajetória de cada estudante. São narrativas singulares que, reunidas, revelam a memória coletiva de uma geração.

Ao longo destas páginas, o leitor encontrará histórias de coragem, de persistência, de dúvidas, de recomeços e de esperança. Algumas são atravessadas por perdas e desafios; outras celebram descobertas e conquistas. Todas, entretanto, compartilham um elemento comum: a capacidade de transformar experiências em palavras e palavras em um legado que se imortaliza através da escrita.

O subtítulo para além do código e da programação traduz um convite à reflexão. Em um curso voltado à tecnologia, os estudantes aprenderam linguagens de programação, lógica e resolução de problemas. Contudo, descobriram que existem dimensões da existência que escapam a qualquer cálculo. Não há algoritmo capaz de medir a força de um sonho, a importância de um abraço, o impacto de um(a) professor(a) que acredita, o resultado de um projeto que constrói e transforma conhecimentos para além da sala de aula, a superação de um obstáculo ou o significado de uma oportunidade. A vida, felizmente, permanece maior do que qualquer sistema capaz de organizá-la.

Este livro também testemunha o compromisso da escola com uma educação que reconhece seus estudantes como sujeitos de conhecimento, de memória e de transformação. Ao registrar suas trajetórias, estas juventudes não apenas preservam lembranças; afirmam suas identidades, reconhecem os caminhos percorridos e deixam marcas para aqueles que ocuparão, nos próximos anos, as mesmas salas de aula, os mesmos corredores e os mesmos sonhos.

Registrar as vozes de uma geração que conclui o Ensino Médio Técnico em Informática, revelando os caminhos percorridos, os desafios enfrentados, os sonhos construídos e os sentidos que a escola assumiu em suas vidas é o nosso principal propósito nestas páginas.

Mais do que relatos autobiográficos, esta obra reúne escrevivências: narrativas em que cada estudante transforma suas experiências em memória, revelando não apenas sua trajetória individual, mas também os vínculos, os desafios, as aprendizagens e os sonhos construídos na família, na comunidade e na escola. Cada texto constitui uma voz singular; juntos, compõem a memória coletiva de uma geração que, mesmo diante dos desafios, das dificuldades, da gravidez na adolescência, da inserção precoce no mundo do trabalho e das crises existenciais, conclui o Ensino Médio Técnico em Informática da E.E. Profa. Deys Lopes Jardim.

Que cada página seja lida com a sensibilidade de quem compreende que toda juventude carrega uma história que merece ser escutada. E que estas escrevivências inspirem novos estudantes a acreditarem que suas experiências também possuem valor, potência e lugar na história.

Antes do próximo passo, estas juventudes decidiram olhar para trás não para permanecer no passado, mas para compreender o caminho percorrido, valorizar as superações e seguir adiante com mais consciência, esperança e coragem. Que o futuro encontre cada um(a) deles(as) preparado(a) não apenas para programar computadores, mas para escrever, todos os dias, novos capítulos de suas próprias vidas.

Rosinalva Neres Rocha

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

Antes que existissem computadores ligados, projetos desenvolvidos ou códigos digitais, existiam juventudes chegando pelos mais diversos caminhos. Alguns vinham da zona rural antes do amanhecer; outros atravessavam a cidade carregando expectativas que nem sempre conseguiam colocar em palavras. Antes do curso, existiam sonhos. E foi para que esses sonhos encontrassem novas possibilidades que esta história começou.

Alguns sonhavam em trabalhar na área da tecnologia. Outros ainda não sabiam exatamente qual caminho seguir. Havia quem nunca tivesse imaginado cursar uma universidade; quem apenas desejasse concluir o Ensino Médio; e quem, diante das dificuldades da vida, sequer conseguia sonhar com essa conclusão. O curso não uniformizou sonhos; ampliou horizontes, fortaleceu possibilidades e, para muitos, permitiu que o futuro deixasse de parecer inalcançável.

Foi nesse território, marcado por desafios históricos, por incertezas e superações, mas também por enorme potência humana, que nasceu o Curso Técnico em Informática da Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim.

E assim, este livro nasceu porque compreendemos que nenhuma turma deveria concluir sua trajetória levando consigo apenas fotografias de formatura. Era preciso preservar também as palavras, as memórias, as dúvidas, os afetos e os projetos de vida. Era preciso registrar aquilo que nenhuma ata escolar consegue contar.

Esta não é apenas uma turma de concluintes. É a primeira turma a concluir o Ensino Médio em Tempo Integral integrado ao Curso Técnico em Informática da Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim. Toda primeira turma carrega consigo um desafio singular: aprende enquanto ajuda a construir o próprio caminho. Inaugura práticas, enfrenta incertezas, celebra as primeiras conquistas e deixa marcas que orientarão aqueles que virão depois.

Rosinalva Neres Rocha
Outubro de 2026.

ITAOBIM: TERRITÓRIO, CULTURAS, JUVENTUDES E PERMANÊNCIA ESCOLAR[1]

Rosinalva Neres Rocha

Compreender as juventudes e suas relações com a escola pressupõe considerar os territórios nos quais suas experiências se constituem. A escola não se encontra apartada da cidade, tampouco recebe sujeitos cujas trajetórias começam quando atravessam seus portões. Modos de vida, condições econômicas, relações familiares, pertencimentos culturais, desigualdades, possibilidades de circulação e expectativas de futuro acompanham os estudantes e participam dos sentidos atribuídos à escolarização. Nessa perspectiva, Itaobim, município situado no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, não constitui apenas uma localização geográfica, mas um território atravessado por relações históricas, sociais e culturais que alcançam as experiências das juventudes e suas trajetórias escolares.

O Nordeste de Minas Gerais, embora não corresponda a uma divisão administrativa oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, tornou-se uma referência recorrente para a porção mineira próxima às divisas com Bahia e Espírito Santo. O território reúne características ambientais, econômicas, históricas e culturais que lhe conferem particularidades no interior do estado. Ao caracterizar o Vale do Jequitinhonha, Henriques (2018) chama atenção para elementos naturais e humanos que participam de sua constituição histórica, entre eles a aridez, o calor, os rios e as experiências de tropeiros, canoeiros, pescadores, artesãos, lavadeiras e romeiros. Mais do que componentes de uma paisagem regional, essas referências remetem a modos de existência, saberes, práticas e memórias construídos ao longo de gerações.

1 As reflexões deste capítulo foram inspiradas em discussões presentes na dissertação de mestrado de Rosinalva Neres Rocha, intitulada *As culturas juvenis e os sentidos da escola pública para jovens do ensino médio em um município do Nordeste de Minas Gerais*, defendida na Universidade Federal de Lavras (UFLA), em 2024. Disponível no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/1140636) e no Repositório Institucional da UFLA (https://repositorio.ufla.br/handle/1/59886).

Itaobim insere-se nesse espaço e mantém com o Rio Jequitinhonha uma relação que ultrapassa a dimensão hidrográfica. O município também é atravessado pelos ribeirões São João e São Roque e pela BR-116, importante eixo de circulação nacional. A presença do rio, das estradas e das diferentes formas de ocupação do espaço participa da constituição da cidade e das maneiras pelas quais seus habitantes estabelecem relações com o território.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística apresentam Itaobim como município de pequeno porte populacional, com população estimada em 19.151 habitantes, área aproximada de 679,024 km², densidade demográfica de 28,20 habitantes por quilômetro quadrado e taxa de escolarização de 98,7% entre crianças e adolescentes de 6 a 14 anos. O Índice de Desenvolvimento Humano registrado é de 0,629 (IBGE, s.d.). Embora contribuam para uma caracterização inicial do município, esses indicadores não expressam, isoladamente, a complexidade das relações que constituem o território. As oportunidades, os recursos e as condições de vida não se distribuem de maneira homogênea entre bairros, famílias e grupos sociais.

Essa compreensão é particularmente importante para evitar que o Vale do Jequitinhonha seja definido apenas por narrativas de pobreza e carência. As desigualdades socioeconômicas constituem parte de sua realidade, mas não esgotam a diversidade de experiências produzidas no território. Agricultura familiar, artesanato, práticas comunitárias, manifestações religiosas, festas, música, saberes tradicionais e diferentes formas de sociabilidade também compõem a vida regional. Trata-se, portanto, de um espaço no qual desigualdades e potencialidades coexistem e no qual tradição e transformação não constituem polos necessariamente opostos.

Canclini (2000) oferece elementos para compreender essa coexistência ao questionar concepções que tratam as culturas populares como sobrevivências imóveis de um passado ameaçado pela modernização. As práticas culturais se transformam quando entram em contato com novas formas de produção, circulação e consumo. Assim, atividades como o artesanato e a agricultura familiar podem preservar vínculos com memórias coletivas e, simultaneamente, assumir novas configurações diante das condições econômicas e culturais contemporâneas. Giddens (2002), por sua vez, permite compreender a tradição como algo que não se conserva simplesmente por repetição, mas que precisa ser continuamente reinterpretado nas relações sociais do presente.

Essas transformações tornam-se especialmente visíveis quando observadas a partir das juventudes. O território preserva marcas das ancestralidades indígena e quilombola e das experiências de canoeiros, tropeiros, agricultores e artesãos, ao mesmo tempo que se encontra atravessado por novas atividades econômicas,

tecnologias digitais e circuitos culturais que ultrapassam os limites municipais. A exploração mineral, inclusive de granito e lítio, passa a coexistir com formas tradicionais de produção e suscita questões relacionadas ao trabalho, ao desenvolvimento e aos impactos ambientais. Nesse cenário, as novas gerações estabelecem relações próprias com aquilo que recebem como herança cultural.

Não se trata, portanto, de colocar de um lado uma Itaobim tradicional e, de outro, juventudes supostamente afastadas dessa tradição. Hall (2011) contribui para romper com essa oposição ao compreender as identidades culturais como construções históricas que não permanecem definitivamente fixadas. Elas se constituem nas relações e nos deslocamentos, razão pela qual os pertencimentos podem assumir diferentes sentidos ao longo do tempo. Bhabha (2013) também permite compreender os encontros culturais como espaços de negociação e produção de novas significações, enquanto Canclini (2000) evidencia os processos de hibridização decorrentes do contato entre diferentes repertórios culturais.

As juventudes, nessa perspectiva, não são apenas receptoras de uma cultura previamente constituída. Elas selecionam referências, estabelecem identificações, recusam determinadas práticas, ressignificam outras e constroem formas próprias de participação cultural. Os repertórios herdados das gerações anteriores convivem com músicas, linguagens, imagens, comportamentos e formas de interação que circulam pelas redes digitais. O local não desaparece diante do global, mas passa a relacionar-se com ele de outras maneiras.

Essa relação pode ser percebida nas formas de participação juvenil em manifestações culturais do município e da região. Eventos como a Festa da Manga e o Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha, o Festivale, constituem importantes espaços de circulação da produção artística e cultural regional. Entretanto, entre as juventudes observadas em Itaobim, verificou-se menor identificação com determinadas atividades associadas às tradições locais, especialmente quando percebidas como mais próximas das gerações adultas. A presença juvenil mostrou-se mais evidente em situações nas quais existia alguma relação direta com apresentações, concursos ou atividades escolares (Rocha, 2025).

Esse distanciamento não deve ser confundido com ausência de cultura ou com simples perda de identidade regional. Ele pode revelar deslocamentos nas formas de pertencimento e participação. Bauman (2001) ajuda a compreender a fluidez das experiências culturais contemporâneas, enquanto Buckingham (2007) chama atenção para a importância assumida pelas tecnologias e pelas mídias na constituição das culturas juvenis. As juventudes não deixam necessariamente

de estabelecer relações com o lugar em que vivem, mas ampliam os espaços nos quais constroem vínculos, referências e formas de expressão.

Castells (2003), ao discutir as transformações produzidas pela sociedade em rede, contribui para compreender esse deslocamento. Parte das interações anteriormente concentradas nas ruas, praças e demais espaços públicos passa a coexistir com sociabilidades construídas em ambientes digitais. Em cidades pequenas, essa transformação não elimina a importância dos espaços físicos. Praça, escola, igreja, comércio, quadras, bares, eventos e orla continuam compondo a experiência cotidiana, mas deixam de concentrar todas as possibilidades de encontro e circulação cultural.

O território, entretanto, não oferece as mesmas possibilidades a todos os seus habitantes. As desigualdades sociais também se materializam na organização urbana de Itaobim. Menoita e Castro (2014) evidenciam características socioespaciais relacionadas à formação do município e às condições de determinados bairros. Diferenças econômicas entre áreas da cidade tornam visíveis fronteiras que não são apenas geográficas, mas também sociais e simbólicas. São Jorge, por exemplo, aparece associado a melhores condições econômicas, enquanto São Cristóvão e Esperança são identificados por condições mais populares. São Roque também se insere nessa configuração marcada por vulnerabilidades sociais.

Sales (2015) e Sposito (2005) contribuem para compreender que a relação das juventudes com os espaços urbanos envolve pertencimentos, apropriações, disputas e resistências. Os jovens não apenas circulam pela cidade: atribuem significados aos lugares, estabelecem territórios simbólicos e constroem sociabilidades. Quando determinadas fronteiras limitam essa circulação, restringem também possibilidades de encontro e participação social.

A discussão torna-se ainda mais relevante diante das situações de vulnerabilidade que atingem crianças, adolescentes e jovens. Menoita e Castro (2014) chamam atenção para violações de direitos existentes na região, inclusive aquelas relacionadas à exploração sexual de crianças e adolescentes. Tais condições contrastam com a riqueza natural e cultural do território e evidenciam desigualdades que não podem ser compreendidas apenas por indicadores econômicos.

Itaobim dispõe, por outro lado, de uma rede de instituições e serviços voltados à proteção social, à saúde, à educação e ao atendimento das juventudes e de suas famílias. Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi), Associação da Criança e do Adolescente de Itaobim (ASCAI), Casa da Juventude e organizações da

sociedade civil integram esse conjunto de possibilidades. A existência dessa rede de apoio amplia as condições de intervenção diante de situações que ultrapassam a competência de uma única instituição, embora dificuldades relacionadas aos recursos disponíveis, à participação das famílias, ao acesso aos serviços e à articulação entre políticas possam limitar o alcance das ações.

Gohn (2008) ajuda a compreender a relevância das redes de articulação e da ação coletiva diante de problemas que não podem ser enfrentados de maneira fragmentada, o que contribui com o reconhecimento da importância de espaços de convivência e apoio capazes de ampliar possibilidades educacionais e sociais para as juventudes. A presença de uma rede de proteção, portanto, não elimina as vulnerabilidades, mas cria condições para que diferentes instituições compartilhem responsabilidades diante de situações complexas.

É nesse ponto que território, desigualdade e escolarização se encontram de maneira mais evidente. As trajetórias escolares não se desenvolvem à margem das condições sociais vividas pelos estudantes. Necessidade de trabalhar para contribuir com o sustento familiar, gravidez na adolescência, envolvimento com o tráfico de drogas e discriminações de natureza racial, social e de gênero aparecem entre os fatores capazes de interferir na continuidade dos estudos (Rocha, 2025). Munanga (2015) contribui para compreender como desigualdades e discriminações se articulam na produção de processos de exclusão educacional, o que impede que o abandono seja explicado por uma única causa.

Essa compreensão desloca também a responsabilidade pelo abandono. Reconhecer os fatores sociais que atravessam a trajetória escolar não significa retirar do estudante e de sua família qualquer responsabilidade pela escolarização. Significa recusar explicações que individualizam ou apenas quantificam problemas produzidos em contextos marcados por desigualdades. Do mesmo modo, não é possível atribuir exclusivamente à escola a responsabilidade pela solução de situações que demandam políticas de assistência social, saúde, proteção de direitos, geração de renda e outras formas de atuação do poder público.

Nesse universo de intervenções, o investimento na busca ativa ganha maior potência quando articulado a uma concepção mais ampla de permanência. Localizar o estudante e promover seu retorno são medidas importantes, porém insuficientes se ele regressar à escola sem condições de acompanhar o percurso formativo, permanecer e concluir a etapa ou o nível educacional. Períodos de ausência podem produzir lacunas nas aprendizagens, avaliações pendentes, distanciamento dos colegas e fragilização dos vínculos com professores e com a própria instituição. O retorno físico, portanto, não corresponde automaticamente ao restabelecimento da trajetória escolar.

Essa distinção permite compreender que acesso, frequência, permanência, aprendizagem e conclusão da Educação Básica são dimensões relacionadas,

mas não equivalentes. A matrícula garante formalmente o acesso. A frequência expressa a presença do estudante. A permanência envolve condições para que essa presença se sustente ao longo do percurso. A aprendizagem atribui sentido pedagógico à continuidade, e a conclusão da Educação Básica representa a possibilidade concreta de concluir a etapa educacional.

A conclusão da Educação Básica assume particular relevância no Ensino Médio. Para juventudes cujas trajetórias são atravessadas por trabalho, dificuldades econômicas, responsabilidades familiares, conflitos territoriais e outras situações de vulnerabilidade, a conclusão da Educação Básica pode depender de intervenções sucessivas. Permanecer na escola, nesse caso, não corresponde a uma trajetória necessariamente linear. Há interrupções, retornos, recomposições e diferentes necessidades de acompanhamento que exigem intervenções e um olhar para além das normativas prescritas no currículo formal.

Essa compreensão modifica também a maneira de interpretar o papel da escola pública. A instituição não pode eliminar sozinha as desigualdades existentes no território, mas tampouco precisa assumir uma posição passiva diante delas. Ao acompanhar a frequência, realizar busca ativa, dialogar com famílias, articular-se com a rede de proteção e criar condições pedagógicas para a continuidade dos estudos, a escola intervém sobre aquilo que está ao alcance de sua atuação. Ao reconhecer quando uma situação ultrapassa seus limites, reafirma a necessidade de corresponsabilidade entre diferentes políticas e instituições.

Bourdieu (2001) permite compreender que a escola também está inserida nas relações de desigualdade presentes na sociedade e pode participar de sua reprodução. Entretanto, reconhecer esse processo não significa reduzir a instituição escolar a essa função. Em seu cotidiano, sujeitos provenientes de diferentes bairros, condições econômicas, experiências familiares e repertórios culturais se encontram. A escola pode, assim, constituir um espaço no qual diferenças se tornam visíveis e novas relações podem ser construídas.

Sposito (2005) amplia essa compreensão ao situar a escola entre os espaços de sociabilidade juvenil. Em municípios de pequeno porte, essa dimensão pode adquirir particular importância. Mesmo diante da ampliação das sociabilidades digitais, a escola permanece entre os poucos espaços nos quais diferentes juventudes convivem presencialmente de forma sistemática. Ela reúne sujeitos que talvez não compartilhassem os mesmos espaços em outras circunstâncias e, por isso, participa também da produção de pertencimentos, conflitos, negociações e experiências coletivas.

A relação entre escola e cidade, portanto, não se estabelece em sentido único. As desigualdades, as culturas, as fronteiras territoriais e as sociabilidades existentes fora da escola atravessam seus portões, mas as experiências construídas

no interior da instituição também retornam ao território por meio dos sujeitos que dela participam. A escola faz parte da cidade e a cidade está presente na escola.

Compreender Itaobim exige, por isso, afastar tanto a leitura que romantiza o território quanto aquela que o reduz às vulnerabilidades. O Vale do Jequitinhonha não pode ser compreendido somente por indicadores de pobreza, assim como suas juventudes não podem ser definidas exclusivamente pelas dificuldades que enfrentam. Há desigualdades, mas também produção cultural, pertencimentos, saberes, redes de solidariedade, de apoio, apropriações, recusas e resistências.

Da mesma maneira, as juventudes não constituem uma categoria homogênea. Jovens que vivem no mesmo município podem experimentar a cidade de formas profundamente diferentes. Bairro, condição econômica, relações familiares, gênero, raça, experiências escolares e possibilidades de circulação interferem nessas vivências. As culturas juvenis emergem justamente dessa pluralidade de relações e não podem ser reduzidas a uma identidade única atribuída a determinada faixa etária.

É nesse encontro entre território, culturas e diferenças que a permanência escolar precisa ser situada. O afastamento da escola não começa necessariamente no momento em que o estudante deixa de comparecer às aulas. Pode ser antecedido por dificuldades de aprendizagem, ausências recorrentes, enfraquecimento dos vínculos, conflitos e condições sociais que progressivamente tornam a escolarização mais difícil. A busca ativa adquire importância porque permite à escola intervir antes que esse afastamento se consolide, mas seu potencial depende da continuidade das ações que sucedem o retorno e de políticas de assistência à permanência estudantil para além da transferência de renda.

Garantir a permanência requer, portanto, olhar para a trajetória e não apenas para a presença. Requer identificar ausências, procurar o estudante, compreender as circunstâncias que interferem em sua frequência, mobilizar a família e a rede quando necessário, mas também assegurar possibilidades de recomposição do percurso escolar. Nessa perspectiva, a conclusão da Educação Básica não aparece apenas ao final do processo. Ela orienta as intervenções realizadas ao longo dele.

Pensar a conclusão da Educação Básica dessa maneira significa reconhecer que concluir o Ensino Médio constitui parte do direito à educação. Entre a matrícula e a conclusão existe um percurso no qual desigualdades podem ser reproduzidas ou enfrentadas. A escola não controla todas as condições que interferem nesse percurso, mas pode recusar a naturalização da ausência, do abandono e do fracasso escolar.

Assim, as relações entre Itaobim, suas juventudes e a escola pública revelam um território constituído simultaneamente por permanências e transformações.

Tradições culturais convivem com novos repertórios; espaços presenciais coexistem com redes digitais; fronteiras territoriais limitam determinadas circulações enquanto outros espaços possibilitam encontros; desigualdades produzem obstáculos, mas não anulam as formas de participação e resistência construídas pelas juventudes.

A escola encontra-se no interior dessas relações. Não é um espaço exterior ao território, chamado apenas a receber os efeitos das desigualdades, mas uma instituição que participa da vida social da cidade e estabelece com ela relações contínuas. Ao acolher diferentes juventudes, acompanha também diferentes formas de viver Itaobim.

Por isso, reconhecer as condições territoriais que interferem nas trajetórias escolares não significa transformar o território em destino. As desigualdades podem restringir possibilidades, mas não devem determinar antecipadamente quem permanecerá ou quem concluirá a Educação Básica. É precisamente nessa tensão que a atuação da escola adquire sentido.

Ao procurar o estudante que se afasta, a busca ativa afirma que sua ausência importa. Essa ação enfrenta desafios que envolvem a escola e as pessoas responsáveis pela busca, que ainda precisam de protocolos claros e seguros. Ao compreender as razões desse afastamento, reconhece que trajetórias escolares não podem ser explicadas por uma única causa. Ao mobilizar famílias e redes de proteção, admite que a garantia do direito à educação demanda responsabilidades compartilhadas. E, quando o retorno se articula às condições necessárias para que o estudante permaneça, aprenda e conclua, a busca ativa deixa de ser apenas uma resposta à infrequência e passa a integrar uma perspectiva de permanência orientada para a conclusão da Educação Básica.

Desse modo, compreender as juventudes de Itaobim implica reconhecer o território como dimensão constitutiva de suas experiências, sem aprisioná-las às condições que nele encontram. Entre o rio e a rodovia, entre as tradições e as culturas digitais, entre as desigualdades e as redes de proteção, entre os espaços da cidade e os espaços da escola, diferentes trajetórias juvenis são construídas. Garantir o direito à educação nesse contexto exige mais do que assegurar matrícula ou contabilizar frequência: exige criar condições para que essas juventudes possam acessar a escola, permanecer nela, aprender e concluir suas trajetórias escolares.

ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA DEYS LOPES JARDIM: UMA ESCOLA EM MOVIMENTO

Rosinalva Neres Rocha

A história de uma escola não se limita à data de sua criação, aos atos normativos que autorizam seu funcionamento ou às transformações ocorridas em sua estrutura física. Ela também se constitui nas relações estabelecidas com o território, nas pessoas que atravessam seus espaços, nas respostas construídas diante dos desafios e nas escolhas pedagógicas que, ao longo do tempo, passam a conferir identidade à instituição. Nessa perspectiva, compreender a Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim implica situá-la no município de Itaobim e, ao mesmo tempo, acompanhar os movimentos pelos quais a instituição ampliou sua presença no território e redefiniu progressivamente sua atuação educacional.

Localizada no bairro Guadalupe, na zona urbana de Itaobim, a escola surgiu em um contexto de necessidade de ampliação da oferta educacional no município. O terreno no qual foi construída foi doado por Bianor Pereira de Matos e Geralda Rodrigues Matos à Prefeitura Municipal entre 1998 e 1999, com a finalidade de contribuir para a redistribuição das matrículas que sobrecarregavam outras escolas da rede estadual. Inicialmente autorizada, em 2001, a funcionar como prédio II da Escola Estadual Irmãos Fernandes, a instituição adquiriu existência própria por meio do Decreto nº 42.324, de 30 de janeiro de 2002, publicado no Diário Oficial de Minas Gerais em 31 de janeiro daquele ano.

A escolha do nome também guarda uma dimensão comunitária. Entre os nomes apresentados à comunidade escolar estavam os das professoras Maria Natália Franco e Deys Lopes Jardim. A decisão ocorreu por votação, durante a apresentação de um projeto na Praça Afonso Martins, e resultou na escolha de Professora Deys Lopes Jardim, educadora que havia atuado durante vários anos no município. Natural de Medina, nascida em 17 de agosto de 1947, Deys Lopes Jardim exerceu diferentes funções na educação, entre elas a vice-direção da Escola Estadual Chaves Ribeiro, a docência no Mobral e a atuação em escolas de Itaobim e da zona rural. Faleceu em abril de 1989, depois de uma trajetória profissional vinculada à educação local.

Essa origem ajuda a compreender uma característica que permaneceria importante na trajetória da instituição: sua relação com as necessidades educacionais do território. Criada inicialmente para contribuir com a distribuição da demanda existente na rede estadual, a escola modificou sua configuração ao longo dos anos e passou a assumir outras funções diante das transformações da comunidade e das políticas educacionais.

A escola que existe hoje, portanto, não corresponde simplesmente à instituição criada no início dos anos 2000. Sua trajetória revela mudanças nas etapas ofertadas, na composição do público, nos projetos pedagógicos e nas próprias expectativas construídas em torno de sua presença no município. Em diferentes momentos, essas transformações exigiram reorganização de espaços, equipes, práticas e formas de gestão.

A inclusão educacional tornou-se um dos elementos dessa identidade. O Projeto Político-Pedagógico reconhece a instituição como referência municipal nesse campo e situa o respeito às diferenças étnicas, religiosas, socioeconômicas e às necessidades específicas dos estudantes entre os princípios que orientam sua atuação. Essa concepção não restringe a inclusão ao ingresso do estudante no espaço escolar, mas a relaciona ao acesso, à participação, à permanência e à aprendizagem.

Ao lado da inclusão, outra transformação significativa ocorreu com a ampliação da oferta educacional. Durante determinado período de sua história, a instituição concentrou sua atuação nos anos finais do Ensino Fundamental e na educação em tempo integral. Em 2024, entretanto, uma mudança importante alterou essa configuração. A Portaria nº 464/2024 autorizou, a partir de 5 de fevereiro daquele ano, o funcionamento do Ensino Médio integrado ao curso Técnico em Informática na Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim. A instituição passou, assim, a acompanhar também jovens na etapa final da Educação Básica, articulando formação geral, educação integral e formação profissional.

A implantação do Ensino Médio Integral Profissional não representa apenas o acréscimo de uma etapa de ensino. Ela modifica a posição ocupada pela escola no território e amplia as possibilidades de continuidade da trajetória educacional dos estudantes. Juventudes que antes precisariam deixar a instituição ao concluir o Ensino Fundamental passaram a encontrar nela a possibilidade de prosseguir até a conclusão da Educação Básica, em uma formação integrada à educação profissional.

Essa ampliação produz também novos desafios. Receber estudantes do Ensino Médio significa conviver mais intensamente com expectativas relacionadas à continuidade dos estudos, ingresso no Ensino Superior, inserção no mundo do trabalho, autonomia, projetos de vida e escolhas que se tornam particularmente

presentes nessa etapa. Ao mesmo tempo, as condições sociais discutidas no capítulo anterior não desaparecem quando o jovem ingressa no Ensino Médio. Trabalho, renda, relações familiares, mobilidade territorial, desigualdades e diferentes experiências juvenis continuam atravessando a escolarização.

Por essa razão, a educação profissional ofertada pela escola não pode ser compreendida apenas como preparação instrumental para o mercado. O próprio PPP situa o curso Técnico em Informática em uma perspectiva que articula conhecimentos científicos e técnicos, formação ética, cultura digital e participação juvenil. A proposta reconhece ainda que as culturas juvenis atravessam o cotidiano escolar e que os estudantes chegam à instituição com histórias, repertórios, expectativas e modos próprios de produzir sentidos.

Essa concepção aproxima-se da discussão de Dayrell (2007) sobre a necessidade de compreender o jovem que existe para além da condição de aluno/a. A categoria estudante não esgota as experiências dos sujeitos que frequentam a escola. Antes de ocuparem uma carteira, as juventudes já participam de grupos, estabelecem relações, consomem e produzem culturas, constroem expectativas, vivenciam conflitos e elaboram interpretações sobre si mesmos e sobre o mundo. Quando a instituição ignora essas dimensões, corre o risco de reconhecer apenas o/a aluno/a formalmente matriculado/a e deixar à margem a juventude que dá existência concreta a essa condição.

Essa perspectiva ajuda a compreender a ampliação das práticas de escuta e participação estudantil na E.E. Professora Deys Lopes Jardim. O protagonismo juvenil não aparece apenas como expressão presente nos documentos institucionais, mas encontra materialidade em experiências que procuram criar condições para que os estudantes falem, produzam e participem das ações escolares.

Entre essas experiências encontra-se o Centro de Experiência Escolar Integrada (CEEI), constituído a partir das ações do projeto Vozes que Rompem o Silêncio. O CEEI articula escuta individual e coletiva, participação estudantil, mediação pedagógica, tecnologias narrativas e interlocução com a comunidade e com a rede de proteção. Sua organização inclui curadoria temática com participação dos estudantes, produção de podcasts, registros narrativos, rádio escolar e plataforma digital, além de espaços de mediação pedagógica e participação juvenil.

Há uma diferença relevante entre utilizar a tecnologia para falar às juventudes e criar condições para que elas próprias produzam narrativas por meio dela. Quando o podcast, a rádio escolar e as plataformas digitais assumem função pedagógica, deixam de constituir apenas recursos de divulgação das atividades da escola. Tornam-se espaços nos quais experiências juvenis podem ser narradas, compartilhadas e mediadas.

Essa abertura à palavra dos estudantes não significa ausência de responsabilidade institucional. Algumas experiências juvenis envolvem situações sensíveis, conflitos ou violações de direitos que não podem ser transformados simplesmente em conteúdo de divulgação. Por essa razão, o CEEI prevê critérios de proteção, não exposição e mediação, além do encaminhamento à rede intersetorial quando a demanda ultrapassa a competência pedagógica da instituição. O protagonismo, nesse caso, não se confunde com exposição irrestrita: ele precisa coexistir com proteção e responsabilidade.

A escuta também modifica a posição tradicionalmente ocupada pelos sujeitos na relação pedagógica. Quando as experiências juvenis são reconhecidas como fontes legítimas para compreender o cotidiano escolar, o estudante deixa de aparecer apenas como destinatário das decisões dos adultos. Sua palavra passa a oferecer elementos para a leitura da própria escola. Isso não elimina a responsabilidade dos profissionais pela condução pedagógica e institucional, mas amplia os elementos a partir dos quais as decisões podem ser construídas.

Essa concepção dialoga com Freire (1996), para quem ensinar não corresponde à transferência unilateral de conhecimentos. Reconhecer o outro como sujeito do processo educativo implica admitir que sua experiência e sua leitura do mundo participam da relação pedagógica. No contexto das juventudes, essa abertura torna-se particularmente significativa porque rompe com uma tradição escolar que, muitas vezes, fala extensamente sobre os jovens sem necessariamente criar espaços para ouvir os estudantes.

A participação, entretanto, não se limita à palavra. Ela também se manifesta nas possibilidades de investigar, experimentar e produzir. Nesse aspecto, a investigação científica e as tecnologias assumem espaço relevante nas práticas da instituição. O Projeto Político-Pedagógico (PPP) expressa esse cuidado e responsabilidade da escola para com a formação ética, política e integrada ao mundo do trabalho ao reunir ações relacionadas à Cultura Maker e Histórias em Quadrinhos, ao Projeto Nexus, às feiras de ciências, à impressão 3D, à robótica e a outros recursos utilizados em propostas interdisciplinares. O objetivo declarado é aproximar conhecimentos escolares de situações concretas de criação, investigação e resolução de problemas.

No Ensino Médio integrado ao Técnico em Informática, essa perspectiva adquire uma relação direta com a formação profissional, mas não se restringe a ela. Tecnologia, ciência e cultura digital podem constituir meios de autoria e produção de conhecimentos. Essa diferença é fundamental. Uma escola equipada com recursos tecnológicos não se torna inovadora simplesmente pela presença dos equipamentos. O potencial pedagógico emerge das formas

pelas quais esses recursos são incorporados ao currículo e das possibilidades oferecidas aos estudantes para investigar, criar, testar, errar, reelaborar e compartilhar aquilo que produzem.

A própria articulação entre tecnologia e acessibilidade amplia esse sentido. O uso de tecnologias assistivas, inclusive recursos adaptados às necessidades dos estudantes, aproxima inovação e inclusão. A tecnologia deixa, então, de representar apenas novidade técnica e passa a assumir função de acesso ao currículo e participação escolar. O PPP registra expressamente essa articulação ao inserir recursos de acessibilidade entre as práticas institucionais de inclusão.

A relação com as famílias também integra esse movimento. A escola mantém reuniões coletivas, atendimentos individuais e outras formas de aproximação, ao mesmo tempo que reconhece os desafios existentes na participação familiar. Essa relação não deve ser reduzida à convocação dos responsáveis quando surgem problemas disciplinares ou de frequência. Família e escola ocupam posições distintas, mas a comunicação entre ambas pode oferecer elementos importantes para compreender a trajetória do estudante e construir intervenções mais adequadas.

Essa dimensão relacional também alcança a gestão. O Projeto Político-Pedagógico apresenta a participação e a construção coletiva como princípios da organização institucional e associa gestão democrática à partilha de responsabilidades. A gestão democrática, contudo, não se realiza apenas pela existência formal de colegiados ou pela previsão documental de participação. Ela se concretiza quando diferentes sujeitos encontram possibilidades reais de interferir na vida escolar, respeitadas as responsabilidades específicas de cada função.

Sob essa perspectiva, a transformação da E.E. Professora Deys Lopes Jardim pode ser compreendida menos como sucessão de projetos e mais como ampliação progressiva de sua função educacional. Uma instituição criada para responder à necessidade de distribuição de matrículas passou a reunir anos finais do Ensino Fundamental, educação integral, Educação Especial, Atendimento Educacional Especializado e, desde 2024, Ensino Médio Integral integrado à formação técnica em Informática. Paralelamente, incorporou práticas de escuta juvenil, produção de podcasts, rádio escolar, cultura maker, investigação científica, impressão 3D, acessibilidade e acompanhamento sistemático das trajetórias escolares.

A simples enumeração dessas ações, entretanto, não revela o que as conecta. O ponto de convergência encontra-se na tentativa de construir uma escola na qual acesso, aprendizagem, participação, inclusão e permanência não sejam tratados como questões independentes. Escutar estudantes perde sentido se sua palavra não produzir reconhecimento; oferecer tecnologia torna-se

insuficiente se ela não ampliar possibilidades de aprendizagem; realizar busca ativa pouco resolve se o estudante retorna sem condições de reconstruir seu percurso; ampliar matrículas não basta se a instituição não consegue sustentar as trajetórias até a conclusão.

É nesse movimento que a identidade da escola pode ser compreendida. Não como identidade fixa ou concluída, mas como construção institucional produzida pelas respostas dadas aos desafios que surgem em cada momento. Veiga (2005) compreende o Projeto Político-Pedagógico justamente como instrumento orientador da ação da escola, construído a partir do diagnóstico, dos valores assumidos e das escolhas realizadas. O próprio PPP da instituição parte dessa compreensão e se apresenta como documento de planejamento democrático e participativo.

A escola, contudo, é sempre maior do que seu documento. O PPP registra escolhas e organiza intencionalidades, mas é no cotidiano que elas são tensionadas. Nem todos os projetos alcançam os resultados esperados, nem toda busca ativa consegue produzir retorno, nem toda intervenção pedagógica consegue superar as dificuldades de aprendizagem. Há resistências, limites institucionais, desigualdades que ultrapassam os muros escolares e situações para as quais a educação, sozinha, não possui resposta.

Reconhecer essas tensões impede a construção de uma narrativa idealizada da instituição. Uma escola em movimento não é uma escola sem problemas. É uma escola que identifica problemas, constrói respostas, avalia seus limites e reorganiza suas práticas. Essa distinção é especialmente importante quando se considera a realidade social do território no qual a E.E. Professora Deys Lopes Jardim está inserida. Seu próprio diagnóstico institucional reconhece um índice socioeconômico médio-baixo e a presença de estudantes pertencentes a famílias em situações de vulnerabilidade social.

Assim, aquilo que poderia aparecer apenas como dificuldade também participa das escolhas institucionais. A busca ativa responde à ameaça de afastamento. A recomposição responde às rupturas nas aprendizagens. O AEE e as tecnologias assistivas respondem à necessidade de eliminar barreiras. Os espaços de escuta respondem à necessidade de reconhecer experiências juvenis. A cultura maker e a investigação científica procuram ampliar formas de relação com o conhecimento. O Ensino Médio Integral Profissional amplia a possibilidade de continuidade da escolarização dentro da própria instituição.

Há, nesse conjunto, uma transformação significativa na relação entre escola e juventudes. Os jovens não aparecem apenas como destinatários de uma oferta educacional previamente estabelecida. Em diferentes práticas, são convocados a produzir, narrar, investigar, participar e construir conhecimentos. Essa posição não elimina as assimetrias próprias da instituição escolar, nem

transfere aos estudantes responsabilidades que pertencem aos profissionais da educação. Significa reconhecer que ensinar e gerir uma escola destinada às juventudes requer conhecê-las para além dos indicadores de matrícula, frequência e desempenho.

Essa perspectiva estabelece uma continuidade importante com a discussão sobre Itaobim. Se o território interfere nas trajetórias juvenis, a escola não pode organizar sua atuação como se todos os estudantes dispusessem das mesmas condições de permanência, circulação, aprendizagem e projeção de futuro. Ao mesmo tempo, reconhecer as desigualdades não significa reduzir os sujeitos a elas. As juventudes que chegam à E.E. Professora Deys Lopes Jardim carregam dificuldades, mas também repertórios culturais, saberes, desejos, capacidades e projetos.

É nesse espaço entre condições concretas e possibilidades que a escola constrói sua atuação. Seu percurso histórico mostra que a instituição se modificou porque as demandas educacionais também se modificaram. A ampliação das etapas de ensino, o fortalecimento da inclusão, a implantação do Ensino Médio integrado à Educação Profissional, a incorporação de tecnologias e o desenvolvimento de estratégias de permanência indicam uma escola cuja configuração atual não estava determinada no momento de sua criação.

Talvez seja justamente esse movimento que melhor expresse sua trajetória. A E.E. Professora Deys Lopes Jardim nasceu para responder a uma necessidade de vagas escolares no município. Mais de duas décadas depois, sua função ultrapassa aquela demanda inicial. Hoje, o desafio não consiste apenas em garantir um lugar na escola, mas em fazer desse lugar uma possibilidade concreta de formação, participação e conclusão da Educação Básica.

Nesse sentido, permanência e conclusão da Educação Básica não aparecem como questões periféricas. Elas atravessam a própria finalidade da instituição. Abrir as portas garante acesso; acompanhar quem falta procura impedir a ruptura; recompor aprendizagens cria condições para continuidade; escutar reconhece o sujeito que percorre esse caminho; incluir significa enfrentar barreiras que poderiam afastá-lo; e ampliar a oferta até o Ensino Médio permite que a trajetória encontre, na própria escola, possibilidades de continuidade.

A história da E.E. Professora Deys Lopes Jardim permanece, portanto, aberta. Sua identidade não reside somente no que ela foi capaz de construir, mas também na capacidade de rever práticas e responder às novas questões que chegam com cada geração. Em uma instituição atravessada pelas diferenças presentes no território, educar exige reconhecer que não existe uma única juventude, uma única trajetória ou uma única maneira de permanecer na escola.

Entre sua criação em 2002 e a ampliação da oferta com o Ensino Médio Integral Profissional em 2024, há mais do que uma passagem de tempo. Há uma transformação na própria presença da instituição no município. De escola criada para contribuir com a distribuição das matrículas da rede estadual, a E.E. Professora Deys Lopes Jardim passou a constituir um espaço no qual inclusão, cultura digital, formação profissional, escuta, participação e permanência se encontram.

Esse percurso não permite afirmar que todos os desafios estejam superados. Permite, contudo, reconhecer uma escola que se transforma enquanto procura responder às condições concretas de seus estudantes. É nessa tensão entre aquilo que já foi construído e aquilo que ainda precisa ser enfrentado que sua identidade se produz. E é também nela que se encontra uma de suas responsabilidades mais importantes: não apenas receber estudantes, mas criar condições para que diferentes juventudes encontrem na escola possibilidades de pertencer, aprender, permanecer e concluir sua formação.

Até aqui, Itaobim e a Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim apareceram como território e lugar de encontro. A partir das próximas páginas, deixam de ocupar o centro. A palavra pertence a quem viveu esta etapa e escolheu narrá-la. Não há uma única maneira de chegar ao fim do Ensino Médio, de lembrar a infância, de permanecer na escola ou de imaginar o futuro. Há caminhos. Há dúvidas. Há recomeços. Há sonhos que mudaram e outros que insistem em permanecer.

As narrativas a seguir preservam essa diferença. Cada uma tem seu próprio ritmo, suas pausas e aquilo que o estudante decidiu contar ou deixar em aberto. Antes do próximo passo, existe uma história...

FOI DIFÍCIL, MAS EU CHEGUEI

Nanda Mendes Santos



Tenho 17 anos. Quando eu era criança, meu sonho era ser policial. Hoje, esse sonho mudou. Às vezes, quando me perguntam o que eu quero ser, eu ainda não sei responder direito. Penso em ser médica, mas não tenho tudo decidido. Parece que o futuro está na minha frente, mas ainda preciso descobrir qual caminho combina comigo. Nem sempre é fácil dizer o que a gente sonha quando ainda está tentando entender o que sente e quem está se tornando.

Se eu tivesse que falar sobre quem sou, eu diria que sou uma menina sensível e chorona. Tem momentos em que fico triste e ansiosa do nada. Em outros, fico com raiva muito rápido. Eu mesma me defino, às vezes, como uma menina muito depressiva. É assim que consigo explicar o que acontece dentro de mim, mesmo quando não sei dar um nome certo para tudo. Há sentimentos que chegam sem avisar e que são difíceis de organizar em palavras. Nem sempre eu consigo falar sobre mim.

Relembrando a minha trajetória, penso na minha infância que foi boa. Tenho lembranças da época em que todo mundo era pequenininho e estudava junto na Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim. Quando olho uma foto nossa daquele tempo, lembro de quando as pessoas estavam mais próximas. Lembro também das gincanas e de tantas coisas que vivemos aqui. A escola faz parte das minhas memórias desde muito cedo. Por isso, quando penso na minha história, não consigo separar completamente a minha vida da escola.

Na minha família, as coisas nem sempre são tranquilas. Não somos muito unidos e todo mundo briga com todo mundo. Isso me deixa triste, porque eu queria ter mais convivência e poder estar perto das pessoas de quem gosto.

Existem situações familiares que criam distância e fazem a gente sentir falta até de momentos simples. Eu queria que algumas relações fossem diferentes, mas nem tudo depende apenas de mim. Há coisas que eu sei que não vão mudar, e tenho que aceitar.

O maior desafio que enfrentei aconteceu no ano passado. Eu sofri muito e tive medo por causa da depressão. Não cheguei a fazer acompanhamento. Quem me ajudou foi meu tio. Ele é adventista e conversou comigo sobre o transtorno e sobre como não seria fácil sair daquela situação. Ele não disse que tudo mudaria de uma hora para outra. Pelo contrário, fez com que eu entendesse que seria difícil. Mesmo assim, aquela conversa me ajudou. Às vezes, uma pessoa parar para conversar de verdade faz diferença quando a gente não sabe como agir.

A escola também teve participação na minha vida. Ela me mudou para melhor. Do primeiro ano até o nono, eu ficava dentro da sala, chegava brincando e tinha muita energia. Também brigava com todo mundo aqui na escola. Graças a Deus, eu me acalmei muito. Quando olho para trás, percebo que não sou mais aquela mesma menina. Eu mudei na forma de reagir e de conviver, mesmo que ainda tenha dias em que as emoções ficam difíceis.

De um ano para cá, porém, alguma coisa também mudou na minha relação com a sala de aula. Muitas vezes, não tenho vontade de entrar e nem sei explicar exatamente o motivo. A escola hoje não é a mesma coisa de antigamente. Antes, os nossos amigos ficavam e estudavam com a gente. Agora, já não existe aquele tanto de pessoas que começou junto. Alguns colegas mudaram, outros ficaram para trás e outros já não estão aqui. A ausência deles faz diferença. É como se uma parte da história da turma tivesse se espalhado pelo caminho.

Também sinto falta do meu sono da tarde. À noite, tenho ensaio da fanfarra, embora essa fase já esteja acabando. Às vezes, peço autorização à minha família para ir embora mais cedo. Não é porque a escola não tenha importância para mim. É uma mistura de cansaço, saudade do que a escola já foi e dificuldade para continuar quando as pessoas e a rotina mudam. Permanecer também é enfrentar essas pequenas vontades de desistir que aparecem no cotidiano.

Mesmo com as faltas e com os dias em que quero voltar para casa, estou concluindo o terceiro ano do Ensino Médio. Quando penso nisso, a primeira coisa que consigo dizer é: foi difícil, mas chegou. Na verdade, eu pensei que nem chegaria até aqui. Houve um tempo em que eu dizia que não passaria nem do nono ano, que ficaria no nono mesmo. Hoje, estou encerrando a Educação Básica e também o curso técnico em Informática. Ainda parece difícil acreditar.

Nem sempre sei explicar tudo o que aprendi sobre mim durante o Ensino Médio. Quando me perguntam sobre o curso, os colegas e as mudanças que aconteceram, às vezes, a resposta não vem. Preciso de tempo para pensar. Passei por situações que ainda estou compreendendo. Talvez nem toda aprendizagem

apareça na hora em que alguém pergunta. Algumas respostas só chegam depois, quando a gente olha para trás e percebe o caminho que conseguiu percorrer.

Mas tem uma pessoa, Gisele, que me inspirou a dar continuidade aqui na escola. Também houve quem insistisse para que eu não desistisse e conversasse comigo quando eu queria parar. Esse incentivo foi importante. Muitas vezes, quem está pensando em desistir não precisa apenas ouvir que tem de continuar. Precisa sentir que alguém enxerga sua dificuldade, permanece por perto e acredita que ela consegue chegar.

Para o meu futuro, desejo uma vida boa. Quero trabalhar e cuidar do meu pai e da minha mãe. Penso na possibilidade de fazer um curso superior, mas não quero começar logo no próximo ano. Primeiro, quero esperar um pouco e começar a trabalhar. Neste momento, sinto que esse é o melhor caminho para mim, porque quero ajudar meus pais. A faculdade pode fazer parte da minha história mais adiante. Não estou dizendo que nunca vou estudar novamente. Estou dizendo apenas que agora preciso seguir no meu tempo e conforme aquilo que considero necessário para a minha vida.

Chegar ao fim do Ensino Médio não significa que todas as dúvidas desapareceram. Eu ainda não sei exatamente qual profissão vou escolher, nem consigo responder a todas as perguntas sobre quem sou. Continuo sendo sensível, às vezes ansiosa, chorona e também uma pessoa que sente raiva. Carrego as lembranças da infância, as dificuldades familiares, os momentos de tristeza, de coisas que não posso falar, das amizades que mudaram e as pessoas que me ajudaram. Tudo isso faz parte de mim.

Se eu pudesse deixar uma mensagem para quem estuda ou ainda vai estudar nesta escola e deseja concluir o Ensino Médio técnico em Informática, eu diria apenas: nunca desistir. É uma frase pequena, mas que tem muito da minha trajetória. Eu pensei que não chegaria. Quis ir embora em muitos momentos. Vi colegas ficarem pelo caminho. Mesmo assim, cheguei ao terceiro ano.

Talvez eu ainda esteja descobrindo qual é o meu sonho. Talvez precise trabalhar antes de escolher uma faculdade. Talvez algumas respostas só apareçam mais tarde. Mas agora posso olhar para a menina que pensava que não passaria do nono ano e dizer que ela conseguiu continuar. Foi difícil. Ainda é difícil em alguns dias. Mas eu cheguei até aqui.

AQUI EU DESCOBRI O MEU POTENCIAL

Heloyse Rocha Farias



Meu nome é Heloyse, tenho 17 anos, nasci e cresci em Itaobim, apesar de toda minha família ser de Aracaju. Minha infância foi um período tranquilo, tenho boas memórias da maior parte dela. Eu tinha amizades no meu bairro e brinquei muito na rua. Eu costumava criar brincadeiras: Olimpíadas de 2016, eu chamava uma árvore de olimpíadas e fingia ser ginasta. Lá consegui vários machucados no joelho que até hoje estão aqui.

Já na escola, as coisas não eram exatamente assim. Durante o ensino fundamental inteiro eu estudei na mesma escola, que para mim não era o ambiente mais acolhedor do mundo. Até o 3° ano eu estudava na turma B, onde sofria um certo bullying por ser uma menina gorda, negra e ter cabelo cacheado. Um acontecimento me marcou muito: um grupo de meninas estava brincando de princesas e, quando eu e uma amiguinha que também era negra pedimos para participar, elas disseram que "pretas não podem ser princesas". Nós tínhamos sete anos, eu era muito tímida então nem respondi; demorei muito para aprender a me defender.

No quarto ano, quando troquei para a turma A, o bullying continuou. Na verdade, me senti mais excluída, já que tinha saído do convívio dos meus amigos. Tinha também uma questão socioeconômica: eu nunca passei necessidade, minha família sempre foi estável, mas a maior parte dos meus colegas eram filhos ou netos de donos de loja, médicos e até políticos. No oitavo ano, meninas da turma chegaram a me mandar mensagens e montagens ofensivas. Apesar disso, eu tinha meus amigos. Eles chamavam o nosso grupo de "atípicos" de forma ofensiva, mas adotamos esse nome como identidade e, de fato, nunca me senti "típica" e não vejo isso como algo ruim.

Se eu tivesse que escolher uma palavra para me definir, seria transformação, principalmente a partir do ensino médio, quando aconteceu uma virada por conta das trocas que eu fiz.

Fiquei sabendo que o Deys Lopes passaria a oferecer o ensino médio. No início, eu não pensava em vir por conta do costume com aquele pessoal; achei que, se viesse, continuaria sendo a mesma pessoa tímida e que se sentia inferior, mas com o adicional de não ter meus antigos companheiros.

Naquele período, conversei com uma amiga que conheci em um grupo sobre K-pop. Contei que estava me sentindo triste com a chegada do ensino médio, que é sempre apresentado como uma fase incrível da vida estudantil por ser parte da juventude e um momento de amadurecimento, mas que, para mim, onde eu estava seria tão ruim quanto o fundamental. Essa amiga me disse uma coisa importante: me sentir mal com aquele grupo era pior do que me sentir mal em um novo lugar, porque na nova escola eu teria a chance de mudar alguma coisa. Foi assim que decidi vir para cá.

No começo, pensei em desistir. Eu não conhecia muitas pessoas, só minha amiga de infância, Ana, mas logo que cheguei montei um quarteto com ela e dois meninos. Apesar de ter feito novos amigos, quando meus antigos colegas contavam as coisas que aconteciam na outra turma, eu pensava em voltar. Mas, lembrando de como me sentia mal naquele espaço, desisti dessa ideia.

O que contribuiu muito para eu permanecer foi o acolhimento dos alunos e a liberdade que nos dão para criar projetos, principalmente no primeiro ano, quando organizei a gincana, vários teatros e alguns eventos em sala de aula.

Entre as pessoas que se tornaram referência em minha trajetória escolar está a diretora Rosinalva. Eu a vejo como uma grande figura feminina que, no interior de Minas Gerais, conseguiu alcançar reconhecimento nacional. Ela é a referência de onde eu gostaria de chegar um dia, já que tenho interesse em seguir a carreira acadêmica. O professor Eduardo também é uma referência: foi o primeiro professor com quem senti que era um amigo da turma, que sempre estava ali se importando com os estudantes, demonstrando interesse e aconselhando.

Se fosse escolher um momento marcante, escolheria a gincana, pois participei dela diretamente. A pressa, as ideias, as provas... era tudo muito divertido, além de ser o momento em que descobri meu potencial.

O curso técnico em informática representa uma oportunidade muito grande. Antigamente seria preciso pagar uma formação ou até ir para outra cidade. Nós tivemos a oportunidade de fazer na nossa própria terra. A instituição enfrenta dificuldades e nem sempre consegue todos os equipamentos necessários ou de última geração, mas conseguimos ir bem com o que temos, e os professores são ótimos.

Para quem ainda vai concluir e para os que chegarão ao ensino médio no Deys Lopes, aconselho: valorizem e ao menos tentem concluir essa etapa. Gosto muito de uma frase que diz que a única ferramenta eficaz para o pobre evoluir é o estudo.

Depois de concluir o ensino médio, desejo ir para Aracaju porque tenho parentes lá. Planejo fazer faculdade na Universidade Federal de Sergipe (UFS), no curso de Licenciatura em (Port/Ing) ou Psicologia.

No fim deste relato, quero agradecer à minha mãe. Ela sempre me incentivou muito. Como não teve as mesmas oportunidades que eu tive, me apoiou a continuar estudando e buscar um futuro melhor. Agora, mesmo passando por um momento delicado, ela continua sendo forte e, apesar das dificuldades, nunca muda quem ela é.

QUANDO ACREDITARAM NO MEU POTENCIAL

Viktor Gabriel Costa de Brito



Olá, pessoal. Eu me chamo Viktor Gabriel Costa de Brito, tenho 18 anos e sou um cara muito motivado. Se eu tivesse que escolher uma palavra para falar da minha trajetória, eu escolheria motivação. É ela que me faz continuar, mesmo depois de tudo o que já aconteceu. É ela que me faz olhar para a frente e acreditar que ainda posso alcançar aquilo que quero para a minha vida.

Desde criança, eu tenho o sonho de fazer parte da Polícia Militar. É uma profissão que me atrai e esse objetivo continua comigo até hoje. Quero seguir em frente com esse sonho, porque não é uma ideia que apareceu agora. É algo que vem da infância e que ainda tem importância para mim. Quando penso no meu futuro, penso nessa possibilidade e na responsabilidade de me preparar para chegar lá.

Também penso no significado de ser um jovem negro querendo ocupar esse espaço. Para mim, continuar com esse objetivo é acreditar que posso construir uma trajetória diferente e alcançar uma profissão que sempre admirei. Sei que um sonho não acontece sozinho. É preciso ter motivação, buscar conhecimento, aproveitar as oportunidades e não deixar o passado decidir tudo o que a gente pode ser.

Minha história não foi feita somente de coisas boas. No passado, tive situações que prejudicaram minha trajetória. Esse histórico muitas vezes falou antes de mim e dificultou que as pessoas enxergassem quem eu poderia me tornar. Não tenho como apagar o que aconteceu, mas posso escolher o que faço a partir disso. Hoje, quero que minha caminhada seja reconhecida também pela vontade de mudar e continuar.

Uma coisa que transformou minha vida foi o reconhecimento. Quando falo em reconhecimento, estou falando das pessoas acreditarem no meu potencial. Às vezes, alguém pode ter um passado complicado e pensar que ninguém mais vai confiar nele. Quando aparece uma pessoa que acolhe, aconselha e mostra que ainda existem possibilidades, isso muda muita coisa.

Na escola, uma pessoa inesquecível para mim é a diretora Rosinalva. Ela me acolheu com todo carinho. Mesmo conhecendo meu histórico, continuou me recebendo e acreditando que eu poderia seguir por outro caminho. Esse acolhimento teve muito valor, porque não foi apenas uma fala. Eu senti que havia boa vontade, cuidado e uma oportunidade para continuar estudando e buscando meus objetivos.

Sou grato também à equipe da escola e aos professores. Encontrei carinho, conhecimento e várias oportunidades. Desde quando cheguei, foram acontecendo bênçãos na minha vida. A escola me ajudou a trazer de volta sonhos e objetivos. Aqui, pude aprender matérias, mas também pude conhecer mais sobre a vida, sobre escolhas e sobre aquilo que ainda posso construir.

A escola não foi somente um lugar onde eu precisava comparecer. Ela se tornou um espaço de acolhimento. Foi onde encontrei pessoas que olharam para mim sem me tratar apenas pelos erros do passado. Esse jeito de receber um aluno faz diferença. Quando uma pessoa percebe que alguém acredita nela, começa também a acreditar mais em si mesma. Foi assim que o reconhecimento se tornou uma parte importante da minha mudança.

Também tive acesso a oportunidades relacionadas aos estudos, inclusive informações sobre incentivos escolares. Tudo isso ampliou minha visão. Buscar conhecimento e chegar a essa escola trouxe novos caminhos para mim. Cada oportunidade mostrou que estudar pode aproximar a gente de um objetivo e que a escola pode ajudar o aluno a enxergar possibilidades que antes pareciam distantes.

Há lembranças simples que também ficaram marcadas. Uma delas é o Dia das Crianças, quando a escola oferece a oportunidade de irmos ao clube. Pode parecer somente um momento de diversão, mas é uma experiência importante, porque nem todas as escolas conseguem proporcionar isso aos alunos. São esses momentos que fazem a gente se sentir parte da escola e guardar lembranças boas da convivência.

Agora é meu último ano estudando aqui, e eu sinto muito por estar chegando ao fim. Se existisse mais um ano para continuar, eu permaneceria nessa escola. Desde quando cheguei, nunca tive vontade de sair. Fui encontrando acolhimento, oportunidades e motivos para continuar. Por isso, encerrar essa etapa traz gratidão, mas também traz a sensação de que vou sentir falta desse lugar.

Quando olho para trás, vejo que minha trajetória teve dificuldades, escolhas ruins e momentos que poderiam ter me levado para longe dos meus objetivos. Mas vejo também pessoas que acreditaram no meu potencial. A motivação que escolhi como palavra para definir minha história não significa que tudo foi fácil. Significa que, apesar dos obstáculos, eu ainda quero caminhar, aprender e tentar fazer diferente.

Continuar sonhando com a Polícia Militar é uma forma de mostrar para mim mesmo que meu passado não precisa ser meu destino. Sei que preciso levar esse objetivo a sério e que a mudança acontece nas decisões de cada dia. Quero usar as oportunidades que recebi, o conhecimento que busquei e a confiança que depositaram em mim para construir uma vida melhor.

Quero agradecer à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim, aos professores, a toda a equipe e, de maneira especial, à diretora Rosinalva. Para mim, ela é uma grande mulher, que olha para todos com carinho e procura tratar as pessoas de forma igual. Esse cuidado ficou registrado na minha história e vai continuar comigo depois que eu sair da escola.

A VIDA NOS DÁ MUITOS SONHOS PELA FRENTE

Bruna Ferreira Veiga



Meu nome é Bruna Ferreira, tenho 18 anos, nasci em Itaobim, Minas Gerais, e sempre morei aqui. Da minha infância, eu me lembro muito das brincadeiras de rua. Brincava de esconde-esconde, pega-pega, pique-cola e queimada. Também brincava de boneca e gostava de cozinhar. Pegava terra, colocava nas panelinhas de brinquedo e preparava chá para as bonecas nos copinhos. Eu gostava muito disso.

Mas a minha infância também foi triste. Primeiro veio a perda de uma avó. Depois da pandemia, veio a perda do meu pai. Mais tarde, perdi outra avó. Foram perdas que me deixaram muito triste e que eu carrego até hoje. Eu fui chorando, fui chorando. Quando parecia que o meu peito esvaziava, eu conseguia seguir e ia superando um pouco daquela dor.

Eu não passei por tudo completamente sozinha. Várias pessoas me ajudaram, principalmente amigas que ficaram ao meu lado. Até hoje eu me lembro de quem perdi, porque não é algo que simplesmente desaparece. Mesmo assim, continuei. Se eu tivesse que escolher uma palavra para definir Bruna, seria superação. Bruna superou todas essas lutas e perdas. Superou chorando, recebendo ajuda e encontrando forças para seguir.

Dentro da minha família também vivi situações difíceis. Minha mãe brigava muito com meu pai, havia bebida e momentos em que alguém chegava em casa depois de beber. Eu não gostava daquilo. Ficava nervosa e triste. Essas lembranças também fazem parte de mim e ajudam a mostrar que minha trajetória não foi somente de brincadeiras e coisas boas. Houve luta desde cedo.

Antes de chegar à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim, saí da creche e estudei na Pedra Verde. Eu queria estudar em outra escola, no ginásio,

mas minha mãe já conhecia a Deys Lopes. Ela dizia que esta escola estava ficando boa, diferente de antigamente. Então decidiu me colocar aqui. Foi uma escolha dela que acabou se tornando uma parte muito importante da minha vida.

Quando cheguei, a primeira pessoa que eu conhecia era a diretora. Depois fui conhecendo os outros profissionais, os professores e os alunos. Fui chegando, conhecendo e me adaptando a esta escola. Passei a me sentir bem aqui e permaneci até o terceiro ano. Hoje, sei que vou sair, mas também sei que vou me lembrar muito deste lugar.

Antes do ensino médio, eu estudava somente de manhã. Quando comecei o tempo integral, tudo mudou. O mais difícil era acordar cedo, vir para a escola e ficar o dia todo. É cansativo, muito cansativo. No começo do primeiro ano, eu não gostava. Pensei em desistir do ensino médio integral e procurar uma escola que funcionasse apenas em um horário.

Depois fui me acostumando. Primeiro veio o primeiro ano, depois o segundo e, quando percebi, já estava no terceiro. A adaptação não aconteceu de uma vez. Foi aos poucos, dia depois de dia. Chegar até aqui também é superação, porque o ensino médio não é fácil. Tem muita tarefa, muito cansaço e muita luta para conseguir continuar.

Minha mãe foi a pessoa que mais me deu força para não desistir. Ela teve uma vida muito difícil. Morava e trabalhava na roça e, naquela época, estudar era complicado. Ela conta que não teve professores que realmente ensinassem e não teve a oportunidade que eu tenho hoje. Até hoje enfrenta problemas de saúde, como o diabetes.

Ela sempre me aconselhava: 'Não, Bruna, continue. Eu não tive essa oportunidade que vocês têm hoje'. Também dizia que a mãe precisa dar um presente ao filho, e esse presente é o estudo. Foi pensando na história dela e escutando esses conselhos que encontrei força para permanecer. Ela não queria que eu abandonasse uma oportunidade que foi negada a ela.

A escola também me ajudou a continuar e a me acostumar com o tempo integral. Fui acolhida pela diretora, pelos profissionais e pelos professores. Entre as experiências que mais me marcaram, lembro da gincana do primeiro ano. Foi boa, viu? Foi muito boa. Quando penso nos projetos e nos momentos vividos aqui, essa gincana aparece como uma lembrança alegre.

O curso técnico em Informática representa tecnologia e aprendizagem. Aprendi a mexer nos cabos de internet, a trabalhar com códigos e a fazer coisas que eu não sabia como funcionavam. O curso me mostrou conhecimentos novos e me fez perceber que eu também podia aprender assuntos que antes pareciam difíceis.

O que transformou minha vida no ensino médio foram os ensinamentos dos professores e as novas matérias. Aprendi Língua Portuguesa, Matemática, Física e Química. Conheci experiências práticas que eu nem sabia que existiam. Lembro dos conteúdos sobre Dalton, das equações do segundo grau, das raízes e das potências. Eu mesma consigo citar aquilo que aprendi, e isso é muito importante para mim.

Na Língua Portuguesa, a redação foi outra conquista. Antes, eu não sabia o que era uma redação nem como era a preparação para o Enem. Agora estou ficando sabida em redação. Já consigo fazer. Também fiz minha inscrição para o Enem e quero conferir se ficou tudo certo. Isso mostra o quanto avancei desde que comecei o ensino médio.

Quando eu era criança, meu sonho era ser dentista. Hoje, meu sonho é ser enfermeira. Depois que eu sair da escola, pretendo fazer um curso, depois uma faculdade e, então, trabalhar. Também penso em montar um consultório para mim. São planos que ainda precisam de tempo, estudo e oportunidade, mas já consigo imaginar onde quero chegar.

Eu sonho também em comprar um carro e ter uma casa bem boa ou um apartamento. Quero morar com minha mãe. Talvez, se eu trabalhar, tiver muito dinheiro e puder escolher, eu também more fora do Brasil. Meus sonhos são grandes, mas eu gosto de pensar neles. Depois de tantas perdas, ainda consigo olhar para a frente e desejar muitas coisas para minha vida.

Agradeço por toda a experiência que tive nesta escola. Quando eu sair, vou me lembrar muito das conversas com a diretora, dos professores, dos outros profissionais, das ASB que trabalham na cozinha e dos alunos que conheci. Vou lembrar das pessoas e dos momentos que fizeram parte dos meus dias aqui.

Entre os colegas, vou me lembrar muito de Gisele. Ela me ajuda na sala e também nas tarefas. Não é somente uma colega que estudou comigo. É alguém que esteve presente e tornou algumas dificuldades mais leves. Essas ajudas também fazem parte da história que vou levar depois que o terceiro ano terminar.

Para os estudantes que estão chegando, deixo uma mensagem: tenham muito esforço e acreditem que a vida nos dá muito futuro, muitos sonhos pela frente, muitos destaques e muita sabedoria. Não desistam do ensino médio, porque ele é uma porta, ou melhor, são portas que podem se abrir.

O ensino médio não é fácil. É muita luta, muita coisa para entregar e muito esforço para superar. Mesmo quando for cansativo, é preciso acreditar e continuar. Eu vivi perdas, chorei até o peito parecer vazio, enfrentei uma rotina que quase me fez desistir e, ainda assim, cheguei ao terceiro ano. Bruna superou. E, depois de tudo, continuo acreditando que a vida ainda tem muitos sonhos pela frente.

COISINHA

Ana Luíza Mendes Batista



Meu nome completo é Ana Luíza Mendes Batista. Fiz 19 ainda neste mês de setembro de 2026. Nasci em Itaobim, morei três anos na roça e mais três anos em São Pedro. Depois, quando eu tinha por volta dos seis ou sete anos, voltei para Itaobim.

Morei na roça somente até os três anos, por isso não me lembro muito dessa parte. De São Pedro, lembro que brincava muito na rua. Fazia bolinhas de papel, amarrava em sacolas e brincava com vizinhos da mesma idade, que também estudavam comigo. Havia uma pracinha perto de casa, onde se reunia um grupo grande de crianças. Alguns adolescentes mais velhos ficavam por perto, olhando aquele bando de crianças.

A gente brincava de pau na lata, pique-esconde, pique-pega e pique-gelo. Eu nem sabia direito quais eram as regras de algumas brincadeiras, mas brincava. Quando vim para Itaobim, não havia tantas crianças no lugar onde fui morar. Ainda assim, tinha um vizinho ou outro cuja casa a gente frequentava para brincar. As famílias acabaram se tornando amigas. Foi nessa época que conheci Lô, e nossa amizade permanece até hoje.

Na escola, durante a infância, não aconteceu algo tão grave, mas vivi um tipo de bullying que nem sempre era direto. Tenho cabelo cacheado e, naquela época, não tinha condições de comprar produtos, e nem sabia como cuidar dele. Eu também não era vista como aquela criança considerada exatamente bonitinha. Não era alguém dizendo diretamente que eu era horrorosa. Era uma forma de exclusão: uma menina era chamada de bonita e eu era tratada como alguém que não era feia, mas também não era bonita; não era chamada de gorda, mas deixavam claro que eu não era magra.

Até os comerciais que eu via na infância afetavam minha autoestima. Lembro de uma propaganda de produto para alisar o cabelo. O cabelo cacheado

aparecia como algo que não era bonito, formal nem elegante. Depois do produto, o cabelo ficava liso e era apresentado como mais bonito e elegante. Do terceiro ano até quase o fim do ensino fundamental, minha confiança, minha segurança e meu amor-próprio praticamente não existiam. Minha autoestima era baixíssima.

Hoje ainda não tenho uma autoestima tão alta, mas consigo cuidar do meu cabelo, pintá-lo ou descolori-lo quando quero. Consigo escolher meus acessórios e minhas roupas. Posso usar brincos e cordão de estrela, anéis, piercing na boca e o cabelo curto e pintado. Expressar-me fisicamente do jeito que quero melhora a minha confiança.

Também existe uma lembrança difícil da infância. No terceiro ano do ensino fundamental, fiz amizade com uma menina. A amizade durou até ela se mudar de cidade. Eu frequentava e dormia na casa dela. Nesse período, o pai dela fazia coisas comigo que não eram agradáveis. Essa experiência ainda me marca.

Não tenho exatamente medo de falar sobre o que aconteceu. O que me afeta é perceber que o contexto da conversa me deixa vulnerável, muito exposta. Quando me abro dessa forma, sinto vontade de chorar. Não é somente lembrar da situação, mas me perceber vulnerável ao contá-la.

Primeiro, contei para a menina de quem eu era amiga. Ela falou com a mãe, que depois contou ao meu pai, e a situação chegou à minha mãe. Eu não me afastei da menina porque entendia que não era culpa dela. Ela também era criança e não poderia fazer nada para proteger nós duas. Eu apenas nunca mais voltei à casa dela. Isso se tornou uma proibição.

Minha mãe se sentia responsável pelo que havia acontecido, como se tivesse deixado aquilo acontecer. Ela não queria procurar a polícia porque tinha medo de perder a minha guarda. Por muito tempo, nós simplesmente fingimos que nada tinha acontecido. Precisei lidar com tudo sozinha. Eu me perguntava se meus pais compreendiam que aquilo era errado.

Guardei rancor do pai da menina e também do meu pai. Na época, meus pais foram à casa dela e minha mãe me contou que meu pai disse ao homem que o perdoava. Aquilo me marcou porque parecia que ele estava perdoando alguém em meu nome, como se tivesse vivido o abuso e pudesse conceder esse perdão por mim. Não guardei a mesma mágoa da minha mãe porque entendi que ela também sofria ao saber que uma filha havia passado por aquilo.

Somente neste ano de 2026 busquei ajuda psicológica e consegui falar sobre a situação com um psicólogo. Até então, eu lidava com tudo como se nada tivesse acontecido. O perdão não significa liberar quem fez aquilo. Para mim, significa me liberar de carregar a raiva e o rancor. Este ano está sendo melhor para cuidar da minha saúde mental e da minha sanidade.

Quando penso nos sonhos da infância, percebo que nunca fui uma pessoa de sonhar muito. Meus sonhos eram coisas simples. Nunca tive as

melhores condições, não me faltava nada, mas também não fazia viagens nas férias ou finais de ano. Não tive festas em todos os aniversários, mas brincava bastante. Apesar de tudo, era feliz.

Em relação às profissões, lembro de querer ser arqueóloga, embora na época eu escrevesse 'arqueológica'. Também quis ser cabeleireira e muitas outras coisas. Eu queria ser uma espécie de Barbie profissões. Gostava da ideia dos empregos porque, para mim, eles pareciam mágicos. A cabeleireira não apenas cortava o cabelo: ela mudava o visual da pessoa, coloria e transformava. O médico era como uma fada da cura. Eu queria ter muitos empregos porque imaginava cada profissional como uma fada de alguma coisa.

Com o tempo, entendi que os empregos não eram fadinhas. Era preciso estudar, preparar-se e receber um salário que desse conta das despesas e dos planos. Fui descartando várias ideias até chegar ao que realmente quero: ter uma cafeteria. Essa vontade não foi desaparecendo com o tempo, embora eu ainda não tenha todo o planejamento necessário. Eu gostaria que a cafeteria simplesmente caísse do céu e alguém dissesse 'toma, é sua', mas sei que preciso construir esse caminho.

Meu plano é fazer Licenciatura em História e trabalhar durante um tempo como professora de História. Também posso ter empregos de meio período até conseguir abrir a cafeteria.

Cheguei à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim em 2024, quando foram abertas as vagas para o ensino médio. Eu estudava em outra escola e havia repetido o ano por faltas. Uma das minhas amigas viria estudar aqui, junto com Matheus Santiago e Richarles Santiago. Formamos um quarteto inseparável… que se separou. A escola também ficava perto da casa para a qual eu estava me mudando.

Minha adaptação foi fácil. De cara, esta foi uma das melhores escolas para mim. Naquela época, não havia tantos alunos como agora, e o período da tarde era muito tranquilo. Na hora do intervalo, a gente se sentava às mesas e parecia um paraíso. Colocavam o lanche na nossa frente, entregavam em nossas mãos, e ao redor havia grama, plantas, flores, passarinhos cantando e conversas agradáveis.

Mesmo com uma boa experiência aqui, permanecer na escola ainda é difícil. O bullying da infância e outras situações fizeram com que eu enxergasse a escola como um lugar hostil. Não esta escola, nem por causa dos professores ou dos alunos daqui. Foram experiências com alunos, professores e supervisores de outras escolas que transformaram, para mim, a ideia de escola em um lugar ruim, ao qual eu precisava ir com cautela.

Muitas vezes, estando em casa e pensando em ir para a escola, lembro de tudo o que aconteceu e não tenho vontade de vir. Quando venho, a experiência costuma ser boa: converso com amigos e professores e conheço os funcionários.

Ainda assim, antes de sair de casa, penso que não quero passar novamente por aquelas situações.

Eu gostaria de ter começado a terapia no início do primeiro ano. Talvez, no segundo e no terceiro, já estivesse frequentando melhor e com essa questão mais resolvida. Comecei somente neste ano e só agora o assunto apareceu na terapia. Falto muito, mas não é simplesmente porque estou com preguiça ou porque não quero estudar. É por causa dessas questões.

A terapia está me ajudando a lidar com o passado. O ambiente desta escola também é compreensivo. Os professores que conhecem a minha situação sabem que estou fazendo acompanhamento psicológico e compreendem minhas dificuldades. Os alunos são legais, e a escola é tranquila. A terapia e o acolhimento daqui estão me ajudando a entender que a escola não é um ambiente ruim e hostil, pronto para me atacar a qualquer momento.

No ensino médio, as mudanças não aconteceram de uma vez. Desde o primeiro dia do primeiro ano até agora, pequenas situações e pequenas mudanças foram me transformando. Uma das transformações mais importantes aconteceu na minha compreensão sobre o racismo.

Quando cheguei, achava que era uma pessoa muito consciente sobre racismo. Ao conviver com outras pessoas, falar certas coisas e observar suas reações, percebi que ainda existia em mim um racismo estrutural. Não era um racismo explícito, de usar diretamente uma ofensa, mas estava presente em falas, piadas e formas de pensar.

Percebi que não era completamente antirracista e que precisava reconhecer quando uma fala ou uma piada era racista, deixar de repeti-la e assumir responsabilidade. Não basta dizer que eu não sabia e, por isso, continuar fazendo. Estou em constante processo de aprendizagem sobre racismo e outros temas sociais. Existem falas de anos, meses e até semanas atrás que hoje me fazem pensar: 'Meu Deus, como pude falar ou pensar isso?'.

Também compreendi que era errado tratar outras pessoas como dicionários ambulantes. Eu perguntava a alguém se determinada coisa era racismo, esperando que a própria pessoa me explicasse. Mas tenho celular, internet e acesso à biblioteca. Posso pesquisar e ler um livro, em vez de transferir essa responsabilidade. Foi uma das coisas em que mais mudei e evoluí. Ainda sinto que estou atrasada nesta parte, como se o que eu estivesse aprendendo, eu deveria ter aprendido anós atrás. Demorou para eu ter um choque de realidade e saber que a vida não é um morango, e para outras pessoas é ainda pior.

O curso técnico em Informática representa uma oportunidade muito boa. Quando eu concluir o ensino médio com uma formação técnica em tecnologia e computação, sairei à frente de quem não teve essa oportunidade. Muitos cursos

são pagos, e nós podemos fazer gratuitamente o técnico em Informática junto com o ensino médio.

Mesmo que eu não trabalhe na área, o conhecimento será útil para mim. Se o computador que eu estiver usando apresentar algum problema, talvez eu mesma consiga resolvê-lo, sem depender de outra pessoa. O curso oferece uma possibilidade de emprego e também um conhecimento que posso usar na minha própria vida.

Concluir o ensino médio é um direito, mas reconheço que muitas pessoas não conseguem usufruir dele. Por isso, também considero um privilégio poder chegar ao final dessa etapa. Eu me orgulho de estar conseguindo. Até pouco tempo atrás, eu me achava muito ruim e incapaz de aprender.

Quando faço uma prova e vejo que consegui alguma nota, que não está zerada, sinto orgulho de ter sabido responder às questões. O mesmo acontece com os trabalhos. Percebo que consigo aprender e compreender as coisas. Basta eu querer e ir atrás.

Vou fazer o Enem. Daqui a cinco ou dez anos, pretendo estar formada em Licenciatura em História e dando aulas para o ensino médio. Imagino-me como uma professora muito esquisita, daquelas que chegam e fazem os alunos pensar: 'Meu Deus, essa criatura esquisitinha vai dar aula'. Eu adoro essa ideia.

Também quero ter uma reserva de dinheiro para começar a cafeteria ou já estar dando os primeiros passos para abri-la. Quero estar entrando na etapa em que aquilo que realmente desejo começa a ir para a frente.

Quero carregar comigo as amizades, as ligações e os contatos que construí aqui. Quero deixar para trás os momentos ruins, as discordâncias com professores e alunos, os momentos em que fiquei triste ou desanimada e, principalmente, a ideia de permitir que acontecimentos do passado continuem me travando. Não quero que as coisas que aconteceram no meu passado continuem interferindo no meu futuro.

Minha mãe me impulsiona a vir para a escola. Também existe uma colega que pega no meu pé para eu frequentar, fazer os trabalhos e conseguir notas e presença. Ela faz trabalhos em dupla comigo e está ao meu lado nas apresentações, mesmo quando eu não sei muito sobre a matéria. Eu também procuro ajudá-la no que compreendo e posso explicar. Sei que, quando o assunto é trabalho escolar, podemos contar uma com a outra. Ela me chama de coisinha, tem alguns significados, mas é um apelido carinhoso.

Para quem ainda não encontra motivo para concluir o ensino médio, pense que, em algum momento do futuro, você vai precisar. Faça isso hoje para o seu eu do futuro.

Faça amizades ou se agarre às que já tem. Na escola, vemos as pessoas todos os dias, convivemos e conseguimos conhecê-las. É mais fácil encontrar gostos em

comum e fortalecer os vínculos. Na vida adulta, existem mais responsabilidades e a necessidade de garantir o pão de cada dia. Pode sobrar menos tempo para conhecer alguém e construir uma amizade. O ensino médio permite fortalecer as amizades existentes, criar outras e levar esse ciclo para a vida.

O primeiro ano foi especialmente marcante. Houve desfiles, debates e apresentações. Fantasiei-me de personagens, desfilei, fiz peças de teatro e participei de trabalhos sobre O Auto da Compadecida, O Pagador de Promessas. Também participei de debates políticos e debates sobre tecnologia. Conheci muitas pessoas novas dentro e fora da escola, comecei a fazer coisas diferentes e participei de viagens. Foi um ano muito legal e divertido, e acredito que levarei essas experiências para a vida.

Se tivesse que me definir em uma única palavra, escolheria mutável. Estou em constante mudança, acho que todos nós estamos. Tanto fisicamente quanto na forma de pensar. Acho que faz parte do processo de amadurecimento das pessoas. Espero continuar mudando por toda a minha vida, uma metamorfose ambulante, que nem o Raul Seixas.

QUERO ESTAR FELIZ EM VEZ DE FORTE O TEMPO INTEIRO

Viviane Moreira de Almeida



Aprendi a ser forte muito nova. Às vezes, falar que alguém é forte parece apenas um elogio, mas, na minha vida, essa força nasceu da necessidade. Ela me ajudou a continuar, a enfrentar o que apareceu pelo caminho e a não desistir. Ao mesmo tempo, ter precisado ser forte tão cedo também me trouxe dificuldades. Nem sempre uma criança ou uma adolescente deveria precisar aprender tão depressa a suportar as coisas.

Meu nome é Viviane, tenho 18 anos. Nasci e cresci em Itaobim, Minas Gerais. Quando penso na minha infância, não encontro uma lembrança boa que queira contar. O que guardo com saudade é o fato de ter sido a irmã mais velha e protetora do meu irmão. Essa vontade de proteger alguém também diz muito sobre quem fui e sobre quem me tornei.

Eu sonhava em me mudar de cidade, ter estabilidade financeira, ter uma casa própria e ser formada, dando orgulho para a minha mãe. Era um sonho de independência, de poder construir uma vida diferente e ter segurança. Com o tempo, esse sonho começou a ficar para trás. No Brasil em que estamos e vindo da família de onde venho, ter o que comer já é uma vitória. Quando as necessidades mais básicas ocupam o primeiro lugar, muitos sonhos precisam esperar.

Mesmo assim, esse sonho não foi totalmente esquecido. Ele continua em algum lugar dentro de mim. Talvez eu ainda precise de tempo para descobrir como retomá-lo, mas a vontade de construir uma vida melhor não desapareceu.

A Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim foi minha primeira escola. Cheguei ainda no ensino fundamental e ela sempre foi minha segunda família. Por isso, falar da escola também é falar de uma parte muito grande da

minha vida. Cresci ali, recebi broncas, tirei notas dez, conheci pessoas e vivi momentos que ficaram guardados em mim.

Estudar era aquilo de que eu mais gostava. Mas houve um momento em que até estudar passou a me causar crises constantes de ansiedade. Aquilo que antes fazia bem também se tornou difícil. Permanecer na escola deixou de ser uma coisa simples. Muitas vezes, quem olha somente a ausência ou o afastamento pode não compreender o que existe por trás deles. Nem sempre é falta de vontade. Existem lutas que não aparecem para todo mundo.

Eu prossegui porque tive o apoio da diretora Rosinalva. Sempre que eu estava mal, tinha ela para me acalmar. A pessoa que mais marcou minha trajetória escolar foi a diretora que a Deys tem hoje, porque ela sabe escutar sem julgamentos e sabe quais conselhos dar. Ser escutada dessa forma fez diferença nos momentos em que continuar parecia mais difícil.

Acolher não é fingir que nada está acontecendo. É perceber que, por trás de uma aluna que se afasta, pode existir alguém tentando respirar, reorganizar a própria vida e encontrar forças para voltar. A escola foi minha segunda família também porque, em momentos difíceis, encontrei alguém disposto a me ouvir e a me ajudar a permanecer.

No ensino médio, descobri que sou mais forte do que imaginava. Mudei como pessoa. Quando olho para mim, vejo que cheguei ao ensino médio mais como uma mulher, infelizmente ou felizmente. Existe felicidade em perceber o quanto amadureci, mas também existe tristeza em reconhecer que algumas responsabilidades chegaram antes do tempo.

Hoje, aos 18 anos, já sou dona do meu canto. Tornar-se adulto antes do tempo não parece justo, e não é. Mas é o que acontece com vários alunos. Cada pessoa chega à escola carregando uma realidade, e as oportunidades nem sempre são iguais para todos. Eu não deixei de aproveitar a escola porque não queria. A vida apresentou outras exigências e, por isso, nem sempre consegui estar presente como gostaria.

O curso técnico em Informática foi uma oportunidade única. Sei que poderia ter aprendido e aproveitado ainda mais se tivesse conseguido estar mais presente. Por causa das consequências da vida, não acredito que levarei tudo o que essa formação poderia oferecer. Ainda assim, reconheço a importância da oportunidade que recebi e sei que ela fez parte da minha trajetória.

Chegar à conclusão do ensino médio significa ter conseguido mesmo com tantos motivos para desistir. Não é apenas receber um documento ou encerrar uma etapa. É olhar para tudo o que aconteceu e perceber que, mesmo com as crises, as dificuldades, as ausências e as responsabilidades, eu cheguei até aqui. Muitas vezes poderia ter parado. Mas continuei.

Depois dessa etapa, pretendo seguir outro caminho. Quero me aprofundar novamente nos estudos para me descobrir. Ainda preciso compreender qual direção seguirei e o que quero construir profissionalmente. Recomeçar os estudos também pode ser uma forma de me reencontrar com aquela parte de mim que sempre gostou de aprender.

Quando imagino a minha vida daqui a alguns anos, quero ter me tornado uma pessoa melhor do que sou hoje e ter dado orgulho para a minha mãe. Ela diz que já sente orgulho de mim por eu ser forte. Ouvir isso é importante, mas existe algo que desejo ainda mais: quero estar feliz em vez de forte o tempo inteiro.

Ser forte me trouxe até aqui, mas eu não quero que minha vida seja apenas suportar dificuldades. Quero ter paz, realizar meus sonhos e viver sem precisar provar o tempo todo que consigo aguentar. Quero deixar as dificuldades para trás e levar comigo tudo o que aprendi com a Deys e com as pessoas de lá.

Apesar de tudo, tenho todas as boas lembranças possíveis da Deys Lopes, desde as broncas até as notas dez. Elas fazem parte da menina que fui, da mulher que estou me tornando e da história que construí dentro da escola.

Para quem ainda passará pela Deys, deixo uma mensagem: não desista, nem quando o mundo estiver decepcionando você. A escola sempre irá acolher, mesmo nos momentos difíceis. Aproveite cada oportunidade que for dada a você. Nem todas as pessoas conseguem viver as mesmas oportunidades da mesma maneira, mas isso não diminui a inteligência ou a capacidade de ninguém.

Parar de estudar nunca deve ser uma opção. Mesmo que o mundo tire tudo de você, ele não pode tirar sua inteligência e sua capacidade. Esforçar-se é necessário. Vencer é uma vitória de toda a sua trajetória.

ENQUANTO EU ESTIVER VIVO, POSSO RECOMEÇAR

Pyetro Ribeiro Santana



Meu nome é Pyetro Ribeiro Santana, tenho 18 anos, nasci e cresci em Itaobim. Se eu tivesse que definir minha trajetória em uma única palavra, escolheria persistência. Desde pequeno, tenho o sonho de seguir a carreira policial. Meu pai já passou pelo Exército, então cresci com essa visão dentro de casa. Sempre quis mexer com polícia, e esse sonho continua sendo aquilo que estou buscando agora.

Minha infância foi muito boa. Cresci mais na rua, brincando. Não tinha muito celular e também não gostava de ficar no celular. Vivi no meio dos animais, das brincadeiras de rua, atentado demais. Foi uma infância bem saudável, uma infância de criança mesmo.

Com o passar do tempo, comecei a trabalhar. Trabalhei muito e, por causa disso, em alguns momentos, os estudos ficaram para trás. Nunca fui uma pessoa que gostava muito de estudar. Eu queria correr atrás das minhas coisas, conseguir emprego e ganhar meu dinheiro. Durante algum tempo, acreditava que era o trabalho, sozinho, que me levaria ao lugar que eu desejava alcançar. Foi necessário amadurecer para perceber que não era apenas aquilo que poderia transformar meu futuro.

Depois que completei 18 anos, minha mentalidade mudou. Comecei a pensar no melhor para mim e a compreender que, querendo ou não, o que vale a pena é o estudo. Essa decisão partiu principalmente de mim mesmo. Olhei para a vida que estava levando e percebi que, se continuasse daquele jeito, seria apenas mais um na sociedade, trabalhando para alguém ficar rico enquanto eu continuaria vivendo uma vida comum. Eu nunca aceitei viver uma vida como todo mundo. Por isso, deixei os trabalhos que ocupavam todo o meu tempo

para voltar a me dedicar à escola, concluir o terceiro ano do ensino médio e me preparar para fazer a prova da Polícia Militar de Minas Gerais.

É como sempre digo: a vida da gente e as nossas chances só acabam quando estamos em um caixão. Enquanto eu estiver vivo, posso começar agora e recomeçar quantas vezes eu quiser.

Cheguei à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim no primeiro ano do ensino médio. Durante essa trajetória, saí uma ou duas vezes porque precisava trabalhar. Quando conseguia um serviço durante o dia, procurava uma escola que funcionasse à noite, porque, mesmo trabalhando, não queria abandonar completamente os estudos. Depois voltava. Se não me engano, retornei no segundo ano e, desde então, permaneci na escola.

O que me fez voltar foi o acolhimento. Esta é uma das escolas da cidade que melhor atende os estudantes. Aqui, uma pessoa com uma sexualidade diferente, por exemplo, é tratada como todas as outras. Não existe essa ideia de que alguém é superior porque tem mais condições financeiras. Aqui, todo mundo é igual a todo mundo.

Em outras escolas, quando eu enfrentava dificuldades por causa do trabalho, nem sempre procuravam compreender o meu lado. Aqui, a escola sempre quis saber o que poderia fazer para que eu realizasse uma prova, recuperasse uma atividade, conseguisse uma nota, concluísse o ano e não desistisse dos estudos. Muitas vezes, o que acontece dentro da própria escola faz o estudante abandonar o seu futuro e acabar frustrado. Por isso, ser recebido de outra maneira fez diferença em minha trajetória.

Uma lembrança que me marcou aconteceu quando saí pela primeira vez para trabalhar. Meu pai veio à escola buscar minha documentação, e uma das cantineiras pediu que eu fosse lá pelo menos um dia para vê-la, para não desaparecer sem me despedir. Quando soube disso, percebi que havia algo diferente naquele cuidado. Aquilo era acolhimento. Voltei à escola e fui acolhido ainda mais.

Também houve um período em que fiquei aproximadamente três meses afastado porque trabalhava durante o dia e a noite. Quando retornei, parecia até um prefeito chegando. Os professores me abraçaram, perguntaram como eu estava e procuraram saber o que poderiam fazer para me ajudar. Ofereceram provas e atividades para que eu recuperasse as notas. Em outra escola, talvez dissessem apenas que eu estava reprovado, que não havia mais jeito ou que eu tinha perdido o ano. Aqui, mesmo perto do final do ano, correram atrás e tentaram me ajudar.

Não consigo apontar apenas um professor como referência. Basicamente todos me marcaram. Foram ótimos professores, e nunca tive intriga com nenhum deles. Todo mundo acolhe e trata a gente bem. Por isso, às vezes considero errado quando vejo algum estudante tratando mal os professores daqui, porque não

existe motivo. Já estudei em outras escolas e conheci muitos tipos de professores. Os daqui são os mais tranquilos. Parecem amigos da gente e realmente são.

Não são amigos somente por causa da relação profissional dentro da escola. São amigos da vida cotidiana. Quando encontram a gente na rua, cumprimentam e perguntam como estamos. Existem escolas em que o professor conversa com o estudante dentro da sala, mas, quando o encontra na rua, nem olha para sua cara. Aqui é diferente.

Durante o ensino médio, descobri que eu me subestimava muito nos estudos. Como nunca fui de estudar, acreditava que não era capaz de aprender determinadas matérias. Eu me considerava horrível em Matemática e Língua Portuguesa. Quando decidi que queria fazer a prova da polícia, precisei amadurecer minha mente e começar a estudar. À medida que fui me dedicando, percebi que conseguia aprender e melhorar.

Mesmo quando uma pessoa não acredita em si por causa de tudo o que fez ou deixou de fazer, ela continua sendo capaz. É como alguém que nunca jogou bola: no momento em que decide que quer aprender e começa a correr atrás, pode conseguir. Não sou apenas eu. Todo mundo é capaz quando se esforça e quer realmente alguma coisa para a própria vida.

Uma pessoa pode estar com 40 ou 50 anos. No momento em que disser "agora começa uma nova fase da minha vida", ela poderá recomeçar. Essa foi uma das maiores descobertas que fiz sobre mim. Apesar de ter enfrentado dificuldades para aprender quando era mais novo, percebi que hoje consigo aprender rapidamente quando realmente quero e corro atrás.

Descobri a potência da minha mente, uma potência que eu acreditava não possuir. Libertei um lado de mim que nem imaginava que existia. Antes, eu olhava para algumas pessoas e pensava: "Eu poderia ser assim". O que eu não percebia era que também não me esforçava para alcançar aquilo.

Muitas vezes, uma pessoa decide fazer uma corrida, corre bem e pensa: "Eu poderia fazer mais". Faz uma prova sem estudar, consegue uma nota razoável e diz: "Eu poderia fazer mais". Ela passa muito tempo repetindo que poderia fazer mais, poderia fazer mais, poderia fazer mais, mas não faz. Quando finalmente decide fazer, percebe que é capaz de muito mais do que imaginava.

O curso técnico em Informática também representa um passo à frente. Essa formação pode ajudar em muitas áreas. Uma pessoa que se aprimora no curso técnico pode trabalhar para si mesma, atender empresas ou prestar serviços para outras pessoas. Existem professores que trabalham com informática fora da escola, atendendo empresas e clientes.

No meu caso, quero fazer a prova da polícia e precisarei continuar estudando e buscar as qualificações necessárias. Quando concluir o terceiro ano, já terei

também o curso técnico. Isso significa que não precisarei começar essa formação do zero e que terei uma oportunidade que muitas outras pessoas não tiveram.

O curso pode ajudar alguém a conseguir trabalho em uma empresa, em uma prefeitura ou em outros lugares. Mostrar no currículo que possui uma formação técnica faz diferença. Já trabalhei em uma empresa em que existiam funções pesadas e funções dentro do escritório. Eu trabalhava no serviço pesado, enquanto, para entrar no escritório, era necessário ter um curso técnico. Se aquela oportunidade surgisse depois da conclusão do ensino médio, eu poderia estar no escritório.

É como os nossos pais dizem: a caneta é mais leve do que a enxada e a foice. Por isso, considero esse curso muito importante.

Quando olho para minha trajetória, o que mais me orgulha é ter voltado a estudar. Uma vez, ouvi uma frase de um filósofo dizendo que tudo na vida pode ser tomado de nós. Podemos ter um carro ou uma moto e alguém pode roubá-los. Mas ninguém pode tomar o estudo e o conhecimento que adquirimos.

Antes, eu me considerava leso para quase tudo. Até que decidi: "Não, eu quero mudar a minha história. Não vou ser um qualquer. Não vou passar a vida inteira trabalhando para os outros nem ser apenas uma parte dos sonhos de outras pessoas. Vou procurar o que é melhor para mim".

Foi então que comecei a estudar mais, a me esforçar e a procurar conhecimento. Essa decisão me mostrou novamente que eu era capaz. Agora, quero aprender cada vez mais. Quanto mais conhecimento eu puder adquirir, mais eu quero: mais, mais, mais e mais.

Meu plano é terminar o ensino médio e procurar um emprego para me estabilizar enquanto estudo para o concurso público. Não pretendo trabalhar para os outros durante toda a minha vida. Quero passar no concurso da Polícia Militar. Enquanto estudo, também preciso juntar dinheiro, porque terei despesas com exames, inscrições, deslocamentos e outras necessidades. Quero conseguir pelo menos comprar uma moto e não ficar parado, sem fazer nada. Mesmo estudando, preciso correr atrás.

O estudo leva a gente a algum lugar, mas primeiro precisamos ter iniciativa. Também precisarei de uma renda para manter meus estudos. Sem dinheiro, será difícil continuar. Por isso, pretendo conciliar o trabalho com a preparação para o concurso até alcançar meu objetivo.

Daqui a cinco ou dez anos, imagino-me aprovado no concurso da Polícia Militar de Minas Gerais. Consigo me ver usando a farda e atuando em alguma cidade. É assim que enxergo meu futuro.

Quero deixar para trás o Pietro que acreditava estar certo ao não estudar. Aquele Pietro corria atrás das coisas, mas não corria atrás do que realmente importava. Achava que, para conquistar alguma coisa, precisava morrer de

trabalhar, em vez de estudar e buscar conhecimento. Quero deixar esse modo de pensar no passado.

Desejo levar comigo o Pietro de agora: aquele que corre atrás, que quer aprender e que deseja cada vez mais conhecimento.

Para os colegas que ainda não conseguiram amadurecer ou chegar até aqui, quero deixar uma mensagem. Muitas pessoas vão duvidar da capacidade de vocês. Provem que elas estão erradas sobre o que pensam. Vocês são capazes.

Não deixem o estudo de lado. Estudar é chato e é difícil, mas é o que pode dar um salto na vida. Às vezes, uma pessoa vem de uma família pobre, de uma vida triste ou de uma família que nunca teve boas condições. Por meio das próprias escolhas, ela pode interromper essa realidade.

Como diz uma música dos Racionais, pelo fato de uma pessoa ser negra, desde criança ela precisa fazer duas vezes melhor. Mas não é necessário ser negro para decidir fazer duas vezes melhor. Faça o seu melhor. Faça também pela sua família.

Quando estiver perto de desistir, pense em como sua família poderá estar daqui a algum tempo. Imagine seus pais vivendo uma vida mais tranquila. Imagine poder aposentar seu pai e sua mãe e não precisar mais ver sua mãe trabalhando para os outros.

Eu sempre vi minha mãe sendo empregada dos outros e sempre quis tirá-la dessa situação. Esse é um dos motivos pelos quais estou estudando agora. Sei que, se passar no concurso, poderei oferecer a ela uma vida melhor e mais estável. Não precisarei continuar vendo minha mãe trabalhando para os outros.

Não adianta pensar: "Vou desistir porque não vai dar certo para mim". Tudo pode dar certo, basta a gente querer e correr atrás. No momento em que você se visualiza lá na frente, já começou a construir esse futuro.

Deus não coloca um plano em nossa vida nem um sonho em nossa cabeça para que não possamos conquistá-lo. Deus não quer ver ninguém sonhando com algo que nunca poderá existir. Por isso, acredito que tudo aquilo com que sonhamos hoje pode ser conquistado lá na frente.

AOS 21 ANOS EU CHEGUEI ATÉ AQUI

Kaique Gonçalves Lemes



Meu nome é Kaique, tenho 21 anos e estou concluindo o ensino médio. Durante muito tempo, essa chegada pareceu distante. Houve momentos em que precisei trabalhar, outros em que não levei a escola tão a sério quanto deveria e outros em que a depressão e os pensamentos negativos poderiam ter me feito parar. Mesmo assim, eu voltei, permaneci e cheguei até aqui. Por isso, quando procuro palavras para me definir, escolho persistência e perseverança.

Minha história começou em uma infância de brincadeiras de rua. As ruas eram cheias de crianças e nós brincávamos muito de esconde-esconde e pega-pega. Guardo com carinho a lembrança daquele tempo, mas minha infância não foi feita apenas de momentos leves. Sofri um acidente muito grave: caí, bati a cabeça e fiquei três meses em coma. Foi horrível. Sobreviver a um acontecimento como esse já faz parte da força que precisei construir, mesmo antes de compreender tudo o que a vida ainda colocaria diante de mim.

Outra luta começou dentro da escola. Tive muita dificuldade para aprender a ler e demorei bastante para desenvolver a leitura. Nem sempre os professores tinham paciência para explicar, e também ficaram as lembranças dos beliscões. Quando uma criança encontra impaciência e violência justamente no momento em que mais precisa de ajuda, a dificuldade não desaparece. Ela pode se transformar em medo, vergonha e na sensação de que aprender não é para ela. Ainda assim, continuei tentando. Com foco, fui desenvolvendo a leitura e consegui superar uma dificuldade que me acompanhava desde pequeno.

Talvez seja por conhecer de perto o peso da falta de leitura que meu pai se tornou minha maior motivação. Ele teve poucas oportunidades de estudar e

sofreu muito por isso. Enfrentou dificuldades até para conseguir a carteira de habilitação. Não conto essa história para dizer que quero ser melhor do que ele. Conto porque a experiência dele me mostra por que a leitura, o conhecimento e as oportunidades são tão importantes. A história do meu pai e a minha própria história se encontram nesse ponto: nós dois sabemos o quanto a falta de escolarização pode limitar os caminhos de uma pessoa.

Antes de chegar à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim, eu estudava em um ambiente com muita confusão, baderna e briga. Não estava conseguindo me encaixar. Vim para a Deys Lopes por indicação e encontrei uma escola completamente diferente. As pessoas conversavam, os professores eram educados, brincavam com a gente e estavam atentos para explicar quando precisávamos. Pela primeira vez naquele momento, senti que havia encontrado um lugar onde poderia continuar sem precisar enfrentar todos os dias um ambiente que me afastava dos estudos.

Nunca tive dificuldade para permanecer por causa da escola. Ao contrário, passei a recomendá-la sempre que encontrava alguém procurando onde estudar. Esse acolhimento teve um significado ainda maior porque eu já trazia uma relação difícil com a aprendizagem. Encontrar professores dispostos a explicar e uma convivência mais tranquila mostrou que a escola também pode reconstruir a confiança de quem, em outros momentos, não se sentiu capaz ou respeitado.

Mas uma escola acolhedora não elimina as dificuldades que existem fora dela. Durante o ensino médio, comecei a querer trabalhar, conquistar minhas coisas e construir alguma independência. Quando os problemas aparecem, o estudante precisa faltar para trabalhar e conseguir alguma coisa. Foi assim que a vida interferiu na minha frequência. Meu afastamento não aconteceu porque eu não gostava da escola nem porque o curso não me interessava. A necessidade e as escolhas daquele momento foram ocupando o tempo que deveria estar dedicado aos estudos.

Foi nesse processo que amadureci e reconheci algo importante: se eu tivesse levado a escola mais a sério, talvez já tivesse concluído o ensino médio e conseguido oportunidades melhores de trabalho. Esse reconhecimento não serve para me condenar pelo passado. Serve para mostrar que hoje enxergo aquilo que antes não conseguia ver. Descobri que posso ir além, mas preciso assumir meus objetivos com seriedade, dedicação e força de vontade.

Eu gostava muito da proposta do curso técnico em Informática porque sempre tive interesse pela tecnologia. Tinha vontade de ter meu próprio computador e aprender mais. Por causa do trabalho, do tempo e das ausências, não consegui acompanhar todas as aulas como gostaria. Ainda assim, o curso representa uma oportunidade que reconheço como importante. Não foi a falta de interesse que me afastou. Foram as condições da vida que tornaram minha

presença irregular e limitaram aquilo que eu poderia ter aprendido.

Em alguns momentos, eu mesmo pensei que concluir o ensino médio aos 21 anos significava estar atrasado. Hoje consigo olhar de outra forma. Chegar aos 21 anos e concluir é uma vitória. Não estou chegando ao final pelo caminho mais curto, mas pelo caminho que consegui percorrer. Passei por um acidente que me deixou três meses em coma, demorei para aprender a ler, enfrentei a depressão, precisei trabalhar, faltei, reconheci meus erros e retornei. A conclusão não apaga nada disso. Ela prova que nada disso conseguiu encerrar a minha trajetória.

Quando olho para tudo o que vivi, meu maior orgulho é nunca ter deixado a depressão tomar conta de mim. A depressão esteve presente e os pensamentos negativos também apareceram, mas eu continuei minha vida e segui em frente. Persistência não significa nunca cair ou nunca se afastar. Para mim, persistência é conseguir voltar, reorganizar a vida e tentar novamente, mesmo depois de acreditar que se perdeu tempo.

Depois da conclusão, pretendo fazer o Enem, embora não pense, neste momento, em ingressar imediatamente em uma faculdade. Quero conhecer as possibilidades e ver o que consigo alcançar. Meu desejo principal é empreender. Penso em ter uma pequena empresa, talvez uma padaria ou outro negócio. Quando imagino minha vida daqui a cinco ou dez anos, também me vejo como um bom mecânico, com a vida estruturada, seguindo e vencendo. Quero construir estabilidade por meio do meu trabalho.

Sei que não basta desejar. Para alcançar esse projeto, precisarei de dedicação, planejamento e força de vontade. Terei de enfrentar os pensamentos negativos e não permitir que cada problema se transforme em motivo para abandonar tudo. Quero deixar para trás a depressão, a preguiça e aquilo que me prende. Quero levar a perseverança e a persistência, porque foram elas que me trouxeram até este momento.

Para os jovens que ficaram pelo caminho ou pensam em desistir, deixo um conselho: escutem o pai, a mãe e as pessoas de bom coração que tentam ajudar. Eu também fui teimoso, cometi erros e precisei consertar minha vida. Muitas vezes, só compreendemos mais tarde aquilo que alguém tentou nos mostrar. Voltar pode parecer difícil, mas é possível.

Concluir o ensino médio aos 21 anos não é o registro de um atraso. É o registro de uma chegada construída entre quedas, ausências, trabalho, aprendizagem e recomeços. Minha história não foi feita apenas de acertos, mas eu não deixei a depressão vencer e não abandonei definitivamente os estudos. Aos 21 anos, estou aqui. Continuei minha vida, segui em frente e consegui chegar à conclusão da educação básica. Essa é a minha vitória.

SE EU ME FORMAR VAI SER POR ELES

Raquel Gonçalves da Silva



Meu nome é Raquel Gonçalves da Silva, tenho 19 anos e nasci e cresci em Itaobim. Estou chegando ao fim do ensino médio depois de ter interrompido os estudos para trabalhar e ajudar minha mãe. Por isso, concluir esta etapa não representa apenas receber um diploma. Representa vencer uma dificuldade que mudou minha trajetória e realizar algo que meus pais não tiveram a oportunidade de realizar.

Minha infância foi marcada pelo futebol, pelas brincadeiras com meus primos e pelos momentos em família. Lembro de jogar bola, brincar, participar dos churrascos e viver muitas outras coisas ao lado das pessoas que faziam parte da minha vida. O futebol ocupava um lugar especial. Quando criança, meu maior sonho era ser jogadora.

Com o tempo, desisti desse sonho porque não tive oportunidades de jogar fora. Para seguir como atleta, eu precisaria encontrar possibilidades além da cidade, competir, ser vista e continuar minha formação no esporte. Essas oportunidades não apareceram. O sonho de ser jogadora foi ficando para trás, não porque eu não gostasse mais do futebol, mas porque as condições para levá-lo adiante não chegaram.

Mesmo assim, o esporte deixou uma marca que não desapareceu. Um dos acontecimentos mais importantes da minha trajetória escolar foi a participação nos Jogos Escolares de Minas Gerais. O JEMG foi minha primeira competição representando Itaobim. Eu não estava ali somente por mim. Carregava o nome da minha cidade, a escola, a equipe e tudo o que o esporte significava para mim.

Naquela primeira competição, fui campeã. Essa conquista permanece na minha história porque mostra uma parte do sonho que consegui viver. Talvez eu não tenha seguido a carreira de jogadora, mas entrei em uma competição,

representei Itaobim e conheci a alegria de vencer. O título não apaga a falta de oportunidades que veio depois, mas confirma que o futebol sempre fez parte de quem sou.

A maior dificuldade da minha trajetória foi financeira. Houve um momento em que precisei parar de estudar e trabalhar para ajudar minha mãe nas despesas. Para muitos jovens, escola e trabalho aparecem como se fossem escolhas simples. Na realidade, quando falta dinheiro, trabalhar pode deixar de ser uma escolha e se tornar uma necessidade. Foi isso que interferiu na continuidade dos meus estudos.

Parar de estudar não significou deixar de reconhecer a importância da educação. Significou atender a uma necessidade da minha família. Eu precisava contribuir. Essa experiência me fez amadurecer e conhecer uma realidade que muitos estudantes vivem: o desejo de permanecer na escola existe, mas as condições financeiras obrigam a reorganizar os planos.

Cheguei à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim porque minha irmã já estudava aqui e sempre dizia que a escola era ótima. Confiei no que ela me contou e decidi vir. Minha experiência inicial foi boa. Encontrei um espaço no qual poderia retomar a caminhada e continuar em direção à conclusão do ensino médio.

Durante esse período, compreendi com mais força que o estudo é muito importante em nossa vida e pode levar a gente longe. Essa descoberta não ficou apenas nas palavras. Quando uma pessoa precisa interromper os estudos, entende de outra maneira o valor da oportunidade de retornar. Cada aula e cada etapa concluída passam a representar algo que poderia ter sido perdido.

O curso técnico em Informática também faz parte dessa oportunidade. Ele oferece uma base sólida e multifacetada e prepara o estudante para compreender o ecossistema digital. A tecnologia está presente no trabalho, na comunicação e em diferentes profissões. Mesmo que eu escolha outra área, essa formação amplia meus conhecimentos e pode contribuir para os caminhos que ainda vou construir.

Concluir o ensino médio é muito importante para mim porque meus pais não puderam estudar e terminar os próprios estudos. Se eu me formar, vai ser por eles. Vai ser por tudo o que fizeram para que nada faltasse para mim, mesmo quando eles mesmos não tiveram as mesmas oportunidades. A minha conclusão também carrega a história deles.

Dizer que vou me formar por meus pais não retira o valor da minha própria conquista. Fui eu quem precisou enfrentar a dificuldade financeira, parar, trabalhar, ajudar minha mãe e depois continuar. Mas reconheço que ninguém chega sozinho. Meus pais sustentaram o que puderam, cuidaram de mim e fizeram esforços para que eu tivesse aquilo que eles não tiveram.

Ainda não tenho uma ideia definida sobre todos os planos após o ensino médio. Não sei exatamente se farei o Enem, se entrarei logo em uma faculdade ou qual será o primeiro passo. Depois de uma trajetória atravessada pelas necessidades financeiras, pensar no futuro exige considerar as condições reais da vida. Não ter tudo decidido agora não significa que eu não tenha sonhos.

Hoje, a profissão que desperta meu interesse é ser treinadora. Esse desejo mantém minha ligação com o futebol. Se não tive a oportunidade de seguir como jogadora, talvez eu possa permanecer no esporte de outra maneira, orientando, ensinando e ajudando outras pessoas. Ser treinadora pode representar uma continuidade do sonho, ainda que em uma posição diferente daquela que imaginei na infância.

Daqui a cinco ou dez anos, imagino uma vida melhor, na qual eu possa ajudar minha família. Espero estar em um lugar que mude minha vida. Não penso apenas em uma conquista individual. Quero que o que eu alcançar também melhore a vida das pessoas que estiveram comigo, principalmente da minha família.

Quero deixar para trás os traumas, os medos e as ansiedades. Eles fazem parte do que vivi, mas não quero que determinem para onde vou. Quero levar comigo o respeito, a coragem e, principalmente, Deus em minha vida. A fé me ajuda a acreditar que posso atravessar as dificuldades e continuar.

A coragem que quero levar não significa ausência de medo. Coragem é continuar apesar do medo, retomar depois de uma interrupção e voltar a acreditar no futuro. Foi preciso coragem para enfrentar as dificuldades financeiras, trabalhar e ainda preservar a possibilidade de concluir os estudos.

Para quem ainda passará por esta escola, deixo uma mensagem: vá à escola e não desista dos estudos. Lá na frente, você verá que todo esse esforço valeu a pena. Às vezes, a necessidade de trabalhar, os problemas familiares, os medos e a ansiedade fazem a conclusão parecer distante. Mesmo assim, estudar continua sendo uma possibilidade de chegar mais longe.

Estou perto de concluir o ensino médio. Trago comigo a menina que jogava bola com os primos, a atleta que representou Itaobim no JEMG e foi campeã, a filha que parou de estudar para ajudar a mãe e a jovem que voltou para terminar aquilo que começou. Trago também o desejo de ser treinadora e de construir uma vida melhor para minha família.

Minha história não é apenas sobre um sonho que não recebeu oportunidade. É também sobre as formas que um sonho encontra para permanecer. O futebol continua em mim, agora na possibilidade de ser treinadora. A educação continua em mim, apesar da interrupção. A coragem continua em mim, apesar dos medos. E, quando eu concluir, essa vitória será minha e também daqueles que não deixaram nada faltar. Se eu me formar, vai ser por eles.

AINDA DÁ TEMPO DE RETOMAR O SONHO

João Pedro Cardoso Murta

Estou concluindo o ensino médio enquanto também aprendo a conciliar a escola, o trabalho e os planos que tenho para a minha vida. Nem sempre consigo estar presente como deveria. Há dias em que o trabalho se torna prioridade e a escola precisa ir atrás de mim, chamar, insistir e oferecer a oportunidade de recuperar o que perdi. Sei que as faltas podem comprometer minha aprendizagem e minha formação profissional. Mesmo assim, ainda estou aqui e quero concluir esta etapa.

Minha infância teve brincadeiras e momentos de liberdade. Eu brincava na rua e guardo lembranças boas desse tempo. Era uma fase em que a vida parecia mais simples e as preocupações eram outras. Quando penso naquela época, também me lembro do meu sonho de ser policial. Com o passar dos anos, esse sonho perdeu um pouco da força, mas não desapareceu completamente. Ainda sou novo e ainda dá tempo de retomar o que um dia desejei.

Hoje penso especialmente na Polícia Rodoviária Federal. É uma vontade que continua comigo, mesmo que eu ainda precise organizar melhor os passos para chegar até ela. Um sonho não se realiza apenas porque a gente deseja. Para alcançá-lo, preciso estudar, concluir o ensino médio, preparar-me e levar mais a sério as oportunidades que tenho. Talvez eu tenha deixado esse projeto um pouco distante durante algum tempo, mas isso não quer dizer que tenha acabado.

Se eu tivesse que me definir em uma palavra, diria que sou esforçado. Reconheço, ao mesmo tempo, que às vezes sinto o que chamo de preguiça ou indisposição. Sei que tenho potencial, mas nem sempre o uso como poderia. Essa é uma descoberta importante: consigo aprender e fazer as atividades, porém preciso assumir com mais firmeza aquilo que quero para mim. Reconhecer uma dificuldade também pode ser o início de uma mudança.

Cheguei à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim porque morava perto. Pensei em estudar em outra escola, mas ouvi que aqui estava muito bom e resolvi vir. Minha adaptação aconteceu rápido. Em menos de um mês, já me sentia adaptado e fui bem acolhido desde que entrei. Não tive dificuldade para permanecer por causa da escola. O que passou a interferir na frequência foi a escolha e também a necessidade de trabalhar.

A escola não deixou que minhas ausências se transformassem em abandono. Quando falto, há busca ativa, incentivo para voltar e oportunidade de fazer a recomposição das aprendizagens. Isso tem importância porque o estudante que trabalha pode começar a se afastar aos poucos e, quando percebe, já perdeu uma parte grande do percurso. No meu caso, a escola continua me chamando para concluir. Faltam poucos meses, e terminar se tornou uma responsabilidade que tenho comigo mesmo.

O trabalho ocupa um espaço importante na minha vida atual. Comecei a trabalhar e passei a enxergar de outra forma o esforço necessário para conquistar as coisas. Também observo muito meu pai. Ele acorda às quatro horas da manhã, faz o café, vai para a padaria e, por volta das seis e meia, segue para a loja. À noite, eu também estou no trabalho e depois volto para casa. Nós temos uma parceria muito boa. Ele é uma pessoa em quem me espelho porque trabalha, deseja o meu bem e me impulsiona a seguir.

Conviver com essa rotina me faz compreender por que tantos jovens não conseguem concluir o ensino médio. Às vezes, não se trata de não gostar da escola. Existem necessidades, responsabilidades e escolhas que colocam o trabalho à frente dos estudos. Eu mesmo vivo esse conflito. Trabalhar traz experiência, responsabilidade e alguma independência, mas as faltas prejudicam o curso e podem diminuir as oportunidades que terei depois.

Por isso, concluir o ensino médio representa felicidade e a possibilidade de avançar. É uma etapa difícil, mas chegar ao final significa provar para mim que consigo. Também quero dar esse gosto aos meus pais, embora saiba que o maior beneficiado serei eu. A conclusão não é apenas para agradar minha família. É uma conquista minha, que poderá acompanhar todas as escolhas que eu fizer daqui para a frente.

O curso técnico em Informática faz parte dessa conquista. Ao terminar, não sairei apenas com o ensino médio, mas com uma formação profissional. Sei da importância dessa oportunidade e também sei que minhas faltas podem comprometer o conhecimento que deveria levar do curso. Não basta receber o certificado. É necessário aprender. A formação técnica pode ajudar no trabalho, na organização de um negócio e em diferentes áreas da vida, pois hoje quase tudo depende da tecnologia.

Depois da escola, não penso em fazer o Enem neste momento. Também não tenho como primeiro plano ingressar imediatamente em uma faculdade. Uma das minhas vontades é empreender e ser dono do meu próprio negócio. Quero construir algo meu e ter independência. Ao mesmo tempo, o sonho de entrar para a Polícia Rodoviária Federal continua existindo. Meus planos ainda podem mudar, mas essas duas possibilidades mostram que penso em um futuro no qual eu possa crescer e conquistar meu espaço.

Para chegar a qualquer um desses caminhos, precisarei de estudo, preparo e disciplina. O empreendedorismo exige conhecimento e responsabilidade. A carreira policial também exige formação, dedicação e aprovação em concurso. Nenhum desses projetos combina com desistência. É por isso que terminar o ensino médio tem relação direta com o futuro que imagino, mesmo quando a rotina de agora parece me levar para longe da escola.

Daqui a cinco ou dez anos, quero ter construído uma vida independente. Quero trabalhar, conquistar minhas coisas, casar e ter filhos. Comecei a namorar e também comecei a trabalhar, e essas experiências me fazem pensar de maneira mais concreta na vida adulta. Já não se trata apenas de imaginar uma profissão. Penso na família que desejo formar, na estabilidade que quero alcançar e na pessoa que precisarei me tornar para assumir essas responsabilidades.

Não tenho um único fato que queira apagar da minha história. O que vivi faz parte de mim. Quero carregar as experiências boas, a parceria com meu pai, o acolhimento que encontrei na escola, o aprendizado do trabalho e a consciência de que ainda posso retomar meus sonhos. Também quero levar a noção de que esforço não é apenas trabalhar muito. Esforçar-me significa reservar espaço para o estudo e concluir aquilo que comecei.

Para quem está ficando para trás, para quem precisa trabalhar ou para quem pensa que já perdeu tempo demais, minha mensagem é não desistir. Cada pessoa tem sua realidade e ninguém deve julgar sem conhecer as dificuldades do outro. Mas, enquanto houver oportunidade de voltar, recuperar as aprendizagens e concluir, vale a pena tentar. A escola pode abrir caminhos que o trabalho imediato, sozinho, talvez não consiga abrir.

Estou perto do fim do ensino médio. Sei que preciso voltar, frequentar e aproveitar os últimos meses. A escola continua acreditando que posso concluir, e eu também preciso acreditar. Meu sonho de infância ainda pode ser retomado. Meu desejo de empreender também pode crescer. A família que imagino para o futuro começa nas escolhas que faço agora. Ainda dá tempo de retornar, aprender o que falta e chegar ao final. Ainda dá tempo de transformar vontade em projeto e projeto em caminho.

ENTRE O TRABALHO E O SONHO

Silvany Junior Lemes Gomes



Meu nome é Silvany Junior, tenho 18 anos e nasci e cresci em Itaobim, Minas Gerais. Se tivesse que me definir em uma palavra, escolheria focado. Essa palavra combina comigo porque, mesmo quando surgem dificuldades, continuo pensando no que desejo conquistar e no caminho que ainda quero construir.

Não me lembro de muitos detalhes da minha infância. Lembro que brincava de tudo um pouco, principalmente de pique-esconde. Foi uma infância comum, vivida mais perto do meu pai e da minha mãe. Não existe um acontecimento específico daquele período que eu considere marcante, mas as brincadeiras e a convivência com a família fazem parte das lembranças que permanecem.

Quando eu era criança, meu maior sonho era conquistar minhas próprias coisas. Eu pensava em ter o celular que queria, uma moto e outros bens que representavam independência. Na profissão, meu interesse sempre esteve mais voltado para a área militar. Esse sonho não ficou para trás. Ele ainda está vivo e continua entre os projetos que desejo realizar.

A pessoa em quem mais me espelho é meu pai, Silvani Gomes. Ele é um senhor trabalhador, determinado, focado e honesto. Essas características fazem com que eu o veja como uma referência. Quando penso na pessoa que desejo ser e na forma como quero conduzir minha vida, reconheço nele valores que gostaria de levar comigo.

Cheguei à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim porque minhas duas irmãs já haviam estudado aqui antes de mim. Como elas conheciam a escola, minha mãe acabou me matriculando no mesmo lugar. Meus primeiros momentos foram bons. A adaptação foi rápida e, no início, tive muitos colegas.

Durante uma parte da trajetória, permanecer na escola foi tranquilo. Depois, tudo ficou mais difícil quando comecei a trabalhar. Eu queria conquistar

minhas coisas e vi no trabalho uma forma de alcançar esse objetivo. Meu primeiro serviço era à noite. Por causa dele, comecei a falhar bastante na frequência e acumulei muitas faltas.

Mais tarde, consegui um serviço melhor, mas ele ocupava o dia inteiro. Já não conseguia conciliar o emprego com a escola. Diante daquela realidade, precisei escolher e escolhi o trabalho. Não foi apenas uma decisão tomada por vontade. Havia necessidade, e trabalhar parecia ser o caminho possível naquele momento.

O desejo de conquistar minhas próprias coisas, que existia desde a infância, acabou interferindo diretamente na minha vida escolar. O trabalho me aproximava de algumas conquistas imediatas, mas também me afastava das aulas e de oportunidades que só poderiam ser aproveitadas com a presença na escola. Essa foi uma escolha difícil, porque os dois caminhos tinham importância para mim.

O curso técnico em Informática representa oportunidades, experiências e aprendizagem. Hoje, quando penso que nossa vida está cercada por tecnologia, reconheço o valor dessa formação. Também percebo que a necessidade de trabalhar me privou de parte das aulas práticas e de conhecimentos que poderiam contribuir para o meu futuro.

Quando analiso essa situação, entendo que estou perdendo uma oportunidade que estava em minhas mãos. Essa compreensão não apaga os motivos que me levaram a trabalhar, mas mostra o que ficou comprometido durante o percurso. Por isso, retornei para fazer as avaliações e a recomposição das aprendizagens, na tentativa de concluir o ensino médio.

A busca ativa realizada pela escola e as oportunidades oferecidas para que eu voltasse tiveram importância nesse processo. Mesmo com minhas dificuldades para comparecer, encontrei uma possibilidade de concluir. Sinto-me feliz e agradecido por a escola estar me proporcionando essa oportunidade, apesar dos obstáculos que enfrentei para conciliar o trabalho e os estudos.

Concluir o ensino médio significa vencer uma etapa que poderia ter sido interrompida. Muitas vezes, o trabalho ocupou o espaço da escola e tornou minha permanência mais difícil. Ainda assim, hoje estou aqui, perto de receber o diploma de conclusão. Isso mostra que uma interrupção não precisa determinar o final da trajetória.

Quando penso no que mais me orgulha, lembro das pessoas que me incentivam a não desistir. Ter quem acredite que eu posso concluir o ensino médio e conquistar meu diploma me fortalece. Esse apoio me ajudou a retornar e a perceber que ainda era possível terminar aquilo que havia começado.

Depois de concluir o ensino médio, pretendo fazer o Enem. Ainda não defini completamente o caminho seguinte, mas quero fazer um curso, construir

uma carreira e ter uma profissão. O interesse pela área militar permanece. Quero tentar ingressar nessa área e descobrir se esse sonho poderá se tornar realidade.

Para alcançar esse objetivo, sei que precisarei focar mais nos estudos. Talvez seja necessário deixar o serviço um pouco de lado para me dedicar à preparação. Para ter uma profissão, é preciso estudar bastante. Essa é uma compreensão importante para mim, porque durante algum tempo o trabalho precisou ocupar o primeiro lugar.

Não deixei de reconhecer o valor do trabalho. Foi trabalhando que busquei minhas coisas e enfrentei minhas necessidades. Porém, hoje compreendo que o estudo também precisa ter espaço em minha vida. Se quero seguir uma carreira militar ou construir outra profissão, não posso depender apenas da vontade. Preciso transformar meu foco em preparação.

Daqui a cinco ou dez anos, desejo ser um rapaz com uma profissão na área militar ou em uma área próxima. Quero continuar em Itaobim, perto da minha família. Minha visão de futuro reúne a profissão que desejo, a cidade onde cresci e as pessoas que fazem parte da minha história.

Quero deixar para trás as angústias, as intrigas, as picuinhas e tudo o que foi ruim durante esses anos. Não desejo carregar situações que não contribuíram para o meu crescimento. Quero levar comigo as amizades, a família e as experiências que me fizeram bem.

Para os jovens que ainda estão na escola e para os colegas que não conseguiram concluir, deixo uma mensagem simples: não desistam. Tentem novamente e foquem nos estudos para que um dia possam conquistar tudo aquilo com que sonham. Nem sempre será possível seguir no mesmo ritmo, mas é importante procurar outra oportunidade e recomeçar.

Minha trajetória no ensino médio ficou marcada pela necessidade de trabalhar, pelas faltas, pela escolha temporária do emprego e pelo retorno para concluir os estudos. Também ficou marcada pelas pessoas que não me deixaram desistir e pela escola que abriu uma nova oportunidade. Hoje sigo com o sonho da área militar ainda vivo e com a certeza de que preciso focar nos estudos para chegar lá.

Sou Silvany Junior. Sou um jovem focado, que deseja conquistar suas próprias coisas, construir uma profissão e permanecer perto da família. Nem sempre consegui conciliar todas as responsabilidades, mas estou tentando novamente. Se existe uma mensagem capaz de resumir o caminho que percorri, é esta: não desista, volte, concentre-se nos estudos e continue tentando conquistar aquilo que você sonha.

TENHO ORGULHO DE MIM MESMO

Vitor Manoel Rodrigues Mota



Meu nome é Vitor Manoel Rodrigues Mota, tenho 18 anos e nasci e cresci em Itaobim, Minas Gerais. Hoje estou no terceiro ano e perto de concluir o ensino médio. Chegar até aqui tem um significado especial porque houve momentos em que me afastei, mas a escola realizou a busca ativa, trouxe-me de volta e continuou oferecendo oportunidades para que eu pudesse concluir. Quando olho para esse percurso, o que mais sinto é orgulho de mim mesmo.

Minha infância foi marcada pelas brincadeiras de rua. Eu brincava muito de pique-pega, esconde-esconde, chuva livre e outras brincadeiras. A rua era tranquila, eu tinha muitos amigos e podia aproveitar aquele tempo com liberdade. São lembranças de uma infância boa, vivida perto de outras crianças, em uma época na qual brincar ocupava grande parte dos nossos dias.

Quando criança, meu maior sonho era ser jogador de futebol. Era um sonho que fazia parte da minha vida, mas, com o passar do tempo, não tive a oportunidade de levá-lo adiante. Nem sempre aquilo que desejamos na infância encontra as condições necessárias para acontecer. O sonho de ser jogador ficou para trás, mas a vontade de construir um futuro continuou e passou a buscar outros caminhos.

Nem sempre consigo falar muito sobre as experiências e dificuldades que me transformaram. Algumas coisas permanecem guardadas e outras ainda não sei explicar. Mesmo assim, reconheço que cada etapa contribuiu para que eu chegasse aos 18 anos com uma visão diferente sobre mim. Se tivesse que me definir em uma palavra, eu escolheria incrível. Dizer isso não significa achar que sou melhor do que alguém. Significa reconhecer meu próprio valor.

Cheguei à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim por meio de amigos que já estudavam aqui. Eles me incentivaram a vir, eu aceitei e gostei. Os primeiros momentos foram legais e me senti acolhido. Somente a primeira semana exigiu alguma adaptação. Depois disso, a convivência ficou tranquila e a escola passou a fazer parte da minha trajetória.

O que mais marcou minha experiência aqui foi o ensino. A escola não representou apenas um lugar para frequentar, mas um espaço no qual pude aprender e avançar. Mesmo com minhas faltas, encontrei pessoas dispostas a me chamar de volta e a não permitir que o afastamento se transformasse no fim dos estudos. Essa insistência teve importância para que eu pudesse estar agora no último ano.

Minha principal referência é meu pai. Eu me espelho nele porque é um homem trabalhador e dedicado à nossa casa. Observar sua responsabilidade me mostra que conquistar alguma coisa exige esforço. Ele representa para mim alguém que assume suas obrigações e trabalha pela família. Essa imagem me acompanha quando penso na pessoa que desejo me tornar.

Durante o ensino médio, também comecei a compreender melhor minhas capacidades. Nem todas as descobertas acontecem de uma vez ou são fáceis de explicar. Algumas aparecem quando a gente percebe que consegue continuar, aprender e voltar depois de um período de afastamento. Hoje reconheço que estar no terceiro ano e ter a possibilidade de me formar também revela uma força que talvez eu não percebesse antes.

O curso técnico em Informática representa aprendizagem. Sei que a tecnologia está presente em quase todas as profissões e que uma formação técnica pode ampliar as oportunidades de trabalho. Também sei que minhas faltas interferem no que consigo aprender. Por isso, concluir não pode significar apenas receber um certificado. Quero levar comigo os conhecimentos que ainda puder construir e a oportunidade de sair do ensino médio com uma formação profissional.

Muitos jovens não conseguem terminar a educação básica. Alguns precisam trabalhar, outros enfrentam dificuldades familiares, financeiras ou pessoais. Há também quem desanime no caminho. Eu mesmo me afastei e precisei ser procurado pela escola. Por isso, estar concluindo não é algo pequeno. É chegar ao último ano depois de idas e retornos e poder dizer que estou perto de me formar.

Quando penso no caminho percorrido, tenho orgulho de mim mesmo por estar aqui. Tenho orgulho de chegar ao último ano e de ter a oportunidade de concluir. Não é uma conquista apenas da escola ou da minha família. É uma conquista minha, embora eu reconheça todas as pessoas que contribuíram para que eu voltasse e continuasse.

Neste momento, não pretendo fazer o Enem. Talvez eu ingresse em uma faculdade, mas ainda penso nas possibilidades. Sei que o Enem pode abrir portas para uma universidade pública ou para uma bolsa em uma instituição particular, porém esse ainda não é o meu plano imediato. Quero seguir outro caminho e organizar melhor os passos que darei depois da conclusão.

A profissão que desperta meu interesse hoje é a Engenharia Elétrica. Para alcançar esse projeto, sei que precisarei estudar e trabalhar. O interesse por essa área mostra que meus sonhos mudaram. Antes eu queria ser jogador; agora consigo pensar em uma profissão diferente, que exige formação, conhecimento e preparação. Mesmo que o caminho pareça difícil, ele pode começar pela decisão de concluir o ensino médio.

Daqui a cinco ou dez anos, desejo ter me tornado alguém importante. Para mim, isso não precisa significar fama. Quero construir uma vida na qual meu trabalho e minhas escolhas tenham valor. Quero olhar para trás e reconhecer que aproveitei a oportunidade de estudar, que não fiquei parado e que avancei em direção ao futuro que escolhi.

Não destaquei uma lembrança ruim específica que queira apagar. O que desejo levar comigo são as pessoas que fizeram parte do meu caminho, o exemplo do meu pai, os amigos, o acolhimento e a aprendizagem da escola. As relações construídas também fazem parte da formação e permanecem quando uma etapa termina.

Para quem ainda não conseguiu concluir, para os colegas que ficaram para trás e para quem pensa em desistir, deixo uma mensagem: é preciso persistir. É preciso continuar, estudar e buscar a formação. Nem todos seguem no mesmo ritmo e algumas pessoas precisam retornar mais de uma vez, mas isso não diminui a importância da chegada.

Estou no último ano. Voltei, permaneci e tenho a possibilidade de me formar. Minha infância, o sonho de ser jogador, os amigos que me apresentaram a escola, a aprendizagem, o exemplo do meu pai e o interesse pela Engenharia Elétrica fazem parte de uma mesma trajetória. Ainda não tenho todas as respostas sobre o futuro, mas tenho uma certeza sobre o presente: chegar até aqui é motivo de orgulho. Tenho orgulho de mim mesmo.

SABEDORIA PARA PROSSEGUIR

Brenda Cristina Amaral Santos



Meu nome é Brenda, tenho 17 anos, nasci em Sete Lagoas e cresci em Itaobim. Vim para cá quando era criança, por volta dos cinco anos. Quando eu era pequena, meu maior sonho era ser modelo. Hoje em dia não tenho mais esse sonho. Fui conhecendo outras coisas e deixei de sentir interesse por essa profissão.

As lembranças que mais guardo da minha infância são as brincadeiras de rua e a família reunida. É disso que mais sinto falta.

Quando olho para a minha trajetória da infância até aqui, penso que uma coisa que me transformou foi parar de ter muitas amizades e deixar de falar demais sobre a minha vida. Essa foi uma mudança importante para mim, embora ainda seja difícil explicar tudo o que ela significou.

Durante a infância, estudei na Escola Estadual Professor Sebastião Soares de Carvalho. Depois, ouvi falar que a Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim era uma escola muito boa e que o ensino também era muito bom. Decidi vir para cá. Outro motivo foi saber que havia poucos alunos, porque não gosto de escola muito cheia. Quando conheci a escola, gostei daqui.

Em relação aos professores, nunca foi difícil permanecer. As dificuldades aconteceram mais na convivência com alguns alunos. Às vezes surgem confusões aqui e ali e a gente acaba querendo sair ou fazer outras escolhas. Mesmo assim, continuei porque a escola é boa, o ensino é bom e as professoras também são legais.

Entre as experiências que mais me marcaram, lembro da gincana e de um desfile realizado pela escola. Era um desfile com personagens. Gostei muito e, até hoje, é um dos acontecimentos de que mais me lembro.

O ensino médio trouxe muitas transformações. Descobri que consigo, sim, viver sozinha. Antes, achava que não conseguiria e que precisava estar sempre rodeada de pessoas ou de amigos. Hoje vejo que consigo ficar sozinha e também consigo ser mais forte para lidar com problemas e situações muito difíceis.

Eu me considero muito mais independente. Mudaram o meu jeito de ser e a forma como lido com tudo. Minha paciência também mudou bastante. Hoje consigo resolver minhas coisas sem ficar com aquela preocupação e sem jogar todos os problemas para outras pessoas, como minha família e meus irmãos.

Quando procuro uma palavra para me definir, penso em determinada e persistente. Existe outra palavra que talvez também pudesse me representar, mas ainda não consegui me lembrar dela.

Sei que, de um período para cá, passei a faltar muito. Tenho consciência da importância do curso técnico em Informática para a minha vida. Às vezes sinto que perdi uma coisa muito importante, que poderia me ajudar no futuro a conseguir um emprego melhor e um salário melhor. Ao mesmo tempo, penso que, mais à frente, posso tentar mudar isso e fazer tudo de novo, mesmo que seja difícil.

O que mais afetou minha frequência foi o desânimo de ter que lidar com pessoas. Neste momento, lidar com pessoas é uma coisa que me incomoda muito. Existem pessoas chatas e pessoas barraqueiras, embora também existam pessoas boas. O que mais acaba me desanimando é essa convivência.

Depois vem a preguiça e o desânimo de estar todos os dias no mesmo lugar. Acordar cedo também é uma das coisas que mais me desanimam. Tudo isso vai se juntando e interfere na minha vontade de ir à escola.

Quando penso na oportunidade de concluir o ensino médio, isso significa muita coisa. Vem o ânimo de tentar melhorar e de fazer as atividades. Surge aquela motivação: 'Eu vou estudar, vou passar de ano logo e melhorar para não ter um futuro igual ao de algumas pessoas que não tiveram oportunidade'. Só que, depois, tudo acaba e o desânimo volta. A motivação vem por uma horinha e depois passa.

Mesmo vivendo esse conflito, eu me orgulho de saber que falta pouco para terminar uma coisa que era a minha maior vontade: concluir o ensino médio. O tempo passa rápido. Aprendi muita coisa na escola e também fora dela. Querendo ou não, muitas coisas que a gente aprende aqui servem para a vida toda.

Fiz a inscrição para o Enem, mas ainda não tenho um sonho totalmente definido para depois do ensino médio. O curso técnico em Informática é importante para mim, mas a área de computação e Informática não é aquela em que pretendo trabalhar. Sei que o curso poderá ser bom para o meu futuro, mesmo que eu siga outro caminho.

Se eu fizer uma faculdade, penso em Biomedicina, principalmente por causa da área da beleza, que é uma coisa de que gosto muito. Acho que poderia ser bom para mim, mas ainda não é uma vontade tão definida.

O que desejo mesmo é ser empreendedora. Quero trabalhar, ter meu próprio caminho e construir um futuro bom. Ainda não sei exatamente qual será o negócio ou como chegarei até ele, mas o empreendedorismo é a possibilidade com a qual mais me identifico neste momento.

Quando imagino minha vida daqui a cinco ou dez anos, se Deus permitir, quero estar em outro país. Tenho muita vontade de conhecer outros lugares e, se for bom, talvez até morar fora.

Quero ter me tornado uma mulher sábia e muito forte, embora eu já me considere forte, independentemente de tudo. Quero ser uma mulher com emprego, ter uma família, conquistar meus sonhos e ser uma pessoa bem independente.

As pessoas que me inspiram são minha mãe, meu pai, a diretora Rosinalva e algumas pessoas que acompanho pela internet. Gosto de assistir a vídeos, conhecer ensinamentos e buscar inspiração nessas pessoas.

Da minha trajetória, quero deixar o meu passado para trás, principalmente as coisas ruins. Quero levar comigo a sabedoria, porque, com sabedoria, consigo compreender melhor as situações, saber o que fazer e tentar não errar de novo.

EU SÓ QUERO ESTAR BEM DE VIDA

Cibelle Dias Carmona



Meu nome é Cibelle, tenho 18 anos, nasci e cresci em Itaobim. Quando penso em uma palavra para me definir, não encontro uma resposta pronta. Primeiro pensei em existência. Depois, pensei em medo. Não me considero uma pessoa medrosa o tempo todo, mas sinto medo em algumas situações. Não sei explicar agora de onde ele vem. Há perguntas para as quais ainda não tenho resposta e outras que prefiro deixar para depois.

Minha infância foi vivida principalmente na rua. Eu brincava de várias coisas, como rouba-bandeira e pique-esconde. Gostava daquela época e sentia-me bem. Era bom brincar na rua e fazer amizades. Tenho saudade disso, porque muita coisa mudou. A gente cresce e muda, e as amizades também mudam. Quando procuro uma lembrança boa da infância, é dessa convivência e dos amigos que me recordo.

Não me lembro de ter um grande sonho quando era criança. Nunca parei muito para pensar nisso. Talvez algumas pessoas cresçam sabendo exatamente o que desejam ser, mas comigo não foi assim. Ainda hoje existem coisas sobre o futuro que não consigo definir.

Minha história com a Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim começou há muito tempo. Depois que saí da creche, vim estudar aqui. Em alguns momentos, saí da escola e depois voltei. Por isso, minha trajetória neste lugar não aconteceu de uma única forma, mas a escola faz parte de uma parte muito grande da minha vida.

Meus primeiros momentos aqui foram bons, mas nem sempre foi fácil permanecer. Houve uma época em que não gostava de estar na escola. Acho que isso tinha relação com a falta de vontade e também com as pessoas, porque as pessoas fazem o ambiente. Quando não nos sentimos bem com quem está ao redor, o próprio lugar se torna difícil.

Também aconteceu uma situação que me marcou. Um menino mexeu comigo e fez um comentário sobre o meu corpo. Não me lembro das palavras que ele usou. Lembro-me do menino, da situação e de que não gostei. Aquilo me deixou triste e contribuiu para que eu não me sentisse bem.

Apesar dessas dificuldades e dos momentos em que pensei em desistir, cheguei ao terceiro ano do ensino médio. Quando penso que estou perto de concluir, ainda não sei explicar exatamente o que sinto. Também nunca havia parado para pensar no que mais me orgulha nesse caminho. Sei apenas que estou chegando ao final de uma etapa que muitas pessoas não conseguem concluir.

Uma pessoa que me inspira a prosseguir é meu irmão, Emerson. Não sei explicar de uma forma elaborada por que ele é minha referência. É ele quem vem à minha mente quando penso em alguém da minha família que me ajuda a continuar.

Depois de concluir o ensino médio, pretendo trabalhar. Também existe o incentivo para que eu faça o Enem, mas ainda não sonho com um curso específico e não escolhi uma faculdade. Não quero dizer que tenho um projeto definido quando ainda não tenho. Neste momento, meu plano mais claro é trabalhar.

Estou concluindo também o curso técnico em Informática e sei que essa formação poderá ajudar na minha vida profissional. Mesmo sem ter escolhido uma área ou uma profissão, reconheço que o curso pode abrir possibilidades no futuro. O conhecimento e a formação técnica poderão ser importantes quando eu procurar trabalho.

Quando tento imaginar minha vida daqui a cinco ou dez anos, também não consigo dizer exatamente onde estarei ou quem terei me tornado. O que desejo é estar bem de vida. Talvez eu ainda precise de tempo para compreender qual profissão quero seguir e quais caminhos desejo escolher.

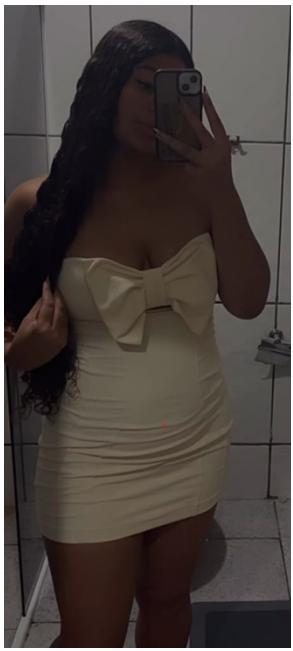
Se pudesse decidir o que deixar para trás, deixaria quase tudo aquilo que me fez mal. Quero que as coisas ruins fiquem no passado. Quero levar comigo as pessoas que me fizeram bem, principalmente meu pai e minha mãe, além das boas lembranças e das pessoas que estiveram ao meu lado.

Nem toda trajetória é construída com respostas certas, sonhos definidos e planos organizados. A minha também é feita de dúvidas, mudanças, afastamentos, retornos e coisas que ainda não sei explicar. Hoje não tenho uma mensagem pronta para quem desistiu da escola ou para quem ainda passará por ela. O que posso registrar é que, mesmo com as incertezas e com os momentos em que não me senti bem, ainda estou aqui, no terceiro ano, perto de concluir o ensino médio.

As coisas ruins vão ficar para trás. As boas, as pessoas que me fizeram bem e aquilo que ainda puder fazer sentido seguirão comigo. Sobre o restante, ainda estou descobrindo.

A GENTE NUNCA VOLTA A SER A MESMA PESSOA

Ketllyn Vitória Alves Santos



Tenho 17 anos. Quando eu era pequena, meu sonho era ser a mesma coisa que minha mãe: técnica em enfermagem. Eu via o trabalho dela e pensava que aquele também poderia ser o meu caminho. Hoje, já não quero mais. Por agora, não estou pensando em uma profissão certa. Sei que ainda preciso me encontrar e escolher alguma coisa que eu consiga começar e terminar, porque tem coisas que eu começo e paro. Ao mesmo tempo que eu quero, eu não quero. É um conflito que existe dentro de mim.

Quando penso no que aparece de forma mais espontânea, vem a vontade de abrir meu próprio negócio. Acho que trabalhar para os outros não dá muito certo para mim. Talvez o meu caminho tenha mais a ver com construir alguma coisa que seja minha, tomar minhas decisões e descobrir do que sou capaz. Ainda não sei qual seria esse negócio nem como tudo aconteceria. É uma ideia que aparece no meio das dúvidas e mostra que, mesmo sem ter uma profissão definida, eu penso em independência.

A palavra que define a minha trajetória é confusa. Essa palavra combina comigo porque não tenho uma resposta pronta para tudo. Sou uma menina muito confusa na vida. Sou intensa em certas coisas e, em outras, não. Em alguns pontos, sou muito de boa. Há momentos em que tenho certeza e outros em que volto atrás. Nem sempre consigo explicar quem sou, mas sei que essas mudanças, vontades e indecisões também fazem parte de mim.

Minha infância foi boa. Passei muito tempo com meus amigos e guardo principalmente as lembranças das brincadeiras de rua. A gente ficava o dia todo brincando. Brincava de esconde-esconde, jogava rouba bandeira e inventava outras coisas para fazer. Naquele tempo, havia mais convivência e mais liberdade

para ocupar a rua. Hoje já não é do mesmo jeito. Quando penso na infância, lembro desse tempo em que bastava encontrar os amigos para o dia ficar cheio.

Depois, vivi uma perda que marcou muito a minha vida. Foi uma fase muito difícil. Antes, eu era uma pessoa que se expressava mais. Depois que essa pessoa morreu, eu parei. Fiquei mais fechada, mais na minha e com menos vontade de colocar para fora aquilo que sentia. A morte mudou muita coisa em mim. Não foi apenas a ausência de alguém; foi também uma mudança na forma como eu passei a me relacionar comigo e com os outros.

A escola teve importância nesse período porque preenchia um certo vazio. Quando eu estava em casa, ficava pensando na perda. Na escola, eu conseguia me divertir. Estar com outras pessoas, participar da rotina e viver momentos diferentes não apagava o que havia acontecido, mas me dava algum espaço para respirar. A escola não era apenas uma obrigação de vir. Ela se tornou um lugar em que eu conseguia, por algumas horas, não ficar presa somente à dor.

Talvez por isso uma pessoa inesquecível para mim na escola seja Gisele. Há pessoas que ficam na memória porque estiveram presentes em momentos importantes, mesmo quando a gente não consegue explicar tudo o que elas representaram. A escola é feita das aulas, mas também dessas presenças, das conversas e das relações que ajudam a tornar os dias mais leves.

Durante o Ensino Médio, nem sempre parei para pensar no que aprendi sobre mim. Quando me fazem essa pergunta, fico sem saber responder. Talvez eu ainda esteja vivendo as coisas e precise de tempo para compreender o que elas fizeram comigo. Algumas mudanças são mais fáceis de perceber. Outras acontecem devagar e só aparecem quando a gente olha para trás. O que sei é que não sou mais a mesma pessoa que era antes.

Meu pai e minha mãe são as pessoas que me inspiram e também caminharam ao meu lado. Eles conversam muito comigo sobre essas coisas e sobre a vida. Sempre que eu preciso, eles estão presentes. Quando penso em apoio, penso nos dois, que me conhecem e querem o melhor para mim.

Quando penso no futuro, não sonho apenas com uma profissão. Quero mudar muito o meu jeito. Quero deixar de ser grossa com as pessoas e ser mais amorosa. Esse também é um projeto de futuro: não somente alcançar alguma coisa, mas me tornar alguém diferente na forma de tratar quem está perto. Sei que as experiências mudam a gente. Dependendo de tudo o que já passamos, a gente nunca volta a ser a mesma pessoa que era antes.

Ainda tenho dúvidas sobre continuar os estudos. Meu pai sonha que eu faça uma faculdade. Eu mesma, há momentos em que quero e outros em que não quero. Penso que o tempo que ficaria estudando também poderia ser usado para fazer alguma coisa útil para mim. Por isso, depois de concluir o Ensino

Médio técnico em Informática, minha vontade é começar a trabalhar. Neste momento, o trabalho parece mais próximo daquilo que consigo imaginar para a minha vida.

Isso não significa que tudo esteja decidido para sempre. Assim como o sonho de ser técnica em enfermagem mudou, outras escolhas também podem mudar. Posso descobrir um negócio que queira abrir, encontrar uma área que faça sentido ou decidir continuar os estudos mais adiante. Minha trajetória é confusa justamente porque não segue uma linha reta. Há vontade, dúvida, começo, pausa e recomeço.

O curso técnico em Informática faz parte desse caminho. Mesmo que eu ainda não saiba exatamente como vou usar essa formação, concluí-la representa chegar ao fim de uma etapa que exigiu permanência. Nem sempre é fácil continuar quando não temos certeza do que vem depois. Ainda assim, concluir pode abrir caminhos que hoje eu não consigo enxergar completamente.

Para quem está estudando e fazendo o curso técnico em Informática na Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim, a mensagem que deixo é: nunca desistir. Eu sei que parece uma frase simples, mas ela tem relação com tudo o que vivi. Houve perda, mudança e dúvida. Houve momentos em que eu não soube o que queria e outros em que pense em desistir. Mesmo assim, estou chegando ao fim do terceiro ano.

Talvez eu ainda não consiga dizer com certeza para onde estou indo. Quero trabalhar, penso em cuidar da minha vida e desejo construir algo meu. Também quero cuidar da maneira como trato as pessoas e me tornar mais amorosa. O futuro ainda não está pronto, e eu também não. Mas aprendi que as coisas que a gente vive deixam marcas. A gente nunca volta a ser exatamente a mesma pessoa. A partir dessas marcas, vai tentando descobrir quem pode ser daqui para frente.

NEM TUDO O QUE VIVI CABE NAS PALAVRAS

Daniel Medina Campos



Tenho 17 anos e estou concluindo o ensino médio. Nem sempre consigo falar muito sobre mim. Às vezes, as respostas ficam curtas, a vergonha aparece e aquilo que eu sei sobre a minha própria vida não sai com facilidade. Mesmo assim, chegar até aqui é uma alegria. Este capítulo registra um pouco do que vivi, das lembranças que guardo, das perdas que enfrentei e do caminho que percorri até o terceiro ano.

Nasci e cresci aqui. Minha infância foi uma infância mais livre. Eu brincava na rua, soltava pipa e jogava bola. Não era uma vida presa dentro de casa. Eu podia sair, encontrar outras crianças e aproveitar aquele tempo. Essas brincadeiras fazem parte das lembranças boas que tenho. Quando penso na infância, lembro dessa liberdade e considero que foi uma época boa da minha vida.

Durante um tempo, tive também um sonho de criança. Depois, conforme fui crescendo, perdi a vontade e aquele sonho acabou ficando para trás. Nem todos os sonhos permanecem iguais durante a vida. A gente muda, conhece outras possibilidades e começa a pensar de outra forma. O fato de um sonho ter mudado não significa que eu tenha deixado de pensar no futuro. Significa apenas que ainda posso escolher outros caminhos.

Nem todas as lembranças são leves. Uma das dificuldades que enfrentei foi a perda do meu avô. Perder alguém da família provoca uma tristeza que não desaparece de uma hora para outra. Foi uma experiência que marcou a minha trajetória, mas consegui continuar. A lembrança permanece, enquanto a vida exige que a gente siga adiante e aprenda a conviver com a ausência.

Minha chegada à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim também faz parte desse caminho. Vim de outra experiência escolar e encontrei aqui um

espaço diferente. Nos primeiros momentos, senti acolhimento. Permanecer na escola nem sempre é simples, principalmente quando cada estudante traz consigo situações que os outros nem sempre conhecem. Para mim, o curso oferecido pela escola foi uma das razões importantes para continuar.

O curso técnico integrado ao ensino médio representou uma oportunidade. Ele tornou a escola mais ligada ao futuro e me deu um motivo concreto para prosseguir. Concluir esta etapa não significa apenas receber o certificado do ensino médio. Significa sair com uma formação a mais e com conhecimentos que podem contribuir para a vida profissional. Mesmo quando ainda não temos certeza sobre a profissão que queremos seguir, uma oportunidade como essa pode abrir caminhos.

Na escola, encontrei pessoas, experiências e acontecimentos que fizeram parte da minha trajetória. Algumas marcas não aparecem em um único projeto ou em um único dia. Elas são construídas no cotidiano, na convivência, nas aulas, nos conselhos e na maneira como somos recebidos. O acolhimento contribuiu para que eu permanecesse e chegasse ao terceiro ano.

Meus pais são referências importantes para mim. Eles querem o meu bem, torcem por mim e desejam que eu tenha um futuro melhor. Esse apoio tem valor porque ninguém chega sozinho ao final de uma etapa como esta. Mesmo quando sou mais reservado e não falo tudo o que sinto, sei reconhecer as pessoas que caminham ao meu lado e acreditam que eu posso seguir adiante.

O ensino médio é um período de mudanças. Aos poucos, descobri coisas boas sobre mim e comecei a perceber que sou capaz de concluir aquilo que iniciei. Nem sempre é fácil explicar essas descobertas. Algumas transformações acontecem por dentro, aparecem nas escolhas, na forma de pensar e na decisão de não abandonar o caminho. Hoje, estar no terceiro ano mostra que consegui atravessar essa etapa.

Concluir o ensino médio tem um significado importante para mim. Muitos jovens não conseguem chegar até aqui. Alguns precisam trabalhar, outros enfrentam problemas familiares ou pessoais, e há aqueles que perdem as forças no meio do percurso. Quando olho para o caminho que percorri, reconheço que permanecer também é uma conquista. Tenho orgulho de estar chegando ao fim da educação básica e de poder pensar no que virá depois.

Ainda estou construindo meus planos. Penso no trabalho, na possibilidade de continuar os estudos e na profissão que poderá me dar independência. Nem sempre consigo falar sobre esses projetos com segurança, porque o futuro também traz dúvidas. Mas quero ter uma vida independente, conquistar minhas coisas e encontrar uma área na qual eu possa seguir. O próximo passo ainda será decidido, mas terminar o ensino médio amplia minhas possibilidades.

Daquilo que vivi, quero deixar para trás o que me marcou de forma negativa. Não preciso carregar para sempre as tristezas, as dificuldades e tudo o que me impediu de avançar. Quero levar comigo as experiências boas, as pessoas que me apoiaram, o que aprendi na escola e a certeza de que consegui chegar até aqui.

Para quem ainda passará por esta escola, para quem pensa em parar ou acredita que não conseguirá concluir, deixo uma mensagem simples: não desista. Às vezes, uma pessoa fala pouco, sente vergonha ou não consegue explicar tudo o que está vivendo. Isso não quer dizer que não tenha sonhos, sentimentos ou uma história importante. Cada um atravessa suas próprias dificuldades. O essencial é continuar e aceitar as oportunidades que podem ajudar na construção do futuro.

Estou encerrando uma etapa da minha vida. Talvez eu ainda não tenha todas as respostas, mas tenho o caminho que percorri, a infância que vivi, a saudade do meu avô, o apoio da minha família, o acolhimento da escola e a formação que conquistei. Nem tudo o que vivi cabe nas palavras. Ainda assim, estas palavras mostram que permaneci, não desisti e estou concluindo o ensino médio. Agora posso pensar no próximo passo.

NUNCA DEIXAR DE APRENDER

Gisele Rodrigues Sousa



Meu nome é Gisele, tenho 17 anos e nasci e cresci em Itaobim. Não me recordo muito bem de qual era meu maior sonho quando criança, mas me lembro com carinho de como vivi aquela época. Eu brincava todos os dias na rua com meus amigos e, no meu tempo livre, era isso que eu mais fazia. Foi uma infância bem vivida, com amizades, brincadeiras e muitas lembranças ligadas à escola.

A escola sempre esteve presente na minha vida. Eu vinha para as aulas, participava dos projetos, ajudava no jardim, pintava e fazia artesanato. Desde que saí da creche, vim diretamente para a Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim. Estudei aqui praticamente a vida inteira. Por isso, quando penso na minha infância, uma das imagens mais fortes que tenho é a de estar na escola com os meus amigos.

A melhor época para mim foi o ensino fundamental, principalmente do oitavo ao nono ano. Era muito divertido vir para a escola. A convivência com os colegas, as atividades e tudo o que vivíamos aqui tornaram aquele período especial. São lembranças que ficaram marcadas e que mostram o quanto esta escola faz parte da minha história.

Se eu tivesse que me definir hoje, diria que sou simpática, embora também seja muito tímida e vergonhosa. Não tenho muita coragem de falar na frente das pessoas e sinto vergonha quando preciso me expor. Mesmo assim, reconheço que existe coragem em mim, porque, apesar do medo, tento fazer o que é necessário e participar quando sou chamada.

Falar em público sempre foi um dos meus maiores desafios. Apresentar trabalhos, fazer atividades de redação e responder questões de Língua

Portuguesa são situações em que tenho mais dificuldade. Minha vergonha acaba me prejudicando um pouco. No ensino fundamental, tudo parecia mais fácil. No ensino médio, com mais produção de textos, redações e preparação para o Enem, percebi com mais clareza essa dificuldade.

O incentivo dos professores me ajudou a enfrentar essa insegurança. Eles nos estimulam a participar das apresentações e a nos soltar. Muitas vezes, o trabalho vale ponto e precisamos apresentar para conseguir avançar nas matérias. No começo, isso causa medo, mas também nos obriga a tentar. Considero essa estratégia válida, porque contribui para que o aluno, aos poucos, quebre o receio de falar diante das pessoas.

Durante minha trajetória, várias pessoas da escola estiveram presentes. No ensino médio, o professor Edu, de Matemática, e o professor Ricardo, de Língua Portuguesa, tornaram-se referências. Acredito que todos os professores contribuíram, porque procuram incentivar e ensinar o melhor para nós.

Minha família também sempre participou da minha caminhada. Minha mãe e meu pai me apoiaram e me incentivaram a frequentar a escola, concluir os estudos e, somente depois, pensar em um curso, em uma faculdade e no trabalho. Em casa, a educação sempre veio primeiro. Esse apoio me deu segurança para continuar e pensar no que quero construir para o meu futuro.

Uma decisão importante marcou o início do meu ensino médio. Meus pais foram morar na roça por causa do trabalho, e eu poderia ter ido com eles. Se tivesse tomado essa decisão, acredito que minha vida teria mudado completamente. Escolhi permanecer em Itaobim para continuar meus estudos. Atualmente, moro com meu irmão e com minha avó e vejo meu pai e minha mãe somente nos finais de semana.

Ficar aqui significou manter a escola que sempre conheci, as amizades e a trajetória que construí desde pequena. Não foi apenas continuar morando no mesmo lugar. Foi uma escolha que interferiu diretamente na minha formação. Mesmo sem meus pais comigo durante a semana, continuo recebendo o apoio deles e sabendo que valorizam minha educação.

Nunca pensei em desistir dos estudos. O que me dá força é pensar no melhor para mim e para o meu futuro. Sei que, concluindo o ensino médio, terei mais chances de fazer um curso, entrar em uma faculdade e conseguir um bom emprego. Graças a Deus, nunca precisei deixar de vir à escola para trabalhar, porque em casa nunca faltou nada. Meus pais sempre fizeram questão de que eu me concentrasse primeiro nos estudos.

Sei que essa não é a realidade de todos os jovens. Muitos precisam trabalhar para ajudar a família e acabam faltando ou até abandonando a escola. Quando observo essas situações, compreendo ainda mais a oportunidade que

tenho. Quero aproveitá-la, concluir esta etapa e me preparar para conquistar minhas coisas com meu próprio esforço.

Entre as experiências do ensino médio, as aulas práticas de Informática são as que mais me marcaram. Quando consigo fazer uma atividade, fico muito feliz, porque é uma matéria difícil. A gente tenta, consegue concluir e vê que deu tudo certo. Essa sensação de realizar algo que parecia complicado faz as aulas práticas serem especiais para mim.

O curso técnico em Informática representa conhecimento e uma oportunidade de emprego. Hoje, a informática está presente em praticamente todas as áreas, e ter essa formação pode fazer diferença quando buscamos uma vaga. Mesmo que eu escolha outra profissão, o que aprendi no curso continuará sendo útil e poderá abrir oportunidades no futuro.

Pretendo fazer o Enem. Tenho vontade de cursar Administração ou Recursos Humanos. Se eu conseguir uma nota que me permita entrar na faculdade, quero começar logo. Caso isso não aconteça de primeira, pretendo continuar estudando, fazer outro curso e me preparar para tentar novamente. O importante é não parar e encontrar uma forma de seguir em direção ao que desejo.

Daqui a cinco ou dez anos, espero já ter minha casa, minha família e um emprego. Por isso, desejo começar a faculdade o quanto antes, conseguir uma oportunidade profissional e construir minhas coisas.

Sou grata à escola e à diretora por proporcionarem tantas coisas boas aos alunos. Agradeço também aos professores, que incentivam e ensinam, e à minha família, que sempre esteve ao meu lado e nunca deixou faltar nada em casa. Cada uma dessas pessoas contribuiu para que eu chegasse ao terceiro ano sem pensar em desistir.

Para quem ainda passará por esta escola, deixo uma mensagem: não abandone os estudos e não permita que as dificuldades da vida impeçam você de aprender. Se precisar trabalhar, procure, sempre que for possível, conciliar um horário para o trabalho e outro para a escola. Pode ser cansativo e sobrecarregado, mas nunca deixe de aprender, porque todo esse esforço vai valer a pena futuramente.

UMA PARTE DE MIM AINDA ESTÁ LÁ

Nikelli Cardoso dos Santos



Meu nome é Nikelli Cardoso dos Santos, tenho 18 anos e nasci em Itaobim, Minas Gerais. Morei em Belo Horizonte durante aproximadamente seis anos e depois voltei para minha cidade natal, onde nasci e cresci. Minha trajetória reúne mudanças, retornos, lembranças e aprendizados que me ajudaram a chegar até aqui.

Eu era uma criança muito sonhadora, pelo que me lembro. Queria ser tudo ao mesmo tempo: professora, médica, estilista. Eram muitos sonhos, e eu acreditava que poderia ser qualquer coisa que quisesse. Na infância, o futuro parecia aberto a todas as possibilidades.

Com o tempo, esses sonhos mudaram. Talvez, no fundo, eu ainda não soubesse exatamente o que queria. Por mais que eu pensasse que poderia ser tudo, quando a gente cresce percebe que nada é tão fácil assim. A vida mostra que escolher um caminho exige mais do que imaginar uma profissão.

Tenho tantas memórias boas da minha infância que chega a ser difícil escolher qual foi a melhor. São momentos simples, pessoas e situações que, na época, talvez eu nem imaginasse que um dia me fariam sentir tanta saudade. Quando lembro daquele tempo, sinto que uma parte de mim ainda está lá.

Essa parte que ficou na infância guarda a menina que sonhava com muitas profissões e acreditava em todas elas. Guarda também os momentos que pareciam comuns, mas que se tornaram importantes com o passar dos anos. Nem sempre reconhecemos o valor de uma lembrança enquanto ela está acontecendo.

As dificuldades e as mudanças que passei na vida foram o que mais me transformou. Elas me fizeram amadurecer, ficar mais forte e aprender a lidar melhor com as situações. Cada mudança exigiu uma adaptação e contribuiu para que eu conhecesse melhor a pessoa que estava me tornando.

Cheguei à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim porque precisava mudar de escola. A escola onde eu estudava ficava muito longe da minha casa. Eu precisava acordar cedo para me arrumar e conseguir chegar até lá. A mudança resolveu uma dificuldade do cotidiano e aproximou a escola da minha realidade.

Mudar para esta escola foi uma das melhores coisas que me aconteceram, principalmente porque ela ficou mais perto de casa. No começo, eu estava com medo e pensava se conseguiria me encaixar. Acho que todo mundo sente algo parecido quando chega a um lugar novo e ainda não sabe como será recebido.

O medo dos primeiros dias passou. Logo fiz amigos que realmente mudaram minha vida, e sou muito grata por isso. A escola não ficou marcada apenas pela proximidade da minha casa, mas pelas relações que construí aqui. Foram as pessoas que transformaram o novo espaço em um lugar de pertencimento.

Não tive grandes dificuldades para permanecer na escola. Sempre lidei bem com os estudos, procurei continuar e fazer o meu melhor, mesmo quando apareciam alguns obstáculos. Manter essa constância foi importante para que eu chegasse ao terceiro ano sem abandonar meu objetivo.

Alguns professores deixaram marcas importantes em minha trajetória. Eliezer foi um professor que eu via como uma grande inspiração. Ele motivava os alunos, demonstrava que realmente se importava e fazia o possível para ajudá-los a conseguir boas notas.

Nesta escola, também vejo o professor Eduardo dessa forma. Ele sempre esteve disposto a ajudar os alunos, mesmo quando precisava pegar no pé de cada um. Professores assim permanecem em nossa memória porque mostram, por meio de suas atitudes, que alguém acredita em nosso potencial.

Durante o ensino médio, descobri que sou mais forte e capaz do que imaginava. Amadureci, aprendi a lidar melhor com as situações e passei a me conhecer melhor. Essa descoberta não aconteceu de uma vez. Ela foi construída nas experiências, nas dificuldades e nas escolhas feitas ao longo dos anos.

O curso técnico em Informática foi muito necessário para nós, jovens, principalmente porque logo estaremos entrando no mercado de trabalho. Ele representou uma oportunidade de aprender coisas novas e adquirir conhecimentos que poderão ser importantes para o futuro.

A formação em Informática acrescentou uma possibilidade à minha trajetória. Ainda não sei exatamente em qual profissão trabalharei, mas reconheço que esse conhecimento pode abrir caminhos. Sair do ensino médio com uma formação técnica significa estar mais preparada para as oportunidades que possam aparecer.

Concluir o ensino médio é incrivelmente importante para mim. Quando olho para o caminho percorrido, percebo o quanto fui melhorando até chegar onde estou hoje. Tenho orgulho principalmente de ter mantido o foco desde o começo e de não ter desistido do meu objetivo.

Depois da conclusão, pretendo fazer o Enem. Talvez eu também trabalhe em alguma área de Informática, se conseguir. Ainda estou pensando em alguns planos e não tenho tudo definido. Espero encontrar o caminho certo para mim sem precisar fingir que já possuo todas as respostas.

Hoje ainda não existe uma profissão específica que concentre todo o meu interesse. Acho que logo vou descobrir. Por enquanto, quero continuar aprendendo e aproveitar as oportunidades que aparecerem. A menina que queria ser tudo cresceu, mas ainda conserva a abertura para conhecer diferentes possibilidades.

Daqui a cinco ou dez anos, imagino-me trabalhando, tendo conquistado minha independência e podendo ajudar minha família. Espero estar em uma profissão que me faça sentir realizada. Também desejo ter me tornado uma pessoa mais madura e segura de mim.

Quero deixar para trás as inseguranças, os medos e tudo aquilo que me fez duvidar de mim mesma. Não quero permitir que essas dúvidas definam as escolhas que farei. Quero levar os aprendizados, as amizades, as boas lembranças e, principalmente, a força que adquiri durante essa trajetória.

Para quem ainda passará por esta escola, minha mensagem é simples: aproveite bem. Aproveite os momentos, as amizades, os professores e até as pequenas coisas. Quando você perceber, essa fase já terá passado. No final, são essas lembranças que ficam.

Hoje compreendo que os momentos aparentemente simples podem se tornar as memórias mais importantes. Foi assim com a infância e também poderá ser assim com a escola. As conversas, os professores, os amigos, o caminho até a sala de aula e as experiências do ensino médio formam uma etapa que um dia será lembrada com saudade.

Sou Nikelli Cardoso dos Santos. Nasci em Itaobim, vivi parte da infância em Belo Horizonte e retornei à minha cidade. Fui uma criança que acreditava poder ser tudo. Cresci, enfrentei mudanças, compreendi que nada é tão simples e descobri que sou mais forte e capaz do que imaginava.

Ainda não defini completamente a profissão que seguirei, mas isso não significa ausência de futuro. Quero fazer o Enem, continuar aprendendo, talvez trabalhar com Informática, conquistar minha independência e ajudar minha família. Levo comigo as amizades, os professores que acreditaram em meu potencial e a força que construí. Uma parte de mim ainda está na infância, mas a jovem que sou hoje segue pronta para descobrir o próprio caminho.

A MENINA MULHER QUE NÃO TEM MAIS MEDO

Vitória Fernandes da Costa



Meu nome é Vitória Fernandes da Costa, tenho 17 anos e nasci no hospital de Itaobim, no Vale do Jequitinhonha. Cresci em uma fazenda do município. Minha história começou entre a cidade onde nasci e a vida no campo onde fui criada. Hoje, perto de concluir o ensino médio, olho para essa trajetória e reconheço que já não sou a mesma menina. Tornei-me uma menina-mulher que não tem mais medo de enfrentar obstáculos para conquistar seus objetivos.

Tenho muitas lembranças da infância, principalmente dos momentos em que brincava com meus primos e irmãos. Crescer na fazenda significou dividir o cotidiano com a família e construir lembranças ao lado das pessoas mais próximas. Essas experiências fazem parte da base que levo comigo e da forma como aprendi a conviver, compartilhar e seguir em frente.

Quando criança, meu maior sonho era ser bombeira. Eu imaginava uma profissão ligada à coragem, ao cuidado e ao enfrentamento de situações difíceis. Com o passar do tempo, esse sonho mudou aos poucos. Hoje já não desejo seguir esse caminho. Mudar de sonho não significa abandonar o futuro. Significa conhecer melhor a si mesma e descobrir novos interesses.

Uma das experiências que mais me transformou foi compreender que algumas amizades dentro da escola não eram verdadeiras. Elas não me deixavam concentrar nos estudos e não contribuíam para o meu crescimento. Durante algum tempo, a convivência com essas pessoas interferiu em minhas escolhas e em minha atenção. Hoje reconheço que estou bem melhor sem essas amizades.

Afastar-me do que me prejudicava foi uma forma de aprender a escolher quem pode caminhar ao meu lado. Nem toda companhia é amizade e nem

toda proximidade faz bem. Essa descoberta exigiu maturidade. Ao deixar para trás relações que me impediam de me concentrar, abri espaço para reconhecer minhas capacidades e cuidar melhor dos meus próprios objetivos.

Cheguei à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim por meio de recomendações. O começo foi meio tenso, porque entrar em um ambiente novo sempre traz insegurança. Aos poucos, acostumei-me e passei a fazer parte da escola. A tensão inicial não me impediu de permanecer e construir aqui uma etapa importante da minha trajetória.

Não pensei em desistir dos estudos. Minha mãe e meu namorado sempre me incentivaram a nunca abandonar a escola. Esse apoio teve importância porque, mesmo quando surgem dúvidas, ansiedade ou dificuldades, saber que existem pessoas que acreditam em nós fortalece a decisão de continuar.

Um acontecimento que marcou minha trajetória foi ter sido a mais votada para desfilar como rainha da Festa da Manga, em 2023, quando eu estava no nono ano. Ser escolhida pelos votos representou o reconhecimento dos colegas e me colocou diante da escola de uma forma especial. Aquele momento permanece como uma lembrança importante.

Ser a mais votada também mostrou que eu era vista pelas pessoas ao meu redor. Para uma menina que enfrentava ansiedade, inseguranças e amizades que não faziam bem, receber esse reconhecimento teve um significado próprio. A experiência de desfilar como rainha faz parte das memórias que levarei da escola.

Durante o ensino médio, descobri que sou inteligente e capaz de correr atrás dos meus sonhos. Essa talvez seja uma das transformações mais importantes que vivi. Quando a gente reconhece a própria capacidade, começa a olhar os obstáculos de outra forma. Eles continuam existindo, mas deixam de parecer maiores do que nós.

O curso técnico em Informática representou algo especial para mim. Quero levar essa oportunidade adiante e mostrar a todos o que aprendi. A formação não termina no certificado. Ela aparece na capacidade de usar o conhecimento, apresentar aquilo que sei e aproveitar as oportunidades que poderão surgir depois da escola.

Concluir o ensino médio significa muito para mim. Também é motivo de orgulho para minha mãe. Quando olho para o caminho percorrido, o que mais me orgulha é não ter desistido. Permanecer foi uma escolha repetida ao longo dos anos e agora essa decisão está perto de se transformar em conclusão.

Depois do ensino médio, pretendo fazer faculdade e trabalhar. Quero continuar estudando, mas também desejo construir minha independência. Sei que conciliar as duas coisas exigirá organização e esforço. Ainda assim, quero seguir adiante, porque reconheço que o estudo pode ampliar as oportunidades e ajudar na realização dos meus projetos.

A área que desperta meu interesse hoje é a Contabilidade. Para alcançar esse objetivo, precisarei fazer cursos e estudar bastante. Escolher uma profissão significa compreender que o sonho precisa ser acompanhado por preparação. A inteligência que descobri em mim deve se transformar em dedicação.

Daqui a cinco ou dez anos, espero estar formada em Contabilidade. Quero continuar sendo a pessoa maravilhosa que sou, estar em minha casa própria, casada e perto da minha família. Não desejo perder quem me tornei para alcançar uma profissão. Quero crescer, conquistar estabilidade e conservar aquilo que reconheço como bom em mim.

Ter minha casa própria representa independência e segurança. Estar casada e com minha família representa continuidade, afeto e construção de uma vida compartilhada. Formar-me em Contabilidade representa o resultado dos estudos e do esforço. Esses projetos se unem na mulher que desejo ser.

Quero deixar para trás a menina que tinha ansiedade. Não quero levar comigo os medos e as inseguranças que me impediram de reconhecer meu valor. Isso não significa negar o que vivi. Significa escolher que essa fase não comandará meu futuro. Quero continuar levando a menina que sou hoje, mais consciente, inteligente e capaz.

Hoje me reconheço como uma menina-mulher. Essa expressão representa a passagem entre fases. Ainda sou jovem, mas já aprendi a enfrentar obstáculos, afastar-me do que não me fazia bem e correr atrás dos meus objetivos. Não tenho mais o mesmo medo de antes. A coragem que construí faz parte da pessoa que sou agora.

Para quem ainda passará por esta escola, deixo uma mensagem: seja forte e nunca desista. Por meio da escola, você poderá se tornar uma grande pessoa. O ensino não oferece respostas prontas para tudo, mas ajuda a reconhecer capacidades, construir conhecimentos e perceber que existem caminhos além das dificuldades do presente.

Estou concluindo o ensino médio com orgulho por não ter desistido. Trago comigo a infância na fazenda, as brincadeiras com meus primos e irmãos, o antigo sonho de ser bombeira, a lembrança de ter sido rainha da Festa da Manga, o apoio da minha mãe e do meu namorado e tudo o que aprendi no curso técnico em Informática.

Também trago a certeza de que sou inteligente e capaz de correr atrás dos meus sonhos. Quero estudar Contabilidade, trabalhar, conquistar minha casa, casar e construir minha família. Deixo para trás as amizades que me prejudicavam e a menina dominada pela ansiedade. Sigo como a menina que sou hoje, uma menina-mulher que não tem mais medo de enfrentar obstáculos para conquistar seus objetivos.

A FELICIDADE DE CONSTRUIR NOVOS CAMINHOS

Lívia Pereira Fernandes



Tenho 17 anos e, se tivesse que definir a minha trajetória em uma única palavra, escolheria felicidade. Isso não significa que a minha vida tenha sido feita apenas de momentos fáceis. Também vivi perdas, precisei mudar sonhos e aprendi a continuar quando as coisas não aconteceram como eu esperava. Mesmo assim, quando olho para o caminho que percorri, é a felicidade que quero guardar como a palavra da minha história.

Eu vim da roça, da comunidade Brejo 2, em Itaobim, onde vivi com meus pais. Quando penso em quem sou, digo que sou divertida, respeito muito as pessoas e sou honesta. Talvez existam outras palavras para me definir, mas essas são as que reconheço em mim. Minha origem também faz parte de quem sou. Crescer na roça, conviver com a família e construir as primeiras lembranças naquele lugar deixaram marcas que continuo levando comigo.

Minha infância esteve muito ligada ao esporte. Sempre gostei de brincar com meus primos, meus amigos e meus pais. O futebol era o meu esporte favorito e continua sendo até hoje. Quando eu era criança, meu maior sonho era ser jogadora de futebol. Não era uma vontade pequena ou uma brincadeira passageira. Eu gostava de jogar e imaginava que aquela poderia ser a minha profissão.

Uma das experiências que mais me marcou foi a morte do meu pai. Ele é uma pessoa inesquecível para mim. A perda foi o maior desafio que enfrentei e mudou a minha vida. Com o tempo, aprendi a conviver com a falta. A correria do dia a dia também fez com que eu seguisse. Não é que a gente simplesmente esqueça ou supere uma pessoa importante. A saudade permanece, mas a vida continua e a gente encontra maneiras de caminhar levando aquela memória junto.

Meu pai também fazia parte do meu antigo sonho. Quando eu queria ser jogadora de futebol, era nele que eu me inspirava. Por isso, falar sobre o futebol também é lembrar dele. Há sonhos que carregam pessoas dentro deles. Mesmo quando esses sonhos mudam, a inspiração e o carinho não desaparecem. Eles passam a acompanhar as novas escolhas que fazemos.

A escola me ajudou muito e me acolheu. Aqui, consegui fazer bastante amigos e encontrei pessoas que participaram da minha trajetória. Estudo na Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim há muitos anos e praticamente cresci dentro dela. Quando olho para trás, vejo que as salas, os professores, os colegas e as experiências vividas aqui fazem parte de diferentes fases da minha vida.

A escola também me ajudou a perceber o que eu queria para o meu futuro. Durante muito tempo, pensei no futebol, mas machuquei o joelho e comecei a entender que ser jogadora talvez já não estivesse ao meu alcance. Foi difícil mudar um sonho que existia desde a infância, mas essa mudança não significou ficar sem direção. Aos poucos, encontrei outra possibilidade, e agora quero ser fisioterapeuta.

A Fisioterapia se tornou meu plano principal. Fiz o curso técnico em Enfermagem no ITEP e essa experiência também se relaciona com a área da saúde. Hoje, consigo olhar para a minha trajetória e perceber que uma escolha foi levando a outra. O sonho do futebol encontrou uma limitação por causa do joelho, mas o interesse pelo corpo, pelo movimento e pelo cuidado continuou de outra forma.

Também estou concluindo o Ensino Médio técnico em Informática. Considero esse um bom curso e sei que ele ficará registrado no meu currículo. A formação em Informática representa outra possibilidade profissional. Se a Fisioterapia não acontecer logo, poderei buscar oportunidades relacionadas ao curso técnico. Gosto de pensar que tenho um plano principal, mas também uma outra alternativa. Ter mais de um caminho não diminui o meu sonho; ajuda a criar condições para alcançá-lo.

Durante essa trajetória, aprendi a encontrar inspiração em mim mesma. Hoje, não tenho uma pessoa específica em quem preciso me espelhar para continuar. Eu me inspiro em mim. Reconheço o que já vivi, as mudanças que enfrentei e a capacidade que tive de construir um novo projeto para a minha vida. Isso não apaga a importância do meu pai nem das pessoas que estiveram comigo. Significa que também consigo reconhecer minha própria força.

No Ensino Médio, Ítalo caminhou ao meu lado. Nossa amizade já dura seis anos. É uma amizade que começou antes da conclusão desta etapa e que espero carregar comigo depois da escola. Os colegas fazem parte daquilo que

a gente vive na Educação Básica. Por isso, considero importante valorizar as amizades, principalmente aquelas que resistem ao tempo, às mudanças de turma e aos diferentes momentos da vida.

Já fiz minha inscrição no Enem, mas não sei se estou preparada. Depois de concluir o terceiro ano, penso em trabalhar primeiro, ganhar um dinheiro, guardar e fazer uma faculdade. O trabalho aparece como uma forma de construir condições para continuar estudando. Quero cursar Fisioterapia, mas compreendo que talvez precise organizar esse caminho por etapas. Posso trabalhar, economizar e depois ingressar no curso superior. O importante é não perder de vista a direção que escolhi.

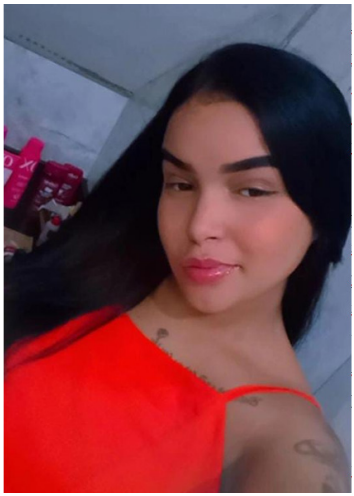
Quando penso nos colegas que faltam muito, minha mensagem é que parem de faltar. Vale a pena estudar. Também é importante prestar atenção nos professores e no que eles falam. Nem sempre percebemos na hora o valor das oportunidades que a escola oferece. Às vezes, somente mais tarde entendemos como uma aula, um conselho, um curso ou uma amizade participaram das decisões que tomamos.

Também quero deixar registrado que é preciso valorizar a amizade. A escola não é feita apenas de conteúdos e avaliações. Ela é feita das pessoas que encontramos, das conversas que nos acompanham e dos vínculos que permanecem quando uma etapa termina. Os estudos abrem caminhos, mas as amizades ajudam a dar sentido ao tempo que passamos aqui.

Meu sonho de criança mudou. Eu não serei a jogadora de futebol que um dia imaginei, mas o esporte continua fazendo parte de mim. A memória do meu pai também continua. Agora, quero ser fisioterapeuta e construir esse futuro com os caminhos que tenho: o Enem, o trabalho, a formação técnica em Informática, a experiência na área da saúde e a decisão de continuar. Quando olho para tudo isso, entendo por que escolhi a palavra felicidade. Minha felicidade não está em ter vivido uma história perfeita. Está em poder seguir, criar outras possibilidades e reconhecer que ainda tenho sonhos pela frente.

MESMO SENDO TÃO DIFÍCIL EU CONSEGUI

Lívia Maria da Silva Meneses



Meu nome é Lívia, tenho 19 anos. Nasci e cresci em Alagoas, lugar onde estão algumas das lembranças mais importantes da minha infância. Quando volto o olhar para esse período, o que encontro é muita felicidade ao lado da minha família. São essas recordações que permanecem comigo e ajudam a compreender por que, desde criança, meus sonhos também estiveram ligados às pessoas que amo.

Meu maior sonho era ser advogada e dar uma vida boa para a minha família. Não desejava uma profissão apenas para mim. Desde o início, o sonho de advogar estava relacionado à possibilidade de conquistar uma vida melhor e de retribuir à minha família tudo o que ela representa em minha história. O tempo passou, muitas coisas mudaram e minha trajetória tomou rumos que eu não poderia prever, mas esse sonho não ficou para trás. Ainda sonho em ser advogada.

Ao longo do caminho, vivi uma experiência que transformou profundamente minha vida: a chegada da minha filha. Quando olho para ela hoje, vejo o quanto eu precisava dela para realmente me sentir realizada. Sua chegada trouxe mudanças, responsabilidades e uma nova forma de enxergar a mim mesma, a minha vida e aquilo que desejo construir para o futuro.

Minha filha passou a fazer parte não apenas do meu presente, mas também dos motivos pelos quais quero continuar. O sonho que antes envolvia proporcionar uma vida boa à minha família ganhou uma nova dimensão. Agora, quando penso em estudar, trabalhar e conquistar minha profissão, penso também na vida que desejo oferecer a ela.

Foi em meio a essa transformação que cheguei à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim. Conheci a escola por intermédio dos meus irmãos, que sempre estudaram lá e falavam sobre o quanto gostavam daquele

espaço. Ao ouvi-los, decidi que também queria estudar ali. Essa escolha foi muito importante para a minha trajetória, porque minha experiência na escola foi ótima. Entre todas as instituições pelas quais passei, a Deys Lopes foi a melhor escola em que já estudei.

Entretanto, iniciar essa nova etapa não foi simples. Quando comecei a estudar na escola, já estava com cinco meses de gestação. Por isso, a minha experiência escolar aconteceu junto com todas as mudanças provocadas pela gravidez. Eu precisava continuar estudando enquanto vivia um momento que exigia muito de mim.

Permanecer na escola, portanto, nem sempre foi fácil. Havia dificuldades concretas, mas também encontrei pessoas que não permitiram que eu atravessasse aquele período sozinha. As funcionárias da escola me ajudaram muito e, principalmente, a diretora Tita esteve ao meu lado para que eu pudesse continuar. O apoio que recebi fez diferença em um momento no qual desistir poderia ter parecido o caminho mais simples.

A presença dessas pessoas mostrou que a escola não precisava ser apenas o lugar das aulas e das avaliações. Ela também poderia ser um espaço de acolhimento, apoio e continuidade. Mesmo grávida e diante das dificuldades daquele período, encontrei condições para permanecer e seguir em direção à conclusão do ensino médio.

Não houve uma única pessoa, experiência, projeto ou acontecimento que, isoladamente, tenha marcado toda a minha trajetória escolar. O que permaneceu foi o conjunto das experiências que vivi e do apoio que recebi. Minha relação com a escola foi construída durante o caminho, especialmente nos momentos em que precisei de compreensão para não interromper os estudos.

No ensino médio também descobri algo que não esperava: comecei a entender e a gostar de Matemática. Essa descoberta foi importante porque modificou minha relação com uma disciplina que passou a fazer sentido para mim. Perceber que eu conseguia compreender a matéria mostrou que também poderia aprender coisas que talvez antes parecessem difíceis.

Eu não fiz o curso técnico em Informática. Minha trajetória escolar foi diferente nesse aspecto, mas essa diferença não diminui o significado de chegar à conclusão do ensino médio. O meu caminho foi marcado por outras experiências, principalmente pela gestação, pela maternidade, pela necessidade de continuar e pelo apoio recebido para que eu não abandonasse essa etapa.

Concluir o ensino médio significa muito para mim porque representa a confirmação de que, mesmo sendo tão difícil, eu consegui. Quando olho para o caminho percorrido, é disso que mais me orgulho. Eu estava grávida quando iniciei essa trajetória na escola, enfrentei as dificuldades daquele período, tornei-me mãe e, ainda assim, continuei.

A conclusão não apaga o que foi difícil. Pelo contrário, ela dá sentido àquilo que precisei enfrentar. Cada etapa vencida mostra que as dificuldades não foram suficientes para interromper o meu caminho. Chegar até aqui é reconhecer que houve momentos em que precisei de ajuda, mas também que aceitei esse apoio e prossegui.

Agora, ao me aproximar do encerramento da educação básica, sei que minha primeira decisão será dedicar os meses seguintes à minha filha. Quero estar com ela e cuidar desse momento da nossa vida. Depois, pretendo trabalhar muito para conseguir realizar o sonho que nasceu ainda na minha infância.

Defender e advogar continuam despertando muito o meu interesse. Quero atuar em uma área na qual eu possa defender pessoas e exercer a advocacia. Para alcançar esse projeto, sei que precisarei trabalhar muito. Contudo, quero continuar com aquilo que realmente desejo para mim sempre presente em minha mente.

O trabalho fará parte desse caminho, mas não quero permitir que a necessidade de trabalhar apague o sonho de ser advogada. Ele ainda existe e representa não somente uma profissão, mas a possibilidade de construir uma vida melhor para mim, para minha filha e para minha família. Quero transformar aquilo que sonhei quando criança em um propósito para o meu futuro.

Quando imagino minha vida daqui a cinco ou dez anos, não penso apenas em uma profissão ou em conquistas materiais. Desejo estar em paz e ter me tornado quem sempre quis ser. Quero olhar para minha trajetória e reconhecer a mulher que escolhi construir a partir de tudo o que vivi.

Também desejo deixar para trás quem eu fui e levar para sempre a pessoa que quero ser. Isso não significa apagar minha história, porque tudo o que vivi faz parte de mim. Significa não permanecer presa a uma versão de mim que já não representa o futuro que desejo construir.

A maternidade, a escola, as dificuldades e o apoio que recebi participam dessa transformação. Minha filha me fez perceber o quanto eu precisava dela para me sentir realizada. A escola, por sua vez, ajudou-me a continuar quando eu já vivia as responsabilidades e mudanças da gestação. Cada uma dessas experiências contribuiu para que eu chegasse até aqui.

Hoje posso dizer que meu sonho continua vivo. Ainda quero ser advogada, dar uma vida boa à minha família e construir um futuro para minha filha. Sei que não será um caminho simples, mas minha própria trajetória já me mostrou que a dificuldade não significa impossibilidade.

Para quem ainda passará pela Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim, deixo uma mensagem: foca, sonha e tenha um propósito de vida. Aproveite o apoio e as oportunidades que encontrar, porque eles poderão fazer diferença nos momentos mais difíceis. Aqui, o caminho poderá se tornar mais possível para você conseguir aquilo que deseja.

Minha história não foi construída sem dificuldades. Comecei essa etapa com cinco meses de gestação, precisei conciliar as mudanças da maternidade com a permanência na escola e encontrei pessoas que me ajudaram a continuar. Por isso, quando olho para tudo o que percorri, a frase que melhor representa minha trajetória é também a certeza que quero guardar: mesmo sendo tão difícil, eu consegui.

O SONHO AINDA ESTÁ EM CAMPO

Rian Barbosa Andrade



Meu nome é Rian Barbosa Andrade, tenho 17 anos e nasci e cresci em Itaobim, Minas Gerais. Minhas principais lembranças da infância estão ligadas à rua, às brincadeiras e ao futebol. Eu jogava bola e me divertia. Naquele tempo, talvez eu ainda não compreendesse todas as dificuldades que encontraria, mas já sabia que queria fazer do esporte uma parte importante da minha vida.

Meu maior sonho de criança era ser jogador de futebol. A bola não representava apenas uma brincadeira ou uma maneira de passar o tempo. Era por meio dela que eu imaginava o meu futuro. Enquanto jogava nas ruas de Itaobim, construía um sonho que continua comigo até hoje.

Esse sonho ainda não foi realizado. Conforme cresci, percebi as dificuldades de ser jogador de futebol no Brasil. Não basta apenas gostar do esporte ou querer muito. Existem poucos espaços, muita concorrência e dificuldades para que um jovem consiga transformar seu talento e sua dedicação em uma oportunidade verdadeira.

Compreender essa realidade foi uma das experiências que mais me transformaram. Percebi que seguir no futebol exige mais do que vontade. É necessário encontrar oportunidades e continuar tentando, mesmo sem saber quando ou se elas aparecerão. Ainda assim, reconhecer as dificuldades não significa que eu tenha deixado de sonhar.

Minha chegada à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim abriu outro período da minha trajetória. Vivi ali momentos muito bons, que nunca vou esquecer. Minha história na escola foi construída pela convivência, pelas aulas e, principalmente, pela possibilidade de continuar ligado ao esporte.

Em nenhum momento deixei de estudar. Mesmo sem apontar uma razão específica que tenha me feito prosseguir, continuei frequentando a escola e cumprindo essa etapa. Com o passar do tempo, também mudei minha postura. Durante o ensino médio, comecei a prestar mais atenção nas aulas e a compreender melhor a importância daquilo que estava aprendendo.

Essa mudança não aconteceu de uma vez. Foi aparecendo à medida que amadureci e passei a olhar para os estudos com mais atenção. Permanecer na escola não significou abandonar o futebol. Ao contrário, foi dentro dela que vivi uma das experiências esportivas mais importantes da minha trajetória.

O acontecimento que mais me marcou foi levar a Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim ao JEMG pela primeira vez. Participar dos Jogos Escolares de Minas Gerais foi muito maior do que disputar uma partida. Naquele momento, eu não estava jogando apenas por mim. Estava representando minha escola.

O menino que cresceu jogando bola na rua passou a entrar em campo levando consigo o nome da instituição em que estudava. O futebol, que havia começado como brincadeira e sonho de infância, tornou-se também uma experiência coletiva. Havia uma equipe, uma escola e uma história sendo representadas.

Por isso, a participação no JEMG ocupa um lugar especial em minhas lembranças. Foi uma oportunidade de unir o sonho que me acompanha desde criança à minha trajetória escolar. Levar a escola à competição pela primeira vez mostrou que o esporte poderia produzir algo que ultrapassava meu desejo individual.

Além das experiências vividas no futebol, o ensino médio também me proporcionou uma formação técnica. No curso de Informática, aprendi muitas coisas que posso levar para a vida. Embora meu principal interesse continue sendo o esporte, reconheço que esse conhecimento amplia minhas possibilidades.

O curso técnico representa uma formação que não fica limitada à escola. A Informática está presente em diferentes áreas e pode contribuir para outros caminhos profissionais. Assim, mesmo que eu continue tentando realizar meu sonho no futebol, termino o ensino médio levando comigo conhecimentos que poderão ser importantes em outras situações.

Estar perto de concluir essa etapa significa poder me formar e pensar também na possibilidade de ir para a faculdade. Ainda não tenho todos os meus planos definidos, mas terminar o ensino médio amplia as escolhas que poderei fazer. A formação não encerra minha trajetória; ela abre novas possibilidades.

Depois da conclusão, quero continuar tentando ser jogador de futebol. Esse ainda é o caminho que prefiro seguir. Não quero abandonar um sonho que nasceu na infância sem descobrir até onde consigo chegar. Mais adiante, se for necessário, poderei construir outros planos.

Sei que não existe garantia de que conseguirei me tornar jogador. Minha própria trajetória já me ensinou como esse caminho pode ser difícil no Brasil. Entretanto, também sei que o sonho não precisa ser abandonado somente porque ainda não se realizou. Enquanto houver possibilidade, quero tentar.

Daqui a cinco ou dez anos, espero estar jogando em um time. Quero olhar para trás e reconhecer que as partidas na rua, os momentos vividos na escola e a participação no JEMG fizeram parte do caminho que me levou até lá.

Contudo, chegar a um time não representaria apenas uma realização pessoal. Meu maior desejo é poder mudar a vida da minha família. Quero que uma conquista minha também alcance aqueles que caminharam comigo. É isso que dá ao meu sonho um sentido ainda maior.

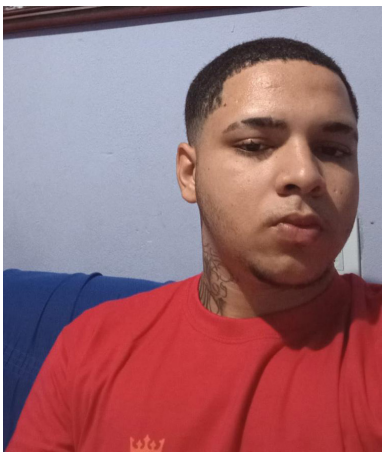
Não há uma parte específica da minha trajetória que eu queira apagar ou deixar para trás. As brincadeiras na rua, as dificuldades encontradas no futebol, as experiências escolares, o curso técnico e a participação no JEMG fazem parte da minha história. Cada uma dessas experiências me trouxe até o momento em que estou concluindo o ensino médio.

Para quem ainda passará pela Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim, deixo uma mensagem: estude e busque ser alguém na vida, porque uma hora você conseguirá alcançar seus objetivos. Nem sempre um sonho se realiza no momento em que imaginamos, mas permanecer estudando permite que outras oportunidades continuem abertas.

Meu sonho ainda está em campo. Ele começou nas brincadeiras de rua, ganhou outro significado quando representei minha escola no JEMG e continua presente nos planos que faço para o futuro. Quero chegar a um time e mudar a vida da minha família. Enquanto essa possibilidade existir, continuarei tentando.

EU GOSTO DE TRANSMITIR ALEGRIA

Iury Santos Martins



Meu nome é Iury Santos Martins, tenho 19 anos. Se eu tivesse que me definir em uma palavra, escolheria alegria. Não porque ela tenha me acompanhado da mesma maneira durante toda a vida, mas porque fui construindo essa alegria ao longo da minha trajetória. Hoje, mais do que guardá-la para mim, gosto de transmiti-la às pessoas que estão ao meu redor.

Nasci e cresci na roça. Como era filho único, passava grande parte do tempo sozinho e não tinha amigos de infância por perto. Minhas brincadeiras surgiam daquilo que estava ao meu alcance. Eu brincava de pau e inventava formas de me divertir. Embora estivesse acostumado àquela vida, às vezes sentia falta de ter outras crianças comigo.

Foi nesse contexto que nasceu meu sonho de ser jogador de futebol. Gostava da ideia de jogar e imaginava que poderia seguir esse caminho. No entanto, as condições que eu tinha tornavam tudo mais difícil. Morar na roça limitava minhas possibilidades de sair, jogar bola e procurar uma oportunidade para desenvolver esse sonho.

Com o passar do tempo, percebi que ser jogador não daria muito certo para mim. Hoje, acho que passei da idade e que não vou mais conquistar aquele objetivo. O sonho ficou na infância, mas não deixou de fazer parte da minha história. Ele representa uma vontade que existiu em um período no qual as possibilidades eram menores e as distâncias pareciam ainda maiores.

Enquanto o futebol foi ficando para trás, outras experiências começaram a construir quem eu sou. Meu pai tornou-se a pessoa em quem mais me inspiro. Quando olho para minha trajetória, também encontro situações difíceis que me marcaram, mas que nem sempre consigo ou quero explicar. Algumas experiências pertencem à minha história mesmo quando escolho não descrevê-las.

Minha chegada à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim, em 2024, abriu uma nova etapa. Soube que o ensino médio começaria a funcionar na escola e recebi informações de que ela seria muito boa. Decidi vir, gostei do que encontrei e continuo aqui até hoje.

No início, eu não conhecia ninguém. Essa situação poderia ter reforçado o sentimento de solidão que fez parte da minha infância, mas aconteceu algo diferente. Aos poucos, comecei a conversar, fiz amizades e percebi que as pessoas eram educadas e gente boa. Foi por meio dessa convivência que passei a gostar de estar na escola.

Não houve um momento em que eu pensasse ter escolhido o lugar errado. A dificuldade de continuar não estava na escola ou nas relações construídas nela. O desafio era conciliar os estudos com a necessidade de trabalhar e de me esforçar para conseguir minhas coisas. Manter essa rotina nem sempre foi fácil, mas eu queria concluir o ensino médio.

Foi também nessa convivência que descobri algo importante sobre mim. Antes, eu me considerava uma pessoa muito antissocial. Por ter crescido sozinho e sem amigos de infância por perto, talvez eu tivesse me acostumado a pensar dessa maneira. No ensino médio, porém, percebi que não sou tão antissocial quanto imaginava.

Descobri que gosto de conversar, fazer amigos e brincar com os colegas. A escola me permitiu conhecer uma parte de mim que antes não aparecia com tanta clareza. O menino que, na infância, brincava sozinho começou a perceber que gostava de estar entre outras pessoas e de compartilhar momentos com elas.

Foi nesse processo que o teatro se tornou a experiência escolar que mais me marcou. Participar como ator permitiu que eu me expressasse de outra maneira. O teatro não ficou em minha memória apenas como uma atividade realizada na escola. Ele se ligou às amizades, à convivência e à descoberta de que eu poderia ocupar um espaço diante das pessoas.

Atuar também se relaciona com a palavra que escolhi para me definir. A alegria que fui construindo ao longo da vida encontrou na escola um lugar para ser compartilhada. Ao conversar, brincar com os colegas e participar do teatro, percebi que não gosto apenas de sentir alegria. Gosto de transmiti-la.

Por isso, quando penso no ensino médio, quero levar comigo toda essa experiência. Quero guardar as pessoas que conheci, as amizades que construí, o teatro e os momentos vividos na escola. Foi nesse período que deixei de me enxergar somente como alguém antissocial e descobri minha capacidade de criar vínculos.

Estar perto de concluir o ensino médio também tem um significado especial por causa da minha família. Meu pai e minha mãe não conseguiram

concluir essa etapa. Saber que estou chegando ao final me dá orgulho, porque estou alcançando algo que eles não tiveram a oportunidade de terminar.

Essa conclusão não aconteceu sem dificuldades. Em alguns momentos, precisei me afastar para trabalhar, e conciliar o trabalho com a escola exigiu esforço. Mesmo assim, retornei e continuei. Terminar o ensino médio significa provar para mim mesmo que as dificuldades não conseguiram interromper completamente meu caminho.

Também significa ampliar minhas possibilidades. Com o ensino médio completo, posso procurar oportunidades melhores de trabalho e buscar mais estabilidade financeira. Posso fazer o Enem, tentar ingressar em uma faculdade ou me preparar para algum concurso. Aquilo que concluo agora pode abrir caminhos que meus pais não tiveram a possibilidade de percorrer.

Entre esses caminhos está o sonho de cursar Psicologia. Ainda não sei exatamente como conseguirei realizá-lo, mas acredito que precisarei de determinação. Depois da escola, pretendo tentar o Enem e talvez algum concurso. Quero continuar buscando uma oportunidade que me permita estudar e construir uma vida melhor.

A Psicologia passou a representar o futuro que desejo para mim. Quando imagino minha vida daqui a cinco ou dez anos, gostaria de estar formado, trabalhando como psicólogo e vivendo com estabilidade financeira. Para chegar até lá, precisarei manter a mesma decisão que me trouxe de volta à escola e me faz continuar até a conclusão.

Se pudesse deixar uma etapa para trás, deixaria o ensino fundamental. Não foi um período muito bom para mim e prefiro não descrever o que aconteceu. Respeitar aquilo que ainda não quero contar também faz parte da maneira como escolho narrar minha história.

Com o ensino médio, minha relação é diferente. Quero levá-lo inteiro comigo, porque nele encontrei amizades, participei do teatro, aprendi a conviver e descobri características minhas que eu ainda não reconhecia. Foi um período de dificuldades, principalmente pela necessidade de trabalhar, mas também de abertura para as pessoas e para novas possibilidades.

Quando olho para o menino que cresceu sozinho na roça, percebo o caminho que percorri. Eu sentia falta de ter amigos, achava que era muito antissocial e não imaginava que um dia estaria em um palco como ator. Hoje sei que gosto de conversar, fazer amizades, brincar com os colegas e transmitir alegria.

Para quem está enfrentando dificuldades ou pensa em desistir, minha mensagem é que não desista. Mesmo quando for necessário trabalhar e se esforçar para conseguir as coisas, é importante tentar concluir os estudos. O ensino médio completo pode trazer uma oportunidade melhor de emprego, permitir a realização do Enem e abrir o caminho para uma faculdade.

Concluir não resolve imediatamente todas as dificuldades, mas cria possibilidades que antes não existiam. É por isso que quero chegar ao final. Quero honrar a trajetória que construí, fazer aquilo que meus pais não conseguiram concluir e seguir em direção ao sonho de estudar Psicologia.

Minha alegria não nasceu pronta. Ela foi construída entre a infância na roça, os momentos de solidão, os sonhos que ficaram pelo caminho, as experiências que prefiro não detalhar, o trabalho, a escola, as amizades e o teatro. Hoje, quando digo que gosto de transmitir alegria, falo de algo que aprendi durante a própria vida: a alegria cresce quando encontra outras pessoas com quem pode ser compartilhada.

PERSISTIR E TER FÉ

Wanderson Almeida dos Santos



Quando penso em uma palavra para definir a minha trajetória, escolho determinação. Essa palavra não está relacionada a um único sonho ou a uma decisão tomada de uma vez. Ela representa o caminho que venho construindo entre as mudanças de interesse, as experiências escolares e aquilo que ainda pretendo conquistar.

Na infância, eu imaginava diferentes possibilidades para o meu futuro. Pensava em ser policial, bombeiro ou médico. Entre essas profissões, a polícia era a principal. Eu brincava de polícia e de policial, transformando o sonho em parte das minhas brincadeiras.

Com o passar da vida, porém, esses sonhos foram mudando. Aquilo que eu desejava quando criança não permaneceu da mesma maneira, mas a vontade de conquistar uma profissão continuou. Nem sempre sabemos desde cedo qual caminho seguiremos. Às vezes, é necessário conhecer outras áreas e viver novas experiências para compreender o que realmente desperta nosso interesse.

Antes de chegar à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim, eu estudava no Averinho. Foi por meio de Alessandra que conheci a escola. Ela me falou sobre esse espaço e o indicou para mim. A partir dessa recomendação, decidi vir estudar aqui.

Minha adaptação aconteceu de maneira tranquila. Não tive dificuldade para permanecer na escola e minha experiência foi muito boa. Houve algumas brincadeiras entre os meninos, como costuma acontecer, mas não considero que tenha sofrido um bullying sério. Desde o início, consegui conviver com as pessoas e construir meu caminho dentro da escola.

Ao longo dessa trajetória, a pessoa que mais me impulsionou a seguir em frente foi minha mãe. Ela é o meu espelho. Quando penso no que mais me chama

a atenção nela, penso na esperança. É essa esperança que também me ajuda a acreditar que posso continuar e conquistar algo melhor para a minha vida.

A determinação que escolhi para me definir não existe sozinha. Ela é fortalecida pelo exemplo da minha mãe e pela esperança que reconheço nela. Mesmo quando ainda não sei exatamente onde chegarei, consigo compreender que preciso continuar caminhando.

No ensino médio, encontrei uma formação diferente por causa do curso técnico em Informática. Entre todas as experiências vividas na escola, as aulas práticas foram as que mais me marcaram. Nelas, tive contato com conhecimentos que antes não possuía e pude aprender por meio da prática.

Foi assim que aprendi, por exemplo, a formatar um computador. Antes do curso, eu não sabia realizar esse procedimento. A aprendizagem mostrou que a Informática não precisava permanecer como algo distante. Eu poderia conhecer melhor a área e desenvolver habilidades que podem ser utilizadas profissionalmente.

Por isso, o curso técnico passou a representar um ganho para o meu futuro. O que aprendi não fica restrito às atividades realizadas durante as aulas. São conhecimentos que poderão abrir oportunidades mais adiante e contribuir para que eu consiga ingressar no mundo do trabalho com uma formação.

O ensino médio em tempo integral, entretanto, não é uma experiência simples. Passar o dia inteiro na escola é bom, mas também é cansativo. A rotina exige disposição, paciência e capacidade de permanecer, mesmo quando o cansaço aparece.

Apesar disso, quando penso na oportunidade de concluir o ensino médio junto com uma formação técnica, reconheço que faria tudo novamente. O curso de Informática dá sentido ao esforço exigido pelo tempo integral. O cansaço existe, mas também existe a possibilidade de sair da escola levando uma aprendizagem que pode contribuir para o meu futuro.

Essa percepção também mostra como meus sonhos foram ganhando outra direção. Na infância, eu pensava principalmente na polícia, nos bombeiros ou na Medicina. Durante o ensino médio, conheci a Informática, gostei da área e comecei a enxergar nela uma possibilidade profissional.

A mudança não significa que os sonhos de criança não tiveram importância. Eles fizeram parte de uma fase da minha vida e mostravam que eu já pensava em ter uma profissão. O que aconteceu depois foi a descoberta de outra área, por meio de uma experiência concreta vivida na escola.

Concluir o ensino médio, para mim, é um sonho. Sei que esta é apenas a conclusão da educação básica e que ainda existe muito caminho para percorrer. Mesmo assim, chegar até aqui significa vencer uma etapa importante e confirmar que o esforço teve sentido.

Quando olho para o caminho percorrido, encontro a indicação que me trouxe à escola, a adaptação tranquila, a convivência com os colegas, o exemplo da minha mãe, o cansaço do tempo integral e as aulas práticas de Informática. Essas experiências não estão separadas. Juntas, elas formam o percurso que me permite chegar ao final do ensino médio com uma perspectiva de futuro.

Depois da conclusão, pretendo fazer o Enem e ingressar em uma faculdade. Também quero atuar na área de Informática, porque gostei do que conheci durante o curso técnico e desejo continuar nesse caminho.

Para conquistar esse novo sonho, sei que precisarei estudar e trabalhar. O curso técnico ofereceu uma base, mas minha formação não termina com a conclusão do ensino médio. Se quero construir uma profissão na área, precisarei continuar aprendendo, buscando oportunidades e desenvolvendo outros conhecimentos.

Ainda não consigo definir exatamente onde estarei daqui a cinco ou dez anos. Também não sei dizer qual experiência levarei comigo para o resto da vida. Meu futuro ainda está em construção, e não ter todas as respostas neste momento não significa estar sem direção.

Já consigo reconhecer alguns pontos importantes desse caminho. Quero concluir o ensino médio, fazer o Enem, ingressar em uma faculdade e continuar na área de Informática. Também sei que precisarei unir estudo e trabalho para transformar essas possibilidades em uma profissão.

A esperança que admiro em minha mãe aparece justamente quando penso nesse futuro que ainda não consigo descrever completamente. Ela me ensina que não é preciso conhecer todos os detalhes do caminho para continuar acreditando. Às vezes, é necessário dar o próximo passo antes de saber exatamente onde ele nos levará.

Para quem ainda passará pela Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim, deixo uma mensagem: é preciso persistir e ter fé. A escola é boa, nela existem amizades e oportunidades de aprender. Mesmo quando a rotina for cansativa ou o futuro ainda parecer indefinido, tudo pode ficar bem.

Minha trajetória não está pronta. Os sonhos mudaram, novos interesses surgiram e muitas decisões ainda serão tomadas. Entretanto, levo comigo a determinação, a esperança que aprendi a reconhecer em minha mãe e os conhecimentos adquiridos na escola.

Persistir e ter fé significa continuar mesmo sem conhecer todas as respostas. Hoje, meu caminho aponta para a Informática, para o Enem, para a faculdade e para a construção de uma profissão. Ainda tenho muito a percorrer, mas concluir o ensino médio mostra que já comecei a vencer.

POSSO IR MAIS ALÉM DO QUE EU PENSAVA

George Almiro Rodrigues

Meu nome é George Almiro Rodrigues, tenho 17 anos. Nasci e cresci em Itaobim, cidade onde vivi minha infância e construí as primeiras partes da minha trajetória. Não me lembro de muitas brincadeiras específicas para contar, mas tinha muitos amigos. Também não guardo uma lembrança ruim desse período que queira registrar.

Na infância, meu sonho era ser jogador de futebol. Durante algum tempo, imaginei que poderia seguir esse caminho, mas acabei desistindo. O sonho não continuou comigo, e outras possibilidades passaram a fazer parte da minha vida.

Quando olho para toda a minha trajetória, reconheço que vivi muitas experiências. Ainda assim, nem sempre consigo organizá-las em palavras ou escolher qual delas mais me transformou. Algumas mudanças acontecem aos poucos, sem que a gente perceba imediatamente o momento exato em que começou a pensar de outra maneira.

Minha relação com a Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim começou ainda no ensino fundamental. Cheguei à escola há alguns anos e, durante esse percurso, passei por um processo de reclassificação. Meus primeiros momentos foram bons e me senti acolhido.

Esse acolhimento tornou-se importante quando surgiu uma dificuldade para permanecer. Em determinado período, o transporte escolar passou a ser um obstáculo. Chegar à escola nem sempre era simples, e houve a possibilidade de eu precisar sair.

Mesmo diante dessa situação, decidi prosseguir. Eu queria continuar meu sonho e não desistir. Permanecer foi uma escolha importante porque permitiu que eu desse continuidade aos estudos e chegasse ao ensino médio.

Minha trajetória mostra que, às vezes, a dificuldade para estudar não está dentro da sala de aula. Ela pode estar no caminho até a escola, na falta de transporte ou nas condições que tornam a frequência mais complicada. Superar esse obstáculo fez parte do percurso que me trouxe até o terceiro ano.

Nesse caminho, minha tia tornou-se a pessoa da família que mais me inspira. Sua presença ocupa um lugar importante em minha vida e faz parte das referências que levo comigo enquanto continuo construindo o meu futuro.

Na escola, também encontrei experiências que ampliaram a forma como observo as pessoas e a sociedade. Entre elas, as palestras sobre preconceito, racismo e outros assuntos foram as que mais chamaram minha atenção.

Essas palestras marcaram minha trajetória porque trataram de questões que fazem parte da vida das pessoas. Foram momentos em que a escola não falou apenas dos conteúdos das disciplinas, mas também de respeito, convivência e das diferenças presentes na sociedade.

Ao mesmo tempo que conhecia esses assuntos, comecei a descobrir algo importante sobre mim. Durante o ensino médio, percebi que posso ir mais além do que pensava. Antes, eu não tinha a mesma certeza sobre a minha capacidade e sobre aquilo que poderia conquistar.

Essa descoberta não significa que todas as dificuldades desapareceram. Ela significa que passei a enxergar a possibilidade de continuar avançando. A permanência na escola, mesmo quando o transporte foi um problema, já mostrava que eu conseguia enfrentar situações que poderiam ter interrompido meu caminho.

O curso técnico em Informática trouxe uma direção mais concreta para essa descoberta. Por meio dele, conheci uma área que hoje representa uma possibilidade para o meu futuro. A Informática passou a despertar meu interesse e tornou-se o campo no qual desejo continuar estudando.

Nem todas as partes do curso foram fáceis. Minha maior dificuldade foi com o cabeamento. Ainda assim, a dificuldade não fez com que eu abandonasse o interesse pela área. Pelo contrário, mostrou que continuar na Informática também exigirá estudo, dedicação e disposição para aprender aquilo que ainda não domino.

O curso técnico, portanto, não representa apenas um conhecimento adquirido durante o ensino médio. Ele abriu uma perspectiva de continuidade. Pretendo fazer o Enem, ingressar em uma faculdade e depois me especializar em Informática.

Quando penso nesse projeto, consigo perceber de maneira mais clara o quanto posso ir além. Aquele sonho de infância ligado ao futebol ficou para trás, mas isso não significou permanecer sem um objetivo. Ao conhecer a Informática, encontrei outra área na qual posso construir uma profissão.

Estar perto de concluir o ensino médio reforça essa possibilidade. Muitas pessoas ainda não conseguem terminar essa etapa. Por isso, saber que estou chegando ao final me traz uma sensação de satisfação.

Concluir o ensino médio não representa apenas receber um certificado. Significa reconhecer o caminho percorrido desde o ensino fundamental, a reclassificação, o acolhimento que encontrei, a dificuldade com o transporte e a decisão de permanecer.

Quando olho para esse percurso, penso no dia em que conseguirei ser alguém e construir alguma coisa na vida. Essa ideia não significa que hoje eu não tenha valor. Ela representa o desejo de conquistar uma profissão, ter sucesso e transformar os estudos em uma oportunidade para o futuro.

A área que mais desperta meu interesse é a Informática. Para alcançar esse projeto, sei que precisarei continuar estudando. O curso técnico foi um começo, mas quero ingressar em uma faculdade e buscar uma especialização.

Daqui a cinco ou dez anos, desejo ter me tornado um homem de sucesso e um bom profissional. Ainda não sei todos os detalhes de como minha vida estará, mas já consigo reconhecer a direção que pretendo seguir.

Para chegar a esse futuro, há algo que desejo deixar para trás: a preguiça. Sei que ela pode impedir que eu aproveite minhas capacidades e alcance os objetivos que estabeleci. Se quero avançar, preciso substituí-la pela disposição de estudar e continuar aprendendo.

Ao mesmo tempo, quero levar comigo a positividade e a vontade de continuar sendo a pessoa que sou. Não desejo construir meu futuro deixando para trás tudo o que faz parte de mim. Quero mudar aquilo que me impede de avançar, sem perder a maneira positiva com que procuro seguir.

Minha trajetória ainda está sendo construída. Nem sempre consigo escolher uma única experiência que tenha transformado minha vida, mas consigo perceber o resultado de várias delas. Permaneci na escola, superei a dificuldade com o transporte, participei de atividades sobre preconceito e racismo, conheci a Informática e comecei a acreditar mais em minha capacidade.

Hoje, quando digo que posso ir mais além do que pensava, falo de uma descoberta construída durante esse percurso. Quero concluir o ensino médio, fazer o Enem, ingressar em uma faculdade e me especializar na área que escolhi.

O futuro que imagino exige que eu deixe a preguiça para trás, preserve a positividade e continue estudando. Ainda existe muito caminho pela frente, mas agora sei que sou capaz de avançar além dos limites que antes colocava para mim.

QUERO SEGUIR COM A INFORMÁTICA

Mateus Dutra Murta



Meu nome é Mateus, tenho 17 anos. Nasci em Itaobim e cresci aqui na cidade. Minha infância foi marcada pelas brincadeiras na rua. Eu passava muito tempo fora de casa e, à noite, entre oito e nove horas, ainda ficava jogando. Era meu passatempo e meu lazer.

Guardo muitas lembranças boas desse período, embora não consiga escolher uma experiência específica para contar. Também existem algumas lembranças ruins, mas são poucas e prefiro não relatá-las. Nem tudo precisa ser explicado para fazer parte da minha história.

Quando era criança, meu maior sonho era ser jogador de futebol. O futebol fazia parte das brincadeiras e da maneira como eu imaginava meu futuro. Entretanto, à medida que cresci e fui adquirindo maturidade, percebi que o que eu queria era outra coisa.

Meu interesse foi mudando junto comigo. O sonho de ser jogador ficou ligado à infância, enquanto a Informática, que já despertava minha atenção desde pequeno, começou a aparecer como uma possibilidade mais próxima daquilo que desejo construir profissionalmente.

Minha história com a Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim também começou na infância. Minha casa ficava literalmente ao lado da escola. Assim, quando saí da creche, vim estudar aqui no primeiro ano do ensino fundamental.

Depois, minha mãe mudou de escola para trabalhar. Naquela época, ela era servente, e eu também fui para a Pedra Verde. Essa mudança interrompeu por algum tempo minha convivência com a Deys Lopes, mas não encerrou minha história com ela.

No sexto ano, retornei. Voltar significou reencontrar uma escola que já fazia parte das minhas primeiras experiências como estudante. Desde então, permaneci e pude acompanhar de perto muitas transformações.

Por conhecer a escola desde criança, vi a estrutura mudar completamente. Também acompanhei mudanças no modo de ensinar e de aprender. A escola que encontro hoje não é igual àquela em que entrei no primeiro ano, assim como eu também não sou mais a mesma criança que morava ao lado e vinha estudar aqui.

Ao longo desse percurso, tive muitas experiências boas. Também encontrei professores com quem não me dei muito bem, mas essas situações não fizeram com que permanecer se tornasse difícil. Minha trajetória na escola foi tranquila, mesmo com as diferenças que fazem parte da convivência.

Mais tarde, vivi outra mudança importante: minha turma entrou no ensino médio justamente quando essa etapa passou a ser oferecida na Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim. Dessa forma, não acompanhei apenas as transformações físicas e pedagógicas da escola. Também participei do início de uma nova etapa de ensino dentro dela.

Estar nessa turma significou viver uma experiência que ainda estava sendo construída. Enquanto a escola aprendia a oferecer o ensino médio, nós também atravessávamos uma fase de mudanças, escolhas e amadurecimento.

Apesar disso, ainda não parei para pensar em tudo o que mudou em mim durante esses anos. Sei que mudei, mas parece que a ficha ainda não caiu. Talvez eu precise de mais tempo e de alguma distância para compreender o que esse período representou.

Nem toda transformação é percebida no momento em que acontece. Algumas mudanças somente se tornam claras quando olhamos para trás. Hoje, consigo reconhecer que cresci e adquiri maturidade, mas ainda não sei organizar completamente aquilo que o ensino médio modificou em mim.

Existe, porém, uma parte dessa trajetória que consigo definir com mais segurança: o curso técnico em Informática. Para mim, ele foi maravilhoso. Considero essa formação tão importante que acredito que todas as escolas deveriam oferecer uma oportunidade semelhante aos estudantes.

Não tive muita dificuldade durante o curso porque sempre fui voltado à Informática desde criança. Enquanto o sonho de ser jogador de futebol foi perdendo espaço, meu interesse pela tecnologia permaneceu e ganhou uma formação mais concreta dentro da escola.

Por isso, não quero deixar o curso restrito ao ensino médio. Quero levá-lo para a minha vida, continuar na área e aprofundar os conhecimentos que comecei a desenvolver. A Informática não aparece apenas como uma alternativa. Ela está relacionada a um interesse que me acompanha há bastante tempo.

Dentro desse campo, o que mais desperta minha atenção é a cibersegurança, especialmente a segurança de dados. Já tenho algum conhecimento na área, mas reconheço que isso não é suficiente para me tornar o profissional que desejo ser.

Para avançar, preciso focar nos estudos e praticar mais. O interesse e o conhecimento que já possuo podem ser um começo, mas trabalhar com cibersegurança exigirá aprofundamento, estudo contínuo e disposição para acompanhar as mudanças da tecnologia.

Depois de concluir o ensino médio, pretendo procurar uma especialização em Informática. Quero desenvolver aquilo que já sei e transformar esse conhecimento em uma profissão. A cibersegurança representa hoje o caminho que mais combina com os meus interesses.

Ao mesmo tempo, penso em outra possibilidade: fazer uma faculdade particular de Educação Física, ou algum curso relacionado a essa área. Ela aparece como um segundo caminho possível, talvez mantendo alguma ligação com o interesse pelo esporte que fez parte da minha infância.

Não pretendo fazer o Enem agora. Talvez faça futuramente. Em casa, já realizo provas e atividades de forma remota. Por enquanto, meu projeto principal é buscar uma especialização na área de Informática e continuar desenvolvendo os conhecimentos que já possuo.

Ainda que meus planos tenham mudado, existe algo constante em minha trajetória: o exemplo dos meus pais. Meu pai e minha mãe são as duas pessoas que me inspiram. Desde sempre, eles se esforçam, independentemente das dificuldades.

Observar esse esforço me ajuda a compreender que uma profissão não se constrói apenas a partir do interesse. Também exige dedicação, continuidade e responsabilidade. Se quero avançar na cibersegurança, precisarei aplicar aos estudos e à prática o mesmo compromisso que reconheço em meus pais.

Quando imagino minha vida daqui a cinco ou dez anos, desejo ser um ótimo profissional. Não penso necessariamente em sair de Itaobim. Pelo contrário, gostaria de continuar aqui, porque considero esta cidade maravilhosa.

Permanecer em Itaobim e desenvolver uma profissão na área de tecnologia são desejos que podem fazer parte do mesmo futuro. A Informática permite imaginar possibilidades que não dependem somente de estar nos grandes centros. Ainda assim, sei que preciso me preparar para aproveitar as oportunidades que surgirem.

Concluir o ensino médio também me faz pensar nas pessoas que não conseguem terminar essa etapa. Na minha maneira de ver, essa situação está relacionada a uma cultura presente na sociedade brasileira. Jovens que possuem condições inferiores muitas vezes são levados ao trabalho infantil e acabam se afastando dos estudos.

Também penso no desinteresse pela cultura e nas diferentes realidades existentes nos bairros. Esses fatores ajudam a compreender por que concluir o ensino médio, algo que pode parecer comum para algumas pessoas, continua sendo difícil para muitas outras.

Minha análise nasce da percepção de que nem todos encontram as mesmas condições para permanecer na escola. A conclusão dos estudos não depende apenas da vontade individual. A realidade econômica, a necessidade de trabalhar e o lugar onde cada pessoa vive também interferem em sua trajetória.

Ainda não parei para pensar no que mais me orgulha por estar concluindo a escola. Essa é uma pergunta que prefiro deixar em aberto. Talvez a ficha ainda não tenha caído porque estou vivendo o encerramento dessa etapa enquanto tento compreender o que virá depois.

Não ter uma resposta pronta não diminui a importância da conclusão. Sei que participei da implantação do ensino médio na escola, concluí uma formação técnica e encontrei uma área na qual pretendo me especializar. Talvez eu somente reconheça todo o valor desse percurso mais adiante.

Também sei o que preciso modificar para seguir o caminho que escolhi. Quero deixar para trás a preguiça. Reconheço que sou muito preguiçoso e que essa característica pode dificultar meus planos se eu não aprender a enfrentá-la.

A cibersegurança exige estudo e prática. Portanto, não basta afirmar que já possuo algum conhecimento ou que gosto da área. Preciso transformar o interesse em dedicação e aprofundar aquilo que aprendi no curso técnico.

Minha trajetória começou na rua, nas brincadeiras e no sonho de ser jogador de futebol. Passou pela escola localizada ao lado da minha casa, pela mudança para a Pedra Verde e pelo retorno à Deys Lopes no sexto ano. Depois, acompanhei as transformações da escola e fiz parte da turma que iniciou o ensino médio.

Agora, estou perto de encerrar essa etapa levando comigo uma formação técnica e um projeto na área de cibersegurança. Ainda não compreendo completamente tudo o que mudou em mim. A ficha ainda não caiu.

Talvez ela caia quando eu olhar para trás e perceber que cresci junto com a escola. Enquanto sua estrutura, suas formas de ensinar e as etapas oferecidas se transformavam, meus sonhos também mudavam. O futebol deu lugar à tecnologia, e a criança que morava ao lado da escola começou a imaginar um futuro como profissional da Informática.

Por enquanto, sei que preciso vencer a preguiça, focar nos estudos e praticar mais. Quero aprofundar meus conhecimentos, tornar-me um ótimo profissional e, se possível, continuar vivendo em Itaobim. Mesmo sem ter todas as respostas sobre quem me tornei no ensino médio, já consigo reconhecer a direção para a qual desejo seguir.

AOS POUCOS ESTOU CONSEGUINDO

Igor Cavalcanti Santos

Meu nome é Igor Cavalcanti Santos, tenho 18 anos e nasci em Sete Lagoas. Estou concluindo o ensino médio e, quando penso em minha trajetória, a palavra que melhor explica o que mudou em mim é maturidade. Não consigo apontar um único acontecimento responsável por essa transformação. Ela foi construída com o tempo, nas experiências, nas amizades, nos conhecimentos adquiridos e nas responsabilidades que passaram a fazer parte da minha vida.

Quando criança, meu maior sonho era ser streamer. Esse sonho não desapareceu completamente. Aos poucos, estou conseguindo me aproximar daquilo que imaginei. Talvez ainda não tenha alcançado tudo, mas reconhecer que alguma coisa já começou a acontecer muda a forma de olhar para o futuro. Um sonho não precisa se realizar de uma vez. Ele também pode ser construído por etapas.

Não guardo uma lembrança específica da infância que consiga destacar. Isso não significa que não tenha vivido essa fase ou que ela não tenha participado da pessoa que sou. Algumas pessoas contam a infância por meio de episódios muito nítidos; outras percebem o passado como um conjunto de momentos que não se organizam em uma única lembrança. No meu caso, não há uma cena determinada que eu queira registrar.

Ao olhar para minha trajetória, percebo a maturidade como a experiência que mais me transformou. Amadurecer significa começar a compreender melhor as escolhas, o trabalho, a escola e aquilo que desejo alcançar. Aos 18 anos, já não penso apenas como a criança que sonhava em ser streamer. Continuo com esse sonho, mas também reconheço as responsabilidades do presente e a necessidade de construir outros caminhos.

Cheguei à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim por indicação. Ouvi falar da escola, decidi vir e meus primeiros momentos foram muito bons. A adaptação aconteceu de forma tranquila. Não encontrei uma dificuldade que tornasse impossível permanecer ou continuar os estudos. Para mim, as coisas seguiram bem, e essa tranquilidade também faz parte da experiência que tive aqui.

Não consigo escolher uma única pessoa, experiência, projeto ou acontecimento escolar que tenha marcado toda a minha trajetória. O que ficou não está concentrado em uma atividade específica. Está no conjunto da convivência, no cotidiano e no tempo que passei na escola. Às vezes, aquilo que forma uma pessoa não é um grande evento, mas a soma de experiências comuns que só revelam seu valor quando uma etapa termina.

Durante o ensino médio, as amizades e o conhecimento tiveram importância para mim. Foi isso que descobri e ampliei nesse período. Conviver com outras pessoas também ensina. A escola não se resume ao conteúdo das disciplinas. Ela reúne encontros, diferenças, conversas e aprendizagens que ajudam cada estudante a compreender melhor a si mesmo e o mundo ao seu redor.

O curso técnico em Informática me ajudou a desenvolver mais conhecimentos nessa área. A informática está presente em diferentes atividades e pode ser usada tanto na vida pessoal quanto no trabalho. Mesmo que eu não pretenda seguir imediatamente uma profissão ligada ao curso, aquilo que aprendi permanece como uma formação a mais. É um conhecimento que pode abrir oportunidades ou ajudar em projetos futuros.

Concluir o ensino médio significa terminar todos os meus estudos desta etapa. É disso que mais me orgulho: estar chegando ao fim. Muitas vezes, uma conclusão parece apenas uma data ou um certificado, mas ela reúne todos os dias, as mudanças e os aprendizados que vieram antes. Chegar ao terceiro ano e estar perto de finalizar mostra que o caminho teve continuidade.

Depois da conclusão, quero seguir outro caminho. Não indiquei o Enem, a faculdade ou a área de Informática como planos imediatos. Minha trajetória profissional, neste momento, está ligada ao trabalho que já realizo. Trabalho em uma pizzaria e considero que ganho bem. Essa experiência faz parte da maturidade que desenvolvi e da forma como comecei a pensar na minha própria vida.

Trabalhar em uma pizzaria pode parecer distante do sonho de ser streamer ou da formação técnica em Informática, mas minha vida não precisa caber em um único caminho. O trabalho atual representa o presente, a informática acrescenta conhecimento e o sonho mostra uma possibilidade que continuo construindo aos poucos. Essas partes não precisam se excluir. Elas podem coexistir enquanto descubro qual direção quero seguir.

Ainda não defini exatamente onde espero estar daqui a cinco ou dez anos. Nem sempre uma pessoa de 18 anos consegue responder quem terá se tornado em um tempo tão distante. Tenho o presente, o trabalho e os conhecimentos que adquiri. O futuro poderá mudar conforme surgirem oportunidades, interesses e novas responsabilidades. Não ter uma resposta pronta não significa não ter perspectiva.

Também não escolhi algo específico para deixar para trás ou uma mensagem longa para quem ainda passará pela escola. Minha forma de responder é direta. Nem toda experiência precisa ser transformada em conselho. O que minha trajetória mostra está no próprio caminho: amadureci, fiz amizades, adquiri conhecimento, desenvolvi aprendizagens em Informática, comecei a trabalhar e estou concluindo o ensino médio.

Quando olho para tudo isso, percebo que não preciso inventar um grande acontecimento para justificar a importância desta etapa. Meu orgulho está em terminar. Minha transformação está na maturidade. Meu presente está no trabalho em uma pizzaria. Meu sonho de infância ainda existe e, aos poucos, estou conseguindo. Cada uma dessas afirmações registra quem sou neste momento.

Estou encerrando o ensino médio sem afirmar que já sei tudo sobre o futuro. Levo as amizades, o conhecimento e o que desenvolvi no curso técnico. Levo também a experiência de trabalhar e a maturidade que construí. Talvez os próximos passos ainda não estejam totalmente definidos, mas isso não apaga o que alcancei até aqui. Aos 18 anos, termino esta etapa e continuo construindo meu caminho. Aos poucos, estou conseguindo.

CONQUISTAR MEU ESPAÇO

Kemmily Barbosa



Meu nome é Kemmily Barbosa, tenho 19 anos e cresci em Itaobim, Minas Gerais. Quando eu era criança, não sonhava somente com uma profissão específica. Meu desejo era ter uma profissão, ser independente e construir uma vida feliz.

Ao longo dos anos, esse sonho mudou um pouco. Minhas escolhas e meus interesses foram ganhando novas direções, mas a vontade de conquistar o meu espaço continuou. Mesmo sem saber exatamente qual caminho seguiria, eu já desejava construir uma vida em que pudesse ter independência e realizar meus próprios projetos.

Quando penso em minha infância, lembro principalmente da minha família, das amizades e dos momentos simples que vivi. Não são necessariamente grandes acontecimentos, mas experiências que permaneceram comigo e passaram a fazer parte da pessoa que me tornei.

Essas lembranças representam um tempo anterior às responsabilidades e às escolhas que surgiram depois. Conforme cresci, percebi que construir uma vida feliz e conquistar independência exigiria mais do que sonhar. Seria necessário enfrentar dificuldades, aprender com as experiências e continuar mesmo quando o caminho não acontecesse como eu esperava.

As dificuldades que enfrentei foram justamente as experiências que mais me transformaram. Nem todas precisam ser descritas para que eu reconheça o efeito que produziram em minha vida. Elas me fizeram amadurecer e descobrir uma força que eu ainda não sabia que possuía.

Minha história não é formada apenas por acertos. Ela também é feita de erros, aprendizados e recomeços. Cada erro me ensinou alguma coisa, e cada recomeço mostrou que uma dificuldade não precisava representar o encerramento de toda a minha trajetória. Foi desse modo que comecei a ficar

mais forte. A força não surgiu porque tudo se tornou fácil, mas porque precisei continuar depois de situações que poderiam ter me impedido de avançar. Hoje, quando olho para quem sou, reconheço que as experiências vividas contribuíram para o meu amadurecimento.

Minha chegada à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim fez parte dessa caminhada. Não houve um único acontecimento que definisse o início da minha história na escola. Aos poucos, fui conhecendo o espaço, convivendo com as pessoas e me adaptando à nova rotina. A adaptação aconteceu enquanto eu criava lembranças e construía relações. Com o tempo, as amizades, os professores e os diferentes momentos vividos passaram a fazer parte da minha trajetória escolar.

Permanecer estudando, entretanto, nem sempre foi fácil. Em alguns momentos, surgiram dificuldades que poderiam ter me afastado da escola. Mesmo assim, continuei porque sabia que os estudos eram importantes para o meu futuro. Essa compreensão me ajudou a não perder de vista o que eu desejava desde criança. Se meu sonho era ter uma profissão, ser independente e conquistar meu espaço, concluir os estudos precisava fazer parte desse caminho.

Por isso, a escola não ficou separada do meu projeto de vida. Cada etapa concluída representou uma aproximação da independência que sempre desejei. Mesmo quando eu ainda não tinha certeza sobre qual profissão escolher, sabia que continuar estudando ampliaria minhas possibilidades.

As amizades foram importantes nesse percurso porque fizeram parte da convivência diária e das lembranças que quero levar comigo. Os professores também marcaram minha trajetória por participarem da minha formação e dos conhecimentos construídos durante esses anos.

Mais do que uma pessoa ou um projeto específico, foi o conjunto dessas experiências que tornou a escola significativa para mim. Os momentos vividos, as relações construídas e as dificuldades enfrentadas ajudaram a formar a jovem que hoje se aproxima da conclusão do ensino médio.

Foi justamente durante o ensino médio que descobri ser mais forte e capaz do que imaginava. Antes, talvez eu não tivesse a mesma consciência sobre minha capacidade de enfrentar problemas e continuar. As experiências desse período mostraram que eu poderia suportar dificuldades, aprender e recomeçar.

Também percebi o quanto amadureci. Esse amadurecimento não aconteceu de uma vez. Ele foi sendo construído em cada decisão, em cada erro que se transformou em aprendizado e em cada momento no qual escolhi continuar estudando.

Nesse percurso, o curso técnico em Informática representou uma oportunidade de aprender coisas novas. Por meio dele, adquiri conhecimentos

que podem contribuir para minha vida profissional, mesmo que eu escolha seguir outra área.

A Informática passou a fazer parte das possibilidades que levarei comigo depois da escola. O curso acrescentou uma formação à minha trajetória e mostrou que os conhecimentos adquiridos podem ser utilizados em diferentes profissões e situações.

Assim, concluir o ensino médio não significa apenas encerrar as disciplinas da educação básica. Significa chegar ao final dessa etapa levando também uma formação técnica, aprendizagens, amizades e uma compreensão maior sobre minha própria capacidade.

Tenho orgulho de ter chegado até aqui, apesar das dificuldades que fizeram parte do caminho. Minha conclusão representa o fechamento de uma fase, mas também o início de outra. Aquilo que termina na escola abre espaço para novas decisões.

Depois da conclusão, pretendo fazer o Enem, continuar estudando e buscar oportunidades de trabalho. Esses três planos estão ligados ao desejo de conquistar independência e construir a vida que imagino para mim.

O trabalho poderá me ajudar a ocupar meu espaço e desenvolver minha autonomia. A continuidade dos estudos, por sua vez, poderá aproximar-me da profissão que hoje desperta meu interesse.

Tenho interesse pela área de segurança pública, especialmente pela carreira de policial rodoviária federal. Essa profissão tornou-se uma possibilidade para o meu futuro e oferece uma direção mais concreta ao desejo de ter uma carreira.

Buscar a Polícia Rodoviária Federal exigirá preparação. O Enem, os estudos e as oportunidades de trabalho fazem parte de uma etapa em que precisarei organizar meus próximos passos e continuar desenvolvendo a disciplina necessária para alcançar esse objetivo.

Quando imagino minha vida daqui a cinco ou dez anos, espero estar realizada profissionalmente, independente e vivendo a vida que sempre sonhei. Embora o sonho tenha mudado ao longo do tempo, sua essência permaneceu: quero ter uma profissão, conquistar meu espaço e construir uma vida feliz.

Para chegar a esse futuro, desejo deixar para trás os medos e as inseguranças. Eles fizeram parte da minha trajetória, mas não quero permitir que continuem definindo minhas decisões ou limitando aquilo que acredito ser capaz de conquistar.

Em contrapartida, quero levar comigo os aprendizados e as boas lembranças. Quero guardar aquilo que aprendi com os erros, a força adquirida nas dificuldades, as amizades, os professores e os momentos vividos na escola. Levar os aprendizados não significa permanecer presa ao que passou. Significa

reconhecer que cada experiência contribuiu para quem sou hoje e pode me ajudar a tomar decisões melhores no futuro.

Minha história é feita de erros, aprendizados e recomeços. Não cheguei ao final do ensino médio porque tudo foi simples. Cheguei porque, mesmo nos momentos difíceis, compreendi a importância de continuar. Para quem ainda passará pela Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim, deixo uma mensagem: não desista dos seus sonhos. Aproveite cada oportunidade e acredite em você mesmo.

Nem sempre o sonho permanecerá exatamente como surgiu na infância. Ele poderá mudar, ganhar outra direção ou exigir um recomeço. O mais importante é não perder a vontade de construir uma vida melhor. Hoje, meu sonho tem uma direção: quero fazer o Enem, continuar estudando, trabalhar e buscar uma carreira na segurança pública. Quero deixar os medos para trás e seguir com a força que descobri em mim.

Conquistar o meu espaço sempre foi o centro do que desejei. Agora sei que esse espaço não será entregue pronto. Precisarei construí-lo com estudo, trabalho, coragem e a disposição de recomeçar quantas vezes forem necessárias.

MINHA ESSÊNCIA

Ítalo Pereira Souza



Bom, falar sobre mim é meio complicado KKKKKK. Acho que nunca sabemos explicar completamente quem somos, mas posso dizer que sou alguém com personalidade própria, opiniões que não tenho medo de expressar e uma curiosidade enorme sobre as coisas. Gosto de questionar, entender o porquê de tudo e descobrir coisas novas. Às vezes, penso até demais, mas fazer o quê? Ninguém é perfeito, e a vida não é um morango KKKKKK.

Também sou alguém que gosta de brincar, rir e aproveitar os momentos com as pessoas de quem gosto. Não vou dizer que sou a melhor pessoa do mundo, porque tenho meus defeitos como qualquer outra pessoa, mas sei que tenho qualidades e muito a oferecer a quem realmente me conhece. Tenho meu jeito, minhas manias e minha forma de enxergar as coisas. E, sinceramente, não vejo motivo para mudar quem sou só para agradar alguém.

Até porque sempre vai existir alguém que não vai gostar de você, independentemente do que faça. E tudo bem! Nem todo mundo precisa gostar de mim. Agora, uma coisa é não ir com a minha cara, outra é achar que me conhece sem nunca ter tentado entender quem sou de verdade. Tem gente que cria uma imagem sobre nós e passa a acreditar nela como se soubesse tudo da nossa vida. No fim, quem me julga sem me conhecer acaba mostrando muito mais sobre si mesmo do que sobre mim. Não vou perder meu tempo tentando provar meu valor para quem já decidiu não enxergá-lo.

Mas, se tem uma coisa que quero destacar sobre minha vida, são as pessoas que fazem parte dela de verdade. E, quando penso nisso, a Nikelli é alguém que não poderia deixar de mencionar.

Sabe quando você conhece alguém e sente que aquela amizade tem tudo para dar certo? Acho que a Nikelli é um pouco disso para mim. Ela é o tipo de

amizade que eu sempre quis ter, alguém com quem tenho muita coisa em comum e com quem consigo encontrar semelhanças até nas pequenas coisas. É muito bom encontrar uma pessoa com quem você consegue conversar, compartilhar ideias e perceber que vocês têm mais em comum do que imaginavam.

Acho que uma das melhores coisas de uma amizade é justamente isso: poder ser você mesmo, sem precisar ficar pensando o tempo todo em como agir ou no que falar. É encontrar alguém com quem você combina, que entende um pouco do seu jeito e que faz a convivência acontecer naturalmente. E eu valorizo muito isso.

Talvez ela nem tenha ideia do quanto essa amizade significa para mim, mas fico feliz por ter conhecido alguém com quem me identifico tanto. No meio de tantas pessoas que passam pela nossa vida, encontrar alguém que parece combinar com a gente de um jeito tão natural é algo que merece ser valorizado.

Agora, chegando ao terceiro ano, também fico pensando em tudo o que ainda quero viver. Sei que muita coisa vai mudar daqui para frente, que cada um vai seguir seu caminho e que a vida vai trazer novas pessoas e experiências. Mas espero guardar as boas lembranças dessa fase e continuar levando comigo as amizades que realmente fizeram diferença.

No fim, sou só o Ítalo: alguém que gosta de rir, questionar as coisas, falar o que pensa e viver do próprio jeito. Tenho meus defeitos, minhas qualidades, meus sonhos e minhas próprias batalhas, como qualquer pessoa. Ainda tenho muito para viver e descobrir, mas uma coisa é certa: não preciso ser querido por todo mundo para reconhecer o meu próprio valor.

Quem realmente quiser me conhecer vai descobrir muito mais do que qualquer opinião de fora poderia contar. E quem não quiser, bom... paciência KKKKKK. A vida é muito curta para passar o tempo inteiro tentando caber na ideia que os outros fazem da gente.

CORRER ATRÁS DO QUE EU REALMENTE QUERO

Gabrielly Santos Fróis



Tenho 17 anos e a palavra que define a minha trajetória é persistência. Escolhi essa palavra porque não tenho medo de correr atrás das coisas. Nem tudo foi simples e nem todas as decisões estão prontas, mas aprendi cedo que, quando quero alguma coisa, preciso buscar maneiras de alcançar. Persistir, para mim, não é esperar que tudo aconteça sozinho. É continuar mesmo quando preciso conciliar responsabilidades, mudar de cidade ou reorganizar meus planos.

Quando eu era criança, queria ser professora. Gostava muito de crianças e cresci observando minha mãe, que também é professora. Quando minha tia não podia ficar comigo, minha mãe me levava para a creche onde trabalhava. Eu acompanhava aquela rotina e imaginava que um dia também daria aula para crianças. A profissão da minha mãe fez parte das minhas primeiras referências sobre trabalho e futuro.

Hoje, o meu sonho mudou. Tenho vontade de seguir na área da Psicologia. Ao mesmo tempo, penso nas oportunidades que terei se permanecer em Itaobim. Não quero escolher uma formação sem considerar o lugar onde vivo e as possibilidades de trabalho que ele oferece. Por isso, ainda avalio outras áreas. Meu desejo é encontrar um caminho que tenha sentido para mim e que também me permita construir uma vida na cidade em que estiver.

Eu vim de São Pedro, um distrito pequeno do Vale do Jequitinhonha. Minha mãe precisou se mudar por causa do trabalho. Ela deu aula em Ponto dos Volantes e, depois, viemos morar em Itaobim, onde já estamos há cerca de quatro anos. Minha trajetória foi atravessada por essas mudanças. Cada lugar trouxe uma rotina diferente, novas pessoas e a necessidade de me adaptar.

Quando penso em quem sou, reconheço principalmente minha vontade de ter independência. Trabalho desde os 12 anos. Na época em que morava no interior, estudava o dia inteiro e assim que saia ia trabalhar olhando um garotinho de 2 anos. A noite dormia com uma senhora já de idade. Nunca tive problema em trabalhar. O que eu tinha era vontade de comprar minhas coisas com o meu próprio dinheiro, sem precisar ficar pedindo. Essa vontade me acompanhou desde cedo e fez com que eu aprendesse a assumir responsabilidades.

Em Itaobim, continuo tentando conciliar trabalho e escola. Durante a semana, trabalho à tarde; nos finais de semana, também tenho uma jornada e chego a trabalhar à noite. Nem sempre é fácil organizar os horários, o cansaço e as obrigações. Mesmo assim, continuo no terceiro ano do Ensino Médio técnico em Informática. Trabalhar faz parte da minha realidade, mas concluir os estudos também faz parte daquilo que desejo para mim.

Minha infância aconteceu entre diferentes formas de convivência familiar. Morei com meu pai e minha mãe até aproximadamente os seis anos e, depois, eu e minha mãe passamos um período com morando com minha avó. Quando minha mãe conseguiu construir a própria casa, fomos morar eu ela e meu irmão. Meu pai, mesmo morando um pouco longe, nunca deixou de estar presente na minha vida. Ele me visita, me liga todos os dias e sempre encontra uma forma de manter contato.

Meu pai é uma das pessoas mais importantes para mim. Houve um período em que ele ficou sem celular e usava o aparelho de outras pessoas para me ligar. Depois, eu mesma dei um celular a ele. Esse gesto também tem relação com a independência que sempre busquei: trabalhar, poder comprar minhas coisas e também fazer alguma coisa por quem é importante para mim.

Passei por uma fase muito ruim na minha vida. Prefiro não registrar os detalhes, mas sei que estou conseguindo melhorar, graças a Deus. Meu pai soube do que estava acontecendo e ficou muito abalado. Ver o que aquela situação causou nele me fez decidir mudar. Não foi uma transformação instantânea. Ainda estou melhorando, mas encontrei nele uma razão forte para continuar e cuidar de mim.

Na escola, também encontrei apoio. A Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim procura conhecer os problemas dos estudantes. Não foi apenas uma pessoa que tentou ajudar. Vários professores conversam, aconselham e demonstram preocupação. A escola é acolhedora e a convivência aqui consegue ser mais leve.

No Ensino Médio, aprendi sobre amizade e companheirismo. Percebi que os colegas e os professores podem participar daquilo que enfrentamos, mesmo quando não sabem todos os detalhes. Também reconheço a importância das

pessoas que escutam e tentam ajudar sem transformar a escola em um peso ainda maior. Aqui eu me sinto acolhida e sei que as pessoas buscam compreender que cada estudante chega à sala trazendo uma vida inteira consigo.

O curso técnico em Informática foi uma ótima oportunidade. Essa formação pode abrir caminhos antes mesmo de eu ingressar na faculdade. O curso se relaciona com muitas áreas e acredito que poderei conseguir oportunidades de trabalho melhores com ele. Assim, poderei continuar correndo atrás do que realmente quero, que é cursar Psicologia.

Pretendo fazer o Enem, mas primeiro quero focar nos estudos e ter certeza de que estou preparada para ir bem. Depois, quero ingressar em uma faculdade. Caso isso não aconteça logo, continuarei trabalhando para, no futuro, ter condições de pagar o curso. Não considero essa alternativa uma desistência. É outra maneira de chegar ao mesmo sonho, respeitando as condições que eu tiver no momento.

Durante uma parte da minha vida, cheguei a pensar que o trabalho vinha antes da escola. Compreendo que muitos colegas faltam porque também precisam trabalhar. Não é uma situação simples e não se resolve fingindo que essa necessidade não existe. O que acredito é que precisamos tentar conciliar. O trabalho pode atender ao presente, mas os estudos aumentam as oportunidades que teremos no futuro.

Para quem está no primeiro, no segundo ou no terceiro ano, minha mensagem é que aproveite as oportunidades oferecidas pela escola e não deixe de estudar. Temos o curso técnico, professores que ajudam e uma escola acolhedora. Sei que há pessoas que precisam do trabalho, mas é importante procurar uma forma de manter os dois caminhos enquanto for possível. Estudar pode ajudar a conquistar as coisas com mais facilidade e ampliar as escolhas que teremos depois.

Minha trajetória ainda está sendo construída. O sonho de ser professora ficou na infância e, hoje, quero a Psicologia. Talvez eu precise trabalhar antes da faculdade. Talvez o curso de Informática me leve a oportunidades que ainda não conheço. O que permanece é a persistência. Trabalho desde cedo, busco minha independência, reconheço o apoio do meu pai e continuo tentando conciliar as responsabilidades com aquilo que desejo. Quero correr atrás do que realmente quero, mesmo que o caminho precise ser feito por etapas.

DESCOBRI QUEM EU SOU DE VERDADE

Pedro Henrique Batista Rocha



Meu nome é Pedro Henrique Batista Rocha, tenho 17 anos. Nasci em Itaobim e cresci durante toda a minha vida em Itaobim. Quando eu era criança, meu sonho era tocar bateria na igreja. Eu tinha uma bateria quando era pequeno e sempre carreguei essa vontade de tocar. O sonho não aconteceu exatamente como eu imaginava. A bateria ficou para trás, mas a música continuou comigo. Recentemente, comecei a tocar violão.

Tenho boas lembranças de antes da pandemia, quando brincava muito na rua com meus amigos. Eu saía todos os dias para encontrá-los. Gostava deles e os considerava pessoas boas. Depois da pandemia, muita coisa mudou. Mudei de amigos e passei a ficar mais em casa.

Socializar com as pessoas sempre foi uma dificuldade para mim, desde pequeno, mas isso piorou principalmente depois da pandemia. Ficar mais em casa aumentou essa distância. Estar com pessoas, conhecer alguém e começar de novo em outro lugar passaram a exigir mais de mim.

Se eu tivesse que me definir, diria que gosto de me esforçar e de fazer bem aquilo de que gosto. Não me esforço apenas por obrigação. Quando alguma coisa desperta meu interesse, quero aprender, compreender e fazer o melhor que consigo.

Cheguei à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim no ensino médio. Naquele momento, eu ainda não sabia onde poderia estudar e enxerguei a escola como uma solução para mim. Desde os primeiros dias, senti que fiz uma boa escolha. O acolhimento foi ótimo. A estrutura, os professores e tudo o que encontrei ali me convenceram a permanecer.

Quando foi difícil continuar, a dificuldade não estava propriamente na escola. Era algo mais pessoal, ligado ao meu problema de socialização. Mesmo em um lugar onde eu havia sido bem recebido, ainda precisava enfrentar aquilo que acontecia dentro de mim.

Uma experiência escolar que ficou marcada foi a Feira de Ciências realizada no ano retrasado. Foi um dos projetos de que me recordo quando penso nos momentos vividos na escola.

Durante o ensino médio, descobri um interesse ainda maior pela música. Percebi que gosto de ouvir muitos tipos diferentes. Tornei-me quase um nerd de música. Conheço vários artistas e procuro saber sobre muitas coisas relacionadas a eles. O sonho da bateria mudou, o violão apareceu, mas a música permaneceu como uma parte importante de mim.

Também descobri muitas coisas de que gosto e comecei a me reconhecer depois do período da pandemia. Posso dizer que realmente me conheci e descobri quem sou de verdade. Essa descoberta não aconteceu de uma vez. Ela veio enquanto eu observava meus interesses, minhas dificuldades e a maneira como me relacionava com as pessoas e com o mundo.

Minha trajetória também foi marcada por mudanças. Nos últimos anos, mudei bastante. A mudança mais cansativa foi quando saí do estado, fui para São Paulo e depois voltei. Mudar de cidade e de escola, conhecer pessoas novas e precisar criar familiaridade com outros lugares mexe muito com a cabeça da gente.

Com o tempo, fui me adaptando. Na Deys Lopes, conheci muitas pessoas e construí familiaridade. Depois do retorno, passei a me sentir mais em casa. Para alguém que enfrenta dificuldades de socialização, chegar a esse sentimento é muito importante. Voltar não significou apenas retornar a uma cidade. Foi também reencontrar um lugar onde eu conseguia me reconhecer.

O curso técnico em Informática representa um grande passo na minha vida. Concluir o ensino médio com essa formação me oferece uma vantagem a mais e um benefício enorme para o futuro. Não sairei apenas com a educação básica concluída. Também levarei conhecimentos que podem abrir caminhos na área que desejo seguir.

Concluir o ensino médio não é fácil. É cansativo e exige muito. Por isso, chegar ao fim representa uma conquista enorme, não apenas para mim, mas também para os outros alunos que estão aqui. É um grande passo da adolescência para a vida adulta.

Quando olho para o caminho percorrido, o que mais me orgulha é a superação. Orgulho-me de conseguir passar pelas etapas e permanecer na escola. Vejo muitos alunos desistindo e compreendo que chegar à conclusão do ensino médio é uma conquista importante na vida de muitos adolescentes.

Depois da conclusão, pretendo fazer o Enem e buscar uma faculdade pública. Quero continuar na área de Informática, especialmente com programação. Acredito que esse caminho poderá me ajudar bastante no futuro. A área que mais desperta meu interesse é a Engenharia de Software.

Para alcançar esse sonho, sei que precisarei de muito esforço. Como disse, gosto de me dedicar às coisas que gosto de fazer. Quero levar essa disposição para os estudos e me esforçar muito na área de programação e de Engenharia de Software.

Não tenho uma única pessoa que considere inspiração. Gosto da minha família e reconheço sua presença na minha vida. Da escola, quero levar as pessoas que conheci e tudo aquilo que foi maravilhoso para mim durante esse período.

Em contrapartida, desejo deixar para trás meus problemas de socialização. Sei que essa dificuldade faz parte da minha história e se intensificou depois da pandemia, mas não quero que ela determine todo o meu futuro. Quero continuar descobrindo quem sou, aproximar-me das pessoas, estudar e construir meu caminho na área de que gosto.

Meu sonho de infância mudou de instrumento, minha vida passou por mudanças de cidade e de escola, e a pandemia transformou minha forma de conviver. Mesmo assim, a música permaneceu, encontrei acolhimento, voltei a me sentir em casa e descobri quem sou de verdade. Agora, o próximo passo é continuar me esforçando por aquilo que quero construir.

FAÇA A SUA ARTE

Gustavo Souza Santos



Meu nome é Gustavo Souza Santos. Nasci em São Paulo e, apesar disso, já morei em vários lugares e regiões, como Sorocaba e até mesmo na Bahia. Minha trajetória, portanto, não aconteceu em um único lugar. Ela foi atravessada por mudanças, despedidas, novas chegadas e pela necessidade de recomeçar mais de uma vez.

Mudar tantas vezes significou deixar amigos e uma vida inteira para trás. Cada novo lugar exigia que eu começasse novamente, conhecesse outras pessoas e tentasse encontrar um espaço para mim. Essa experiência também interferiu na maneira como passei a me relacionar com os outros e comigo mesmo.

Minhas lembranças da infância não são tão claras. Mesmo assim, algo de que me lembro com clareza foram as vezes em que me diverti com meus irmãos e com a minha família. Entre tantas mudanças e memórias que não consigo recuperar completamente, esses momentos permanecem comigo.

Desde criança, meu maior sonho é poder viver trabalhando com arte. Esse sonho me acompanha há muito tempo, embora tenha se tornado algo complicado ao longo da vida. A dificuldade não está na ausência de amor pela arte, mas nas questões que envolvem trabalhar com ela e na dúvida sobre se eu deveria realmente seguir esse caminho.

Por isso, meu sonho nunca desapareceu, mas passou a conviver com incertezas. De um lado está aquilo que amo e que sempre despertou emoções intensas em mim. Do outro estão as dificuldades de transformar esse amor em profissão e conseguir viver dele. Ainda assim, quando penso no que realmente desejo para a minha vida, volto à arte.

Ao olhar para a minha trajetória, o que mais me transformou foi compreender qual é a minha condição e entender quem eu quero ser como pessoa. Essa compreensão não surgiu pronta. Ela foi construída enquanto eu

percebia a maneira como agia para ser aceito e como, muitas vezes, deixava de demonstrar quem eu era de verdade.

Sempre fui o tipo de pessoa que se moldava às pessoas que estavam à minha volta. Quando era mais jovem, eu simplesmente mentia e fingia fazer coisas que não fiz. Também dizia coisas que não disse para poder me encaixar. Eu acreditava que precisava me modificar e corresponder ao grupo para conseguir pertencer.

Durante muito tempo, encaixar-me parecia depender da minha capacidade de me transformar de acordo com as pessoas ao meu redor. Eu tentava apresentar uma versão que pudesse ser aceita, mesmo que ela não correspondesse completamente a mim. Nesse movimento, ser acolhido parecia mais importante do que ser verdadeiro comigo mesmo.

Com o tempo, fui percebendo que a chave para me encaixar não é me mudar para entrar em determinado grupo. A chave é buscar pessoas com quem eu me encaixe e consiga ter proximidade sendo eu mesmo. Essa descoberta mudou a forma como compreendo o pertencimento.

Hoje entendo que pertencer não deveria exigir que eu inventasse experiências, falas ou comportamentos. Também não deveria significar abandonar aquilo que faz parte de mim. Em vez de me transformar para caber em qualquer lugar, passei a procurar relações nas quais eu pudesse existir com mais verdade.

Minha chegada à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim foi meio conturbada devido à minha condição mental naquele momento. Eu já estava cansado de me mudar tanto, de deixar meus amigos e minha vida inteira para trás. Depois de tantas mudanças, cheguei à escola muito fechado.

Por não conseguir enxergar claramente como eu estava agindo, acabei até sendo grosso com pessoas que considero amigos hoje em dia. Naquele momento, eu ainda carregava o cansaço de ter recomeçado tantas vezes e não conseguia perceber que as pessoas que se aproximavam poderiam construir comigo novas relações.

Com o tempo, porém, fui me abrindo a novas amizades. Todos os meus colegas e o corpo docente foram super-receptivos comigo. Aqueles primeiros momentos conturbados não definiram toda a minha experiência na escola. Aos poucos, consegui conhecer melhor as pessoas e permitir que elas também me conhecessem.

Não encontrei dificuldade em permanecer na escola. Sempre tive a Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim como um ambiente não hostil e de espírito bastante hospitaleiro. Esse acolhimento foi importante para alguém que chegou cansado de mudar, fechado e com receio de precisar deixar tudo para trás novamente.

Em minha trajetória escolar, uma das experiências que mais me marcou foi assumir a postura de 'aluno exemplo' durante a maior parte da minha vida. Eu não queria necessariamente ser o melhor aluno. O que eu desejava era ser aquele a quem as pessoas perguntavam as coisas sem duvidar que eu soubesse.

Eu queria ser amigo dos professores e alguém com quem eles pudessem contar. Acima de tudo, queria orgulhar minha mãe. Ser reconhecido dessa maneira tinha um significado importante para mim, porque demonstrava que eu poderia ser visto como alguém responsável, confiável e capaz.

Entretanto, para mim, ser exemplo também era uma forma de ser enxergado, mesmo que isso não representasse quem eu sou de verdade. A imagem do aluno em quem todos podiam confiar nem sempre conseguia mostrar minhas dúvidas, minhas falhas, minha condição ou as partes de mim que ainda estavam em processo de desenvolvimento.

Assim como eu me moldava aos grupos para tentar me encaixar, também podia me moldar àquilo que esperavam de um 'aluno exemplo'. Essa postura me fazia ser reconhecido, mas não significava que as pessoas conhecessem tudo o que existia por trás daquela imagem. Por isso, tornar-me autêntico exigiu que eu olhasse para além do papel que havia aprendido a representar.

Foi principalmente no ensino médio que me abri mais para a minha personalidade. Comecei a me perguntar de verdade quem sou e quem quero ser, em todos os aspectos. Essas perguntas passaram a fazer parte do modo como comecei a observar minhas atitudes, minhas relações e meus projetos.

Também comecei a enxergar minhas falhas com mais clareza. Reconhecê-las não significa que todo o meu processo esteja concluído. Significa apenas que iniciei meu desenvolvimento de maneira mais consciente, sabendo que ele com certeza ainda vai durar bastante.

O ensino médio, portanto, não foi apenas um período de aprendizagem das matérias escolares. Foi também o momento em que comecei a compreender melhor minha personalidade, a reconhecer comportamentos que não me representavam e a buscar uma forma mais verdadeira de existir junto às outras pessoas.

Nesse percurso, o curso técnico de Informática representou mais uma oportunidade de adquirir conhecimento. Desejo levar o máximo de conhecimento que conseguir para a minha vida, porque acredito que toda informação pode ter alguma aplicação na vida de qualquer pessoa.

Mesmo que eu não tenha como objetivo principal construir toda a minha trajetória profissional na Informática, não considero esse conhecimento separado do meu futuro. Ele poderá me ajudar a construir uma carreira, a desenvolver possibilidades relacionadas à arte ou simplesmente a me sustentar com tudo o que aprendi e ainda irei aprender.

Concluir o ensino médio, para mim, representa um final de ciclo. Quando criança, sempre vi a escola como algo interminável, algo que parecia que nunca iria acabar. Durante grande parte da vida, ela esteve presente como se fosse continuar para sempre.

Agora que estou tão perto de concluir essa etapa, percebo que a escola representa uma parte tão pequena de toda a minha trajetória. Ao mesmo tempo, essa parte tem muita importância e ainda irá me moldar muito. O ciclo termina, mas aquilo que vivi nele continuará presente no modo como seguirei adiante.

Tenho orgulho de ter conseguido, apesar das dificuldades, me tornar alguém que considero autêntico, sem ter que abdicar da vida escolar. Meu orgulho não se limita a chegar ao fim do ensino médio. Ele também está no fato de ter começado a entender quem sou sem abandonar os estudos.

Depois de ter passado tanto tempo tentando me moldar para ser aceito ou reconhecido, concluir essa etapa como alguém que considero mais autêntico tem um significado especial. Não precisei escolher entre buscar minha identidade e continuar minha trajetória escolar. As duas experiências aconteceram juntas e ainda continuarão me transformando.

Quando concluir o ensino médio, pretendo realizar o Enem e ingressar em uma faculdade de Artes. Esse projeto mantém vivo o sonho que me acompanha desde criança. Quero estudar e encontrar formas de me aproximar profissionalmente daquilo que mais amo.

Também quero arranjar um trabalho comum até conseguir me estabilizar em uma profissão que envolva arte. Sei que viver trabalhando com arte pode ser complicado e que talvez eu precise me sustentar de outras maneiras enquanto construo esse caminho. Ainda assim, não quero abandonar a minha maior paixão.

Certamente, o conhecimento sobre Informática irá me ajudar nesse percurso. Ele poderá contribuir para a construção da minha carreira ou simplesmente para que eu consiga me sustentar. Quero levar comigo tudo o que aprendi e tudo o que ainda irei aprender, porque nenhum conhecimento precisa permanecer preso a uma única área.

A área que mais me interessa sempre foi a das artes. Desde pequeno, esse mundo sempre me chamou a atenção. Já tentei de tudo: desenho, pintura, escultura, criação de jogos e outras possibilidades. Minha relação com a arte não se limita a uma técnica ou a uma forma específica de criação.

Tudo o que envolve arte desperta emoções intensas em mim. A arte é uma parte fundamental da minha vida e eu a amo com todo o meu coração. Não conseguiria viver sem as coisas que ela abrange. É por isso que, mesmo diante das incertezas profissionais, continuo retornando a esse sonho.

Acredito que a arte não tem um 'passo a passo' ou uma direção superexata como qualquer outra profissão, porque, para mim, arte é mais do que isso. Ela é cultura, é estilo de vida, é uma forma de ver o mundo e de viver por si só. A arte pode ser enxergada em tudo.

Essa forma de compreender a arte também explica por que não consigo tratá-la apenas como uma profissão a ser escolhida. Ela está na maneira como observo o mundo, no que desperta minhas emoções e naquilo que desejo produzir. Antes mesmo de se transformar em trabalho, a arte já faz parte da maneira como vivo.

Se você quer seguir na arte, meu conselho é: faça arte, faça a sua arte. Tente fazer aquilo que mais o inspira. Cante, dance, pinte, faça o que você quiser. Apenas faça. Ninguém vai fazer isso por você. Você inventa a sua arte.

Não precisa existir um curso ou uma técnica específica, porque o resultado não importa tanto assim, e é isso que faz a arte ser tão linda. O mais importante é criar, experimentar e dar forma àquilo que existe em você. A arte não precisa começar pela certeza; ela pode começar pelo desejo de fazer.

Daqui a cinco ou dez anos, espero estar trabalhando na área que mais me agrada. Quero ser alguém íntegro aos meus ideais e continuar sendo alegre e espontâneo o quanto puder. Também desejo divertir e animar as pessoas, levando comigo essa parte da minha personalidade.

Não espero estar rico ou com dinheiro de sobra. Desde que eu e quem amo estejamos felizes, para mim já basta. Meu projeto de futuro não se define apenas por dinheiro, mas pela possibilidade de trabalhar com aquilo que me agrada, permanecer fiel aos meus ideais e compartilhar a vida com as pessoas que amo.

Dessa trajetória, desejo deixar todo e qualquer preconceito que tenha restado em mim, junto a toda insegurança e timidez. Quero levar somente as coisas boas. Sei que talvez seja impossível separar completamente tudo o que vivi, mas ainda é esse o meu desejo.

Querer deixar essas marcas para trás também faz parte de quem desejo me tornar. Quero continuar aprendendo, reconhecendo minhas falhas e mudando aquilo que precisa ser mudado. Para mim, querer ser bom é o que torna alguém verdadeiramente bom.

Para quem ainda passará por esta escola, a mensagem que desejo deixar é: seja você mesmo. Deixe as pessoas que o cercam serem elas mesmas. Não obrigue ninguém a se transformar para caber em um grupo e também não abandone quem você é apenas para conseguir pertencer.

Seja o melhor exemplo de si mesmo que você pode ser agora. Siga seu próprio caminho. Você é capaz; todos somos capazes. Ser exemplo não precisa significar representar uma imagem criada para agradar aos outros. Pode significar existir com autenticidade e permitir que cada pessoa também seja quem é.

A parte mais difícil da sua vida ainda vai vir, e não ache que isso é um problema, porque não é. Leve isso como um desafio a ser superado. As dificuldades não precisam representar o fim do caminho. Elas podem ser atravessadas como parte daquilo que ainda será construído.

Quando superar esse desafio, você perceberá o mundo de maravilhas que o espera do outro lado: o mundo de verdade, o seu próprio mundo. Esse mundo não precisa ser aquele em que você se modifica para atender às expectativas das pessoas. Ele pode ser o espaço em que você segue seu caminho e cria sua própria forma de viver.

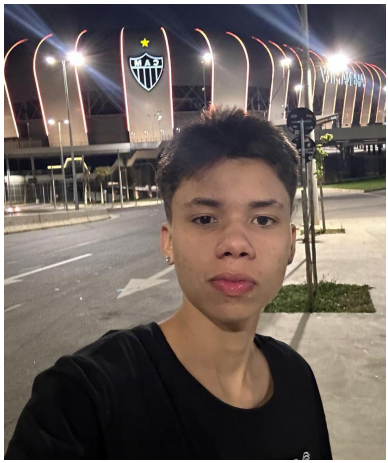
Lembre-se: aquele que espera fica onde está; aquele que corre chega aonde quiser, não importa o quão longe seja. Meu sonho de viver trabalhando com arte pode ser complicado, mas ainda é o sonho que me acompanha desde criança. Por isso, continuo correndo em sua direção.

Quero ingressar em uma faculdade de Artes, trabalhar enquanto construo minha estabilidade e utilizar também o conhecimento adquirido na Informática. Acima de tudo, quero permanecer íntegro aos meus ideais, continuar aprendendo e não voltar a me transformar em outra pessoa somente para ser aceito.

Hoje compreendo que posso procurar pessoas com quem consiga ter proximidade sendo eu mesmo. Também compreendo que a arte não precisa seguir uma direção superexata para ser verdadeira. Entre a busca por pertencimento e o desejo de criar, quero continuar construindo o meu próprio mundo. Quero fazer arte. Quero fazer a minha arte.

A VIDA ADIANTE NÃO VAI SER IGUAL ANTES

Pedro Henrique Fortunato Marques Souza



Meu nome é Pedro Henrique Fortunato Marques Souza, tenho 18 anos e nasci em Itaobim, Minas Gerais. Quando olho para minha trajetória, encontro uma infância marcada pelas brincadeiras, pelo futebol e pela escola. Gostava de jogar bola e, naquela época, meu maior sonho era ser jogador de futebol. Era um desejo que fazia parte da minha vida, embora eu ainda não soubesse quais caminhos precisaria percorrer para realizá-lo.

Com o passar dos anos, porém, esse sonho foi se tornando mais difícil de alcançar. O futebol continuou entre meus interesses, mas outras experiências passaram a fazer parte da minha história. Aos poucos, comecei a perceber que a vida nem sempre segue os caminhos que imaginamos e que crescer também significa enfrentar situações para as quais nem sempre estamos preparados.

Durante a adolescência, vivi uma experiência que afetou profundamente minha vida e a da minha família. Duas meninas atrapalharam drasticamente a minha vida e a da minha família. Esse acontecimento marcou minha trajetória e está entre as dificuldades que considero mais significativas daquele período. Ao falar sobre minha história, não poderia deixar de mencioná-lo, porque fez parte do que vivi e das mudanças que aconteceram ao longo desses anos.

O amadurecimento foi uma das principais transformações que reconheci em mim durante o Ensino Médio. Passei a perceber o quanto a vida muda quando crescemos e como as experiências da adolescência podem modificar nossa maneira de enxergar o mundo. Hoje, compreendo que já não penso exatamente como antes, embora alguns desejos continuem presentes, especialmente aquele que nasceu quando eu ainda era criança.

Minha chegada à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim aconteceu por indicação da minha mãe, que trabalhou na instituição durante

muito tempo. Foi ela quem me orientou a estudar ali. Quando conheci a escola, tive uma impressão positiva, principalmente da direção, que considerei muito boa. Essa avaliação foi importante para mim, pois estava conhecendo um espaço que passaria a fazer parte da minha formação.

Minha mãe também teve um papel fundamental na continuidade dos meus estudos. Quando me perguntam o que me fez prosseguir, é o apoio dela que reconheço. Sua participação não se limitou à indicação da escola. Ela esteve presente em minha trajetória e contribuiu para que eu continuasse estudando, mesmo diante das mudanças que aconteceram em minha vida.

Entre as experiências escolares que guardo na memória, a Feira de Ciências ocupa um lugar especial. Participei quando era mais novo e considerei aquela atividade muito inovadora. Foi uma experiência que me marcou pela novidade e que permaneceu entre as lembranças mais significativas dos meus anos de escola. Quando penso nos projetos que fizeram diferença em minha trajetória, é dela que me recordo.

Agora, ao chegar à conclusão do Ensino Médio, sinto orgulho de ter alcançado essa etapa. Ao mesmo tempo, há um sentimento que talvez pareça contraditório: sou uma pessoa que não queria ter crescido. Essa percepção está relacionada às mudanças que reconheço em minha vida. O tempo passou, amadureci e comecei a compreender que o futuro apresenta questões diferentes daquelas com as quais me preocupava quando era menor.

Concluir o Ensino Médio, portanto, tem um significado importante para mim. É uma conquista que reconheço com orgulho, mas também um momento em que percebo o quanto minha vida mudou. Quando penso no caminho percorrido, vejo que crescer não foi apenas uma questão de idade. Foi também passar por experiências que influenciaram minha maneira de compreender o presente e de pensar no que ainda desejo alcançar.

Apesar das dificuldades que surgiram ao longo dos anos, não abandonei o sonho de ser jogador de futebol. Ele continua entre os meus planos, mesmo que hoje eu reconheça os desafios para realizá-lo. O que mudou foi a maneira como penso em buscar esse objetivo, pois sei que também precisarei trabalhar para garantir minha renda.

Depois de concluir o Ensino Médio, pretendo encontrar uma atividade profissional que me permita ter condições de me sustentar. Ainda não defini uma profissão específica para esse primeiro momento. Minha intenção é trabalhar e, ao mesmo tempo, continuar treinando, na expectativa de encontrar uma oportunidade no futebol. É dessa forma que imagino os próximos passos da minha vida.

Sei que conciliar o trabalho com os treinamentos exigirá dedicação. Não tenho como prever quais oportunidades encontrarei, mas considero importante

buscar uma renda sem deixar de lado aquilo que desejo realizar. O futebol permanece como um projeto que quero tentar construir, mesmo diante das responsabilidades que fazem parte dessa nova etapa.

Quando me perguntam onde espero estar daqui a cinco ou dez anos, minha resposta é que isso depende muito do presente. Não consigo definir exatamente como será minha vida nesse período, porque ainda existem escolhas a fazer e possibilidades que não conheço. O que acontecerá no futuro terá relação com os caminhos que eu conseguir construir a partir de agora.

Essa maneira de pensar também revela algo sobre o amadurecimento que reconheço em mim. Hoje, não basta apenas imaginar o que gostaria de ser. Preciso considerar o que posso fazer para tentar chegar lá. Trabalhar, garantir uma renda e continuar treinando são os objetivos que consigo identificar neste momento, sem a certeza de onde eles me levarão.

Quando olho para minha trajetória e penso no que desejo levar comigo, a palavra que escolho é aprendizado. Ela reúne aquilo que considero importante no caminho percorrido, inclusive as experiências que não aconteceram como eu esperava. Não posso mudar o que já vivi, mas reconheço que minha história também é formada pelas dificuldades, pelas escolhas e pelas mudanças que percebi em mim.

Para quem ainda passará pela Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim, quero deixar uma mensagem: **dedicação sempre é confiança**.

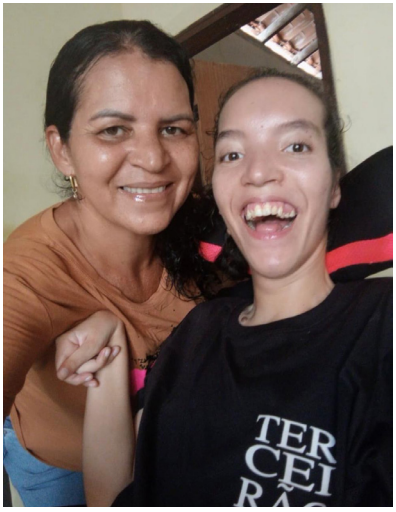
Essa é a mensagem que escolhi porque ainda tenho objetivos que desejo alcançar. Meu sonho de ser jogador de futebol continua presente, mas sei que precisarei construir condições para tentar realizá-lo. Não tenho respostas definitivas sobre o futuro e nem sei exatamente onde estarei daqui a alguns anos. Por enquanto, tenho meus planos e a consciência de que o presente terá importância naquilo que conseguirei fazer.

Chegar aos 18 anos e concluir o Ensino Médio me coloca diante de uma etapa diferente da minha trajetória. Tenho orgulho dessa conquista, embora reconheça que crescer trouxe mudanças que nem sempre foram fáceis. Entre o que vivi e aquilo que ainda desejo realizar, sigo com o aprendizado e com um sonho que, apesar das dificuldades, permanece.

A vida adiante não vai ser igual antes.

A ALEGRIA DELA É VIR PARA A ESCOLA

Escrevivência de Sandy Teixeira Santos, 31 anos, pelas memórias de sua mãe, Cida



Minha filha se chama Sandy Teixeira Santos. Hoje, aos 31 anos, ela está concluindo o Ensino Médio. Quando olho para tudo o que vivemos até aqui, lembro das dificuldades, dos tratamentos, das preocupações e das descobertas que fizeram parte da nossa caminhada. Mas, entre todas essas lembranças, existe uma que sempre me fortalece: o sorriso de Sandy.

Quando minha filha nasceu, eu tinha um sonho: queria que ela andasse. Era o que eu mais desejava quando comecei os tratamentos. Naquele tempo, ainda não sabia quantos desafios enfrentaríamos nem quantos caminhos precisaríamos encontrar para que ela pudesse participar da vida e ter as oportunidades que merece.

Sandy tinha apenas três meses quando enfrentou problemas graves de saúde. Teve meningite, uma infecção bacteriana no sangue e passou dois meses internada. Depois que saiu do hospital, perdeu a coordenação motora. Quando tinha um ano e três meses, recebemos o diagnóstico. A partir daquele momento, nossa vida passou a ter outras preocupações e necessidades.

Continuei procurando tratamentos e fazendo o melhor que podia por minha filha. Com o passar dos anos, fui me acostumando com a realidade que tínhamos pela frente. Aprendi a acompanhar suas necessidades, lidar com as dificuldades e reconhecer cada conquista.

Uma das maiores dificuldades sempre foi a locomoção. Para quem utiliza cadeira de rodas, sair de casa, chegar a algum lugar e permanecer ali depende de condições que nem sempre encontramos. Muitas vezes, aquilo que parece simples para outras pessoas exige de nós um esforço muito maior.

Durante bastante tempo, Sandy não teve uma cadeira adequada às suas necessidades. A que utilizava não oferecia as condições de que precisava,

interferindo até na sua postura. Mais tarde, com a contribuição da comunidade, conseguimos adquirir uma cadeira adaptada. Foi uma vitória importante para nós. Hoje percebo a diferença que ela faz no conforto e na postura de minha filha. Uma cadeira adequada não é um luxo. Para Sandy, é parte das condições necessárias para se deslocar, permanecer nos espaços e participar das atividades.

Escolhi a Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim porque ficava perto de nossa casa e meu outro filho já estudava ali. Queria que Sandy também tivesse a oportunidade de frequentar aquele ambiente, conviver com outras pessoas e participar das atividades escolares.

Só que os primeiros momentos não foram fáceis. Sandy ainda não tinha uma cadeira adequada para permanecer na sala de aula. Quando começou a frequentar a escola, ficava em um sofá. Eu precisava carregá-la nos braços desde o portão até a sala, para que pudesse ficar ali.

Fiz isso muitas vezes. Não era fácil transportá-la daquela maneira. Mas Sandy amava a escola. Eu via como ficava feliz por estar ali e fazia qualquer sacrifício para que pudesse continuar frequentando as aulas. Foi um pouco difícil, mas não foi impossível.

Minha filha tinha o mesmo direito de estudar que qualquer outro estudante. O que faltava eram condições para que esse direito pudesse ser exercido sem tantas dificuldades. Eu a carregava nos braços porque era a maneira que encontrava de fazê-la chegar à sala. Apesar de tudo, encontramos pessoas que fizeram diferença em nossa trajetória. Lembro da professora Siléia, a primeira professora de Sandy naquela escola, e do acolhimento que recebemos desde o início.

Quando me perguntam como foi o acolhimento de Sandy, minha resposta é simples: maravilhoso. Os professores são muito cuidadosos com ela, e Sandy gosta de todos. Saber que minha filha é recebida com carinho, que as pessoas se preocupam com ela e que sua presença é valorizada faz muita diferença para nós.

A escola se tornou parte importante da nossa vida. Para Sandy, estar ali significa encontrar pessoas, participar das atividades, viver experiências e construir lembranças. Ela gosta da escola, dos professores, dos colegas e de tudo aquilo que faz parte dessa convivência.

Uma coisa que sempre me chama a atenção é o carinho que ela tem pelas lembranças escolares. Sandy gosta dos cadernos, das lembrancinhas e dos materiais que leva para casa. Tenho que guardar tudo. Ela não deixa que eu jogue fora. Vou colocando essas coisas em casa, porque sei que são importantes para ela. A formatura do nono ano e as atividades da escola também fazem parte dessas recordações.

Às vezes, as pessoas podem olhar para um caderno ou uma lembrancinha e pensar que é apenas um objeto. Mas, para nós, aquilo representa um momento vivido, uma atividade da qual Sandy participou, alguma coisa que recebeu e quis guardar. Cada lembrança tem uma história.

Ao longo dos anos, também acompanhei suas aprendizagens. Agora, no Ensino Médio, percebo mudanças importantes. Tenho certeza de que Sandy conhece as letras, as cores e os números. Quando mostro as letras e pergunto onde está o A ou o B, ela sabe identificar. Reconhece as cores e demonstra conhecimentos que foi construindo durante sua trajetória.

A escola também adquiriu uma ponteira de cabeça, recurso que permite que ela indique respostas utilizando movimentos da cabeça. Quando apresentamos as opções, Sandy consegue apontar e identificar corretamente.

Para mim, isso tem um significado muito grande. Nem sempre uma pessoa consegue demonstrar aquilo que sabe da maneira como os outros esperam. Sandy tem suas próprias formas de responder e participar. É preciso observar, oferecer recursos adequados e reconhecer suas possibilidades. Eu acompanho minha filha e vejo o que ela consegue fazer. Sei que ela aprende e pode demonstrar seus conhecimentos quando encontra maneiras acessíveis de se comunicar. Essas experiências me fazem perceber a importância de uma escola que não espere que todos os estudantes aprendam ou respondam da mesma forma.

A escola ajudou demais Sandy. Costumo dizer que a escola foi uma terapia para ela. Falo isso porque vejo o bem que essa convivência lhe faz. Estar com outras pessoas, participar das atividades, receber carinho e ter uma rotina de que gosta são experiências muito importantes em sua vida.

Mas a escola também é o lugar onde ela aprende, desenvolve conhecimentos e exerce seu direito de estudar. Sandy não está ali apenas para ser cuidada ou passar o tempo. Ela é uma estudante, tem sua história e faz parte daquela comunidade escolar.

Hoje, Sandy está chegando à conclusão do Ensino Médio. É uma etapa muito importante, e fico feliz por estarmos vivendo esse momento. Quando penso no caminho que percorremos, lembro dos anos de tratamentos, das dificuldades de locomoção, das adaptações e dos cuidados. Lembro também da convivência, das aprendizagens, das atividades e das pessoas que fizeram parte dessa história. Fico feliz porque estamos vencendo mais uma etapa.

Sei que muitas pessoas encontram dificuldades para continuar estudando. Algumas precisam trabalhar, outras enfrentam problemas familiares ou acabam deixando a escola por diferentes motivos. Cada história tem suas próprias dificuldades. A nossa também teve. Mas Sandy sempre demonstrou muita vontade de ir para a escola. Essa vontade foi uma das coisas que mais me ajudaram a continuar.

Quando penso no que mais me dá orgulho, lembro da alegria que ela demonstra quando vai estudar. Eu via aquela vontade e procurava fazer o possível para que pudesse estar ali. Mesmo quando precisava carregá-la nos braços, sabia que estava fazendo algo de que minha filha gostava muito. Não era apenas uma decisão minha. Era também uma maneira de respeitar a vontade que eu reconhecia nela.

Por isso, quando penso nas famílias de outras pessoas com deficiência, gostaria de dizer que não desistam de buscar oportunidades para seus filhos. A escola pode fazer muita diferença.

Eu senti isso com Sandy e continuo sentindo. Mas também sei que a vontade da família, sozinha, não resolve todas as dificuldades. Precisamos de acessibilidade, de recursos adequados, de profissionais preparados e de condições para que nossos filhos possam estudar com dignidade.

Eu fiz o que estava ao meu alcance. Acompanhei os tratamentos, procurei soluções e estive presente durante sua trajetória escolar. Mas também precisei do apoio de outras pessoas: do acolhimento da escola, do carinho dos professores e da contribuição da comunidade quando foi necessário conseguir uma cadeira adaptada.

Quando penso na inclusão, lembro dessas experiências. Para mim, não basta que uma pessoa com deficiência esteja matriculada. É importante que seja recebida, respeitada, tenha condições de permanecer na escola e possa participar das atividades. Sandy tem o direito de estar ali. E esse direito não depende de ela conseguir fazer tudo da mesma maneira que os outros estudantes.

Agora que estamos chegando ao final do Ensino Médio, comecei a pensar em como será nossa vida depois dessa etapa. Pretendo passar um tempo com Sandy em casa. Mas já me fiz uma pergunta muitas vezes: o que vou fazer quando ela sentir falta da escola? Porque sei que vai sentir. Penso no momento em que ela ouvir os outros estudantes indo para as aulas e perceber que sua rotina será diferente. Foram muitos anos frequentando aquele espaço, convivendo com professores e colegas, participando das atividades e construindo lembranças.

Por isso, sei que vou precisar procurar outras atividades para minha filha. Quero encontrar coisas de que ela goste, oportunidades para continuar convivendo com outras pessoas e maneiras de manter uma rotina que lhe faça bem. Ainda não sei exatamente como será.

Quando me perguntam como imagino Sandy daqui a cinco ou dez anos, também não tenho uma resposta pronta. Uma vez, uma professora me disse algo que me deixou pensativa. Era sobre viver o presente com Sandy, sem ficar o tempo todo tentando projetar o futuro. Guardei aquela reflexão. A vida foi me ensinando a valorizar o que estamos vivendo agora. Isso não significa deixar de pensar no amanhã, mas reconhecer que os dias que temos juntas também são importantes.

Quando olho para nossa trajetória, não quero que a história de Sandy seja lembrada apenas pelas dificuldades. Minha filha tem 31 anos. Tem seus gostos, suas vontades, suas formas de se comunicar e de demonstrar o que sabe. Gosta da escola, reconhece as pessoas que fazem parte de sua convivência e guarda com carinho aquilo que recebe. Sua vida é muito maior do que as limitações que enfrenta.

Também não quero que nossa história seja vista apenas como uma história de sacrifícios. Fiz muitas coisas para cuidar de Sandy e garantir que pudesse estudar, mas o que mais me fortaleceu durante todos esses anos foi perceber sua alegria. O sorriso dela me fortalece todos os dias.

Quando penso no que gostaria de levar para o resto da vida, lembro do carinho que recebemos na escola. Sou grata pelo cuidado dos professores, pelas atividades, pelas formaturas e pelas oportunidades que Sandy teve de participar. Também sei que ainda existem dificuldades e que a inclusão precisa continuar avançando. As famílias não deveriam precisar encontrar sozinhas soluções para garantir direitos que pertencem a todos. O carinho é importante e o acolhimento faz diferença, mas também precisamos de condições que garantam a participação de cada estudante.

Agora, minha filha está concluindo o Ensino Médio. Ainda frequenta a escola, continua participando das atividades e vivendo essa etapa tão importante de sua história. O futuro ainda está por ser construído. Sei que teremos novos desafios e que precisaremos encontrar outras possibilidades de convivência, aprendizagem e participação.

Mas, por enquanto, Sandy continua indo para a escola. E, quando penso em tudo o que vivemos para que isso fosse possível, volto à lembrança daquela mãe que atravessava o portão carregando a filha nos braços.

Naquele tempo, eu só queria que Sandy pudesse entrar, permanecer e participar. Hoje, depois de tantos anos, compreendo ainda mais o valor dessa oportunidade. Porque a escola não é apenas um lugar para onde minha filha vai. É um lugar ao qual ela pertence.

E a alegria dela é vir para a escola!

O SONHO QUE PERMANECE

Yuri Rodrigues Moreira



Meu nome é Yuri Rodrigues Moreira, tenho 18 anos e sou de Itaobim, Minas Gerais. Quando criança, sonhava em ser policial. Com o passar do tempo, percebi que a realidade era diferente daquela que imaginava. Mesmo assim, o desejo de seguir essa profissão permaneceu.

Uma das lembranças que guardo da infância é o futebol. Também reconheço que crescer em uma família de poucos recursos financeiros marcou minha trajetória. A pobreza foi uma das dificuldades que fizeram parte da minha vida e influenciaram a maneira como passei a enxergar a realidade.

Minha experiência na Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim foi muito boa. Considero a escola um ótimo lugar para estudar e foi nela que tive a oportunidade de participar do programa Jovem Aprendiz. Durante minha trajetória escolar, não enfrentei dificuldades significativas para continuar estudando.

Ao longo do Ensino Médio, descobri que posso ser mais. Essa percepção passou a fazer parte da maneira como vejo meu futuro. Também considero que o curso técnico em Informática foi uma ótima experiência em minha formação.

Hoje, concluir o Ensino Médio representa mais uma conquista. É uma etapa que se encerra e abre espaço para outras possibilidades.

Quanto aos meus planos, pretendo seguir as oportunidades que surgirem, mas continuo interessado na carreira policial. Meu objetivo é ingressar na Polícia Militar. Quando imagino minha vida daqui a cinco ou dez anos, é nessa profissão que espero estar.

Ao olhar para trás, penso no tempo perdido como algo que gostaria de deixar para trás. Quero seguir adiante, em busca dos meus objetivos e das oportunidades que a vida apresentar.

Para os estudantes que ainda passarão pela Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim, deixo minha impressão sobre esse lugar que fez parte da minha história: é uma escola top!

O sonho de infância continua presente. Entre a realidade que conheci, as experiências que vivi e a conquista de concluir o Ensino Médio, sigo em direção ao futuro, com o desejo de um dia me tornar policial.

ENTRE SONHOS, ESCOLHAS E APRENDIZADOS

José Henrique Gusmão de Avelar

Meu nome é José Henrique Gusmão de Avelar, tenho 19 anos. Nasci em Governador Valadares, Minas Gerais, mas cresci em Itaobim, cidade onde construí grande parte da minha história.

Quando criança, meu maior sonho era ser veterinário. Com o passar dos anos, fui descobrindo outros interesses e construindo novos sonhos. Guardo muitas lembranças da infância, experiências que fazem parte de quem sou hoje.

Ao olhar para minha trajetória, percebo que uma das questões que mais me marcaram foi não ter me dedicado tanto aos estudos quanto poderia. Hoje, reconheço a importância dessa dedicação para construir um futuro melhor e me tornar a pessoa que desejo ser.

Cheguei à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim por meio de amigos. Desde o primeiro momento, fui muito bem recebido, o que tornou minha chegada uma experiência positiva.

Durante minha caminhada escolar, a dedicação dos professores aos alunos foi muito importante para que eu continuasse estudando. Entre as pessoas que marcaram minha trajetória, destaco Keity, que sempre me ajudou e esteve presente, incentivando-me a melhorar. Como costumo dizer, ela sempre ficou no meu pé para que eu me tornasse uma pessoa melhor.

Esse acompanhamento fez parte da minha experiência na escola e me ajudou a perceber a importância de aproveitar as oportunidades de aprendizado. Ao reconhecer que poderia ter me dedicado mais aos estudos, também compreendo que as escolhas feitas ao longo da vida podem nos ensinar sobre aquilo que desejamos para o futuro.

Com a conclusão do Ensino Médio, pretendo seguir outro caminho, diferente da área de Informática. Ainda que meus planos tenham mudado desde a infância, continuo construindo minhas perspectivas para os próximos anos.

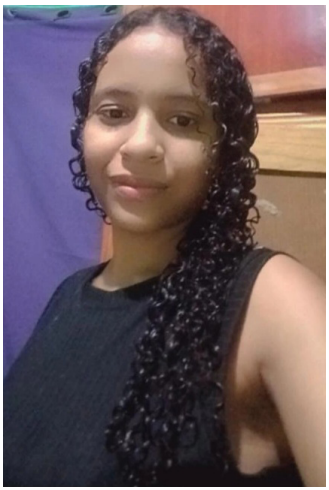
Dessa trajetória, quero deixar para trás as coisas ruins que aconteceram e levar comigo aquilo que foi bom: os aprendizados, as memórias e as experiências

vividas. São lembranças que fazem parte da minha história e que permanecerão comigo depois da escola.

Entre os sonhos da infância, as escolhas que fiz e as pessoas que me incentivaram, reconheço que minha passagem pela Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim deixou aprendizados importantes. Sigo para uma nova etapa, levando as boas lembranças e a consciência de que a dedicação aos estudos pode fazer diferença na construção do futuro.

ENTRE A MATERNIDADE E OS CAMINHOS QUE AINDA VIRÃO

Maria Eduarda Pinheiro Ramos



Meu nome é Maria Eduarda Pinheiro Ramos, tenho 17 anos. Nasci e cresci em Itaobim, Minas Gerais, onde vivi minha infância e comecei a construir minha história. Desde pequena, meu maior sonho era sair da casa dos meus pais e ter minha própria casa. Com o passar do tempo, minha vida tomou novos rumos e recebi um presente muito importante: minha filha. A chegada dela passou a fazer parte dos meus sonhos e das minhas responsabilidades.

Entre as lembranças que guardo da infância, estão os momentos em que eu e minhas amigas íamos para a escola. São recordações de uma época que fez parte da minha formação e que ainda permanece na minha memória.

Cheguei à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim por indicação das minhas amigas. Elas me falaram da escola, resolvi conhecer e gostei. Desde o início, fui me adaptando bem ao ambiente escolar e às pessoas com quem passei a conviver.

Durante minha trajetória, os professores e os projetos desenvolvidos na escola tiveram um significado especial. As feiras de Ciências e de Artes estão entre as experiências que mais marcaram minha vida. Foram oportunidades de participar das atividades escolares e vivenciar diferentes formas de aprendizagem.

Ao longo desses anos, fui adquirindo conhecimentos e vivendo experiências como estudante. Minha formação também foi atravessada por mudanças importantes na vida pessoal, especialmente com a chegada da maternidade.

A gravidez tornou mais difícil continuar frequentando a escola. Depois que minha filha nasceu, precisei dedicar meu tempo aos cuidados com ela, e não consegui prosseguir nos estudos como gostaria. Essa mudança interferiu na continuidade da minha trajetória escolar.

Também não tive a oportunidade de participar ativamente das aulas específicas do curso técnico em Informática, pois estava de licença gestação e fiz muitas atividades em casa. Sei que perdi a parte prática e que fará falta. Embora essa formação faça parte das possibilidades oferecidas pela escola, infelizmente eu não consegui participar de muitas aulas.

Quando penso no Ensino Médio, vejo essa etapa como um ciclo de autodescoberta, resiliência e amadurecimento. Mesmo com as dificuldades que encontrei, reconheço a importância das experiências vividas e dos aprendizados que construí.

Hoje, minha prioridade é cuidar da minha filha e oferecer a ela o melhor que eu puder. Não tenho planos imediatos para uma carreira profissional. Prefiro pensar nisso mais adiante, quando tiver condições de organizar melhor essa parte da minha vida.

Uma área que desperta meu interesse é a de babá. Acho interessante cuidar de crianças, porque é uma atividade que proporciona distração e, ao mesmo tempo, exige muita responsabilidade. É uma possibilidade profissional que considero para o futuro.

Ainda não tenho uma resposta definida sobre onde estarei daqui a cinco ou dez anos. Minha vida continua em processo de construção, e sei que muitas coisas poderão mudar com o tempo. Por enquanto, estou concentrada nas responsabilidades e nas escolhas do presente.

Ao olhar para minha trajetória, penso na importância de deixar para trás aquilo que pertence ao passado e escolher o que desejo levar para a próxima fase. Para mim, esse processo envolve autoconhecimento e amadurecimento, porque cada experiência pode ensinar alguma coisa sobre a vida.

Aos estudantes que ainda passarão pela Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim, gostaria de deixar uma reflexão: o conhecimento é uma jornada viva e coletiva. Aquilo que aprendemos não se constrói apenas individualmente, mas também nas experiências e nas relações que estabelecemos com outras pessoas.

Minha história ainda está sendo escrita. Entre as lembranças da infância, as experiências escolares e a chegada da minha filha, tenho vivido mudanças que fazem parte de quem sou. Neste momento, meu caminho está voltado principalmente à maternidade, mas isso não significa que meus sonhos tenham terminado.

Ainda existem possibilidades que poderei conhecer e escolhas que farei no meu próprio tempo. Por enquanto, sigo cuidando da minha filha e construindo, a cada dia, uma nova etapa da minha vida.

O SONHO CONTINUA

Alane Vitória Lima de Oliveira



Meu nome é Alane, tenho 18 anos e nasci em Itaobim, Minas Gerais, onde também cresci. Quando penso na minha infância, lembro das muitas brincadeiras que faziam parte dos meus dias e que hoje já não existem como antes. São lembranças de uma fase da vida que guardo comigo.

Desde criança, meu maior sonho é ser advogada. O tempo passou, muitas coisas mudaram, mas esse desejo continua presente. Ainda tenho o mesmo sonho e espero poder realizá-lo no futuro.

Ao olhar para minha trajetória, reconheço que minha família teve uma importância muito grande na pessoa que sou hoje. Meus primos estão entre as pessoas que mais me transformaram. São parte da minha história e das experiências que contribuíram para quem me tornei.

Minha chegada à Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim foi muito transformadora. Foi uma etapa importante da minha vida, na qual encontrei novas experiências e oportunidades de aprendizagem.

Nem sempre foi fácil continuar estudando. Houve momentos em que permanecer na escola se tornou um pouco difícil, mas consegui prosseguir por causa dos meus filhos. Eles são uma das principais razões pelas quais continuo buscando concluir essa etapa.

Entre os acontecimentos que marcaram minha trajetória escolar, guardo a participação no projeto Agora no Ringue. Essa experiência ficou na minha memória como parte das atividades que vivi na escola.

Durante o Ensino Médio, descobri muitas coisas sobre mim. Foram anos de mudanças e aprendizados que contribuíram para minha formação.

O curso técnico em Informática também fez parte desse percurso. Considero que foi uma experiência necessária e gostei muito dessa formação. São conhecimentos e vivências que levo comigo.

Agora, ao chegar à conclusão do Ensino Médio, sinto orgulho por ter conseguido chegar até aqui. Essa conquista tem um significado importante, especialmente quando lembro das dificuldades que enfrentei e das razões que me fizeram continuar.

Depois de concluir os estudos, pretendo trabalhar na área de Informática. Embora meu sonho de infância seja a advocacia, também tenho interesse nessa área profissional e quero buscar oportunidades relacionadas à formação que recebi.

Sei que, para alcançar meus objetivos, precisarei me dedicar mais. A dedicação faz parte daquilo que considero necessário para construir o futuro que desejo.

Quando imagino minha vida daqui a cinco ou dez anos, espero estar bem, com uma vida organizada, e ter me tornado uma pessoa com possibilidades de seguir em frente.

Ao olhar para tudo o que vivi, desejo deixar para trás aquilo que foi ruim e levar comigo somente as coisas boas. Sei que nem todas as experiências foram fáceis, mas quero continuar minha caminhada sem carregar aquilo que me fez mal.

Para quem ainda passará pela Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim, deixo uma mensagem: não desista, você vai brilhar!

Essa é também uma mensagem que faz sentido para minha própria história. Passei por momentos difíceis, mas nunca quis desistir. Meus filhos, minha família e os sonhos que ainda tenho fazem parte das razões pelas quais continuo.

Existem coisas importantes sobre mim que não aparecem em todas as perguntas. Uma delas é que, por tudo de difícil que passei, nunca vou desistir.

Hoje, ao concluir o Ensino Médio, continuo com o sonho de ser advogada, com o desejo de trabalhar na área de Informática e com a vontade de construir uma vida melhor. Ainda tenho caminhos pela frente, mas sei que chegar até aqui já representa uma conquista importante.

Por tudo de difícil que passei, nunca vou desistir.

POSFÁCIO

DO CHÃO DA ESCOLA PÚBLICA AO HORIZONTE DO MUNDO: CARTA A VOCÊ, ALUNA E ALUNO

Chegar ao fim do ensino básico escolar é uma conquista que nunca deve ser lida apenas como a simples virada de uma página na vida. Para quem habita e constrói a escola pública diariamente, essa travessia carrega marcas profundas, rostos concretos e batalhas silenciosas que raramente entram nos discursos formais de formatura. Este livro guarda mais do que registros pessoais; ele acolhe a memória viva de corpos que insistem. Insistem em aprender apesar da defasagem no processo de ensino e aprendizagem, da jornada dupla entre os estudos e o trabalho formal ou informal, da falta de recursos e da incerteza sobre o que o amanhã reserva na mesa e no futuro, das subjetividades incompreendidas que muitas vezes atravessam o horizonte de situações de depressão, violência, preconceito, gravidez, afetividade e tantas vulnerabilidades que se configuram em exclusão.

Aqui, a vulnerabilidade não é um conceito abstrato: é o calor sufocante que atravessa a janela da sala, a rotina cansativa da educação em tempo integral, a escassez que exige maturidade antes do tempo e a urgência de ter que escolher entre continuar na escola ou não permanecer diante das fragilidades. No entanto, há algo profundamente bonito e transformador quando a vulnerabilidade se encontra com o coletivo. A sala de aula da escola pública torna-se, muitas vezes, o único refúgio onde o afeto e a escuta conseguem vencer a dureza do cotidiano. É ali que a partilha ganha dimensão de comunidade, que o abraço do colega ampara o cansaço do outro e que o olhar atento de professoras e professores lembra a cada jovem a importância da sua existência.

Por outro lado, muitas vezes, a ausência na sala de aula não é a falta de vontade, mas o resultado de um desalento silencioso, um sofrimento psíquico, um esvaziamento de sentido impostos pelas incertezas do cotidiano que retiram dos jovens a energia e o direito de pertencer. O caminho que conduz do chão da escola ao horizonte do mundo não é percorrido de forma solitária. Ele é sustentado pelo afeto e pelo acolhimento. O cotidiano escolar e o currículo vivido tecem uma extensa rede de subjetividades; uma teia humana composta

por escuta, solidariedade, memórias compartilhadas e laços construídos entre estudantes, professoras e professores, supervisão, administrativo, assistentes de serviços básicos (ASBs), direção, enfim, por toda a comunidade escolar.

Nessa perspectiva socioeducativa, o aprendizado se transforma em *poiesis*: uma criação viva e transformadora de sentidos. A construção da subjetividade é profundamente marcada pela alteridade. Revisitando a sabedoria ancestral de que "uma pessoa só é uma pessoa por meio de outras pessoas", compreendemos que o afeto, o pertencimento e o reconhecimento do outro são as verdadeiras bases que sustentam o sujeito diante das adversidades do mundo. Ao fechar este ciclo, este posfácio convida cada formanda e formando a olhar para trás com gratidão pelo chão percorrido e para frente com a coragem do devir. Que o fim desta etapa não apague a chama dessa busca, mas renove em cada um a coragem de caminhar sem medo, compreendendo que buscar o saber é, antes de tudo, um ato corajoso, esperançoso e apaixonado por conhecer e abraçar o outro.

"Ler o mundo", como ensina a tradição da educação popular, antecede a leitura da palavra e fundamenta a verdadeira cidadania democrática. Que a conclusão do Ensino Médio na Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim tenha sido para você, aluna e aluno, o ponto de partida da transformação das suas vulnerabilidades em potência crítica, afetiva e poética, ocupando com autonomia, dignidade e esperança o vasto horizonte do mundo.

Sou muito grato a Deus por ter feito parte desse horizonte tão desafiante e, ao mesmo tempo, tão significativo na vida de vocês. Para além das notas, dos conteúdos aprendidos, a maior e mais profunda satisfação de quem ensina reside em testemunhar o desabrochar humano de cada aluno. Ver um jovem que chegou tímido, desiludido ou marcado pelas incertezas da vida aprender a erguer a cabeça, articular sua própria voz, cultivar a empatia e reconhecer o seu papel no mundo é o que verdadeiramente dá sentido ao fazer pedagógico.

Não posso deixar de render *gracias* à nossa querida diretora Tita. Confesso que achei impossível a concretização deste livro. No início, era apenas uma ideia de criar um texto em formato de livro de bolso, mas ela, por acreditar na educação e sonhar mais do que os próprios alunos, fez com que a vida de cada um e cada uma, retratada em cada página, se tornasse uma memória eternizada.

Finalizo como um professor de Língua Portuguesa que ama a linguagem e, por isso, vou recorrer à raiz etimológica da palavra 'aluno' (como bem sabem os meus alunos, eu adoro a etimologia das palavras... "risos") que carrega em si um significado e revela uma beleza profunda e generosa: vinda do latim *alumnus* - derivada do verbo *alere*, que significa "nutrir", "alimentar" e "fazer crescer" -, ela nos ensina que ser aluno é estar em constante estado de acolhimento e

expansão, deixando-se alimentar pelas experiências, pelas perguntas e pelos desvelamentos. Sob esse olhar, ninguém jamais deixa de sê-lo. De certa forma, somos todos eternos alunos diante da imensidão da vida, seres em permanente construção que se nutrem do conhecimento e do encontro com o outro.

Ricardo Alves Benitez
Professor de Língua Portuguesa
Escola Estadual Professora Deys Lopes Jardim
Itaobim – MG, 05 de outubro de 2026.

À PRIMEIRA TURMA CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO EM TEMPO INTEGRAL – TÉCNICO EM INFORMÁTICA DA E.E. PROFA. DEYS LOPES JARDIM

Rosinalva Neres Rocha

As juventudes estudantes que escrevem estas páginas talvez ainda não percebam a dimensão histórica das suas presenças. No futuro, quando outras turmas ocuparem estes mesmos espaços, seus nomes permanecerão como os daqueles que inauguraram uma trajetória.

Foram as primeiras a transformar uma possibilidade em realidade, a escrever os primeiros capítulos de uma história que continuará sendo construída por muitas outras gerações.

Que nunca lhes falte a coragem de aprender, de recomeçar, de sonhar e de seguir adiante. Que levem consigo as memórias aqui registradas como lembrança de onde vieram e como inspiração para os caminhos que ainda irão construir.

Este livro não encerra uma história.

Ele apenas registra o momento em que uma geração decidiu transformar uma vida em memória, uma memória em palavras e palavras em legado.

Sigam confiantes,
O próximo passo começa agora...

E você...

Que história escreverá daqui para frente?

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Rezende Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**: o que as crianças precisam saber sobre os meios de comunicação. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Loyola, 2007.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2013. 392 p.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105–1128, out. 2007. DOI: https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/. Acesso em: 22 mar. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis na sociedade contemporânea.** Petrópolis: Vozes, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. 102 p.

HENRIQUES, Márcio Simeone. **Sobre o Vale do Jequitinhonha.** 2018. Disponível em: https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/o-vale/sobre-o-vale-do-jequitinhonha/. Acesso em: 15 set. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades e Estados**: Itaobim. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/itaobim. Acesso em: 28 fev. 2026.

ITAOBIM. ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA DEYS LOPES JARDIM. **Projeto Político-Pedagógico.** Itaobim, MG, 2026.

MENOITA, Letícia; CASTRO, Natália Fernandes de. **Casa da Juventude de Itaobim/MG**: o cotidiano e a atuação de uma organização que combate a violência sexual de crianças e jovens. São Paulo: Fundação Getulio Vargas – Escola de Administração de Empresas de São Paulo (FGV EAESP), Projeto Conexão Local – GVpesquisa, 2014.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 62, p. 20-31, dez. 2015.

ROCHA, Rosinalva Neres. **As culturas juvenis e os sentidos da escola pública para jovens do ensino médio em um município do nordeste de Minas Gerais.** 2025. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2025.

SALES, Celecina de Maria. **Juventude e corpo**: sociabilidade, linguagem corporal, arte e protestos. 2015. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/52263/1/2015_eve_cmsales.pdf. Acesso em: 17 abr. 2026.

SPOSITO, Marília Pontes. "Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil." *In*: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto da Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção possível. 19. ed. Campinas: Papirus, 2005.

ORGANIZADORES



Rosinalva Neres Rocha
Mestra em Educação pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), graduada em Normal Superior pela Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e em Matemática pela Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES). Possui especializações em Psicopedagogia, Supervisão Escolar, Inspeção Escolar e Educação Especial. É pesquisadora vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação: Políticas, Práticas Inclusivas e Atividade Pedagógica (GEPEPIPA/FURG), com estudos voltados às juventudes, à inclusão, às diferenças, às práticas culturais e às políticas educacionais. Sua trajetória articula a pesquisa acadêmica à experiência na educação pública, com especial atenção às vozes, às vivências e aos sentidos atribuídos à escola por seus sujeitos.



Ricardo Alves Benitez
Mestrando em Ensino e especialista em Teoria e Método de Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Possui Licenciatura em Letras Português/Inglês pela Universidade Tiradentes (UNIT), Campus da Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC).



Andreia Alves Costa
Professora da Educação Básica, cuja trajetória reúne experiências e conhecimentos de diferentes áreas. Licenciada em Letras – Português, Inglês e Espanhol pela Universidade Paulista (SP), é bacharela em Direito pela FENORD, com pós-graduação em Direito Internacional e Direito do Consumidor. É também bacharela em Administração de Empresas pela Universidade São Judas Tadeu (SP), com pós-graduação em Recursos Humanos e Marketing. Encontra na educação sua realização profissional e pessoal, compreendendo o processo educativo como uma experiência de aprendizagem recíproca. Como expressa: “Me realizo na educação, pois, além de ensinar, aprendo todos os dias com as vivências e experiências de vida dos meus alunos.”



EDITORA
SCHREIBEN